



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA



**OS TEMPOS DA CIDADE ENTRE A QUARESMA E O CARNAVAL.
A MICARÊME DE LARANJEIRAS (SE) ENTRE AS DÉCADAS DE 1930 A
1945.**

Hildênia Santos de Oliveira

**São Cristovão
Sergipe – Brasil
2014**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

O48t Oliveira, Hildênia Santos de
Os tempos da cidade entre quaresma e o carnaval. A micarême de Laranjeiras (SE) entre as décadas de 1930 a 1945 / Hildênia Santos de Oliveira ; orientadora Janaína Cardoso de Mello. – Laranjeiras, 2014.
161 f. : Il.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, 2014.

1. História – Cultura - Brasil. 2. Carnaval – Laranjeiras, SE. 3. Identidade social – Sergipe. I. Mello, Janaína Cardoso, orient. II. Título.

CDU 94(813.7):394.25



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA



Hildênia Santos de Oliveira

**OS TEMPOS DA CIDADE ENTRE A QUARESMA E O CARNAVAL.
A MICARÊME DE LARANJEIRAS (SE) ENTRE AS DÉCADAS DE 1930 A
1945.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em História, na Área de Concentração Cultura e Sociedade.

Orientador: Janaina Cardoso de Mello

**São Cristovão
Sergipe – Brasil
2014**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA



Hildênia Santos de Oliveira

**OS TEMPOS DA CIDADE ENTRE A QUARESMA E O CARNAVAL.
A MICARÊME DE LARANJEIRAS (SE) ENTRE AS DÉCADAS DE 1930 A
1945.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em História, na Área de Concentração Cultura e Sociedade.
Orientador: Janaina Cardoso de Mello

Aprovada em _____ de _____ de _____

Prof. Dr. Petrônio José Domingues
(UFS)

Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard
(UFRJ)

Prof.^a Dr.^a Cristina de Almeida Valença Cunha Barroso

RESUMO

O trabalho apresenta um estudo sobre as festas carnavalescas no Brasil, do entrudo à profissionalização do carnaval na capital do país, com o enfoque para a Micarême de Laranjeiras/SE – Brasil, nas décadas de 1930/1945, período de surgimento e estruturação da festa carnavalesca na cidade, e a partir dessa festa, entender quanto o carnaval carioca e sua profissionalização influenciou a criação da Micarême. A Micarême de Laranjeiras/SE configura-se então como uma festa carnavalesca que ocorre desde 1930, surgindo a partir de times de futebol da cidade, e com a influência das manifestações culturais existentes no município de Laranjeiras. Entender como as políticas de governo de Getúlio Vargas, que utilizou-se não só do carnaval, mas também do rádio e do futebol, na tentativa de uma construção de uma identidade nacional interferiu na Festa configura-se no objetivo primordial dessa pesquisa.

Palavras-chaves: Micarême; festa; carnaval; futebol; Getúlio Vargas.

ABSTRACT

The paper presents a study on the Carnival celebrations in Brazil, the shrovetide Carnival professionalization in the capital of the country, with the focus to the Micarême of Laranjeiras/SE-Brazil, in the decades of 1930/1945, period of emergence and Structuration of the Carnival celebration in the city, and from that party, to understand how the Carnival and its professionalization influenced the creation of the Micarême. The Micarême of Laranjeiras/SE so configured as a Carnival party that occurs since 1930, emerging from soccer teams in the city, and with the influence of cultural manifestations in municipality of Laranjeiras. Understand how the policies of Government of Getúlio Vargas, which was used not only of the Carnival, but also from the radio and football, in an attempt of a construction of a national identity interfered in party configures the primary objective of this research.

Keywords: Micarême; party; Carnival; football; Getúlio Vargas.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Entrudo na Rua do Ouvidor.....	27
Figura 2: <i>Games During the Carnival at</i> Rio de Janeiro.....	28
Figura 3: Entrudo.....	28
Figura 4: jornal vida Laranjeirense – 1931.....	43
Figura 5: jornal vida Laranjeirense – 1933.....	44
Figura 6: jornal vida Laranjeirense – 1931.....	46
Figura 7: jornal vida Laranjeirense – 1933.....	48
Figura 8: texto sobre Wilson Batista.....	53
Figura 9: Time do Bangú.....	61
Figura 10: Cartaz de Publicidade do Campeonato de Futebol 1914.....	62
Figura 11: Estádio Lotado em 1915.....	62
Figura 12: Jornal Laranjeirense 1930.....	83
Figura 13: Jornal Laranjeirense 1935.....	84
Figura 14: Jornal Laranjeirense 1935.....	84
Figura 15: Fotografia do Bloco Laranjeirense, 1943.....	90
Figura 16: Imagem do desfile de corsos na Avenida Rio Branco, RJ.....	92
Figura 17: Bloco Botafogo, Laranjeiras, 1945.....	94
Figura 18: Veículo Alegórico, Laranjeiras.....	94
Figura 19: Veículo Alegórico, Laranjeiras 1940.....	95
Figura 20: Moça brincante com Estandarte, Laranjeiras.....	96
Figura 21: Moça brincante, Laranjeiras.....	96
Figura 22: Crianças na Micarême, Laranjeiras, 1943.....	97
Figura 23: Brincantes nos blocos, Laranjeiras.....	98

Figura 24: Nota sobre o Carnaval do Rio de Janeiro em 1945.....	99
Figura 25: Carro Alegórico do Bloco Laranjeirense.....	100
Figura 26: Dança dos Brincantes na Micarême.....	101
Figura 27: Desfile do Bloco Laranjeirense.....	103
Figura 28: Apresentação dos Brincantes da Micarême, Bloco Botafogo.....	103
Figura 29: Apresentação dos brincantes do Bloco Ninho dos Gaviões.....	104
Figura 30: Porta-Estandarte – Bloco Laranjeirense.....	105
Figura 31: Porta-Estandarte – Bloco Bofogo.....	106
Figura 32: Porta-Estandarte – Bloco Ninho dos Gaviões.....	106
Figura 33: A multidão e banda.....	107
Figura 34: A multidão e os brincantes.....	108
Figura 35: A multidão no desfile.....	108
Figura 36: Passista, Bloco Ninho dos Gaviões.....	109
Figura 37: Passista, Bloco Ninho dos Gaviões.....	109
Figura 38: Ala da Bainanas, Bloco Ninho dos Gaviões.....	110
Figura 39: Profº Kadu, Bloco Ninho dos Gaviões.....	111
Figura 40: Baianas, Bloco Ninho dos Gaviões.....	112
Figura 41: Destaque no Carro Alegórico, Bloco Ninho dos Gaviões.....	112
Figura 42: Passista, Bloco Laranjeirense.....	113
Figura 43: Passista, Bloco Laranjeirense.....	113
Figura 44: Baliza, Bloco Laranjeirense.....	114
Figura 45: Filhos de Gandhi, Bloco Laranjeirense.....	114
Figura 46: Orquestra, Bloco Laranjeirense.....	115
Figura 47: Pierrôs, Bloco Laranjeirense.....	116
Figura 48: O anjo, Bloco Laranjeirense.....	117

Figura 49: Destaque com harpas, Bloco Laranjeirense.....	117
Figura 50: Destaque, Bloco Botafogo.....	119
Figura 51: Reino das águas, Bloco Botafogo.....	119
Figura 52: Orquestra, Bloco Botafogo.....	119
Figura 53: Brincantes, Bloco Botafogo.....	120
Figura 54: Destaque no ensaio geral, Bloco Botafogo.....	121
Figura 55: Baliza e Porta-Estandarte, Bloco Botafogo.....	121
Figura 56: Brincantes com bastões, Bloco Águia de Ouro.....	122
Figura 57: Destaque, Bloco Águia de Ouro.....	123
Figura 58: Performance, Bloco Águia de Ouro.....	124
Figura 59: Performance central, Bloco Águia de Ouro.....	124
Figura 60: Destaque, Bloco Águia de Ouro.....	125
Figura 61: Rainha da Orquestra, Bloco Águia de Ouro.....	126
Figura 62: Jornal A Voz dos Municípios, fl.03, maio de 2010.....	128
Figura 63: Jornal A Voz dos Municípios, fl.09, maio de 2010.....	129
Figura 64: Jornal O Liberal.....	130
Figura 65: Ata de criação da Associação Recreativa e Cultural Laranjeirense..	131
Figura 66: Banner com os nomes dos colaboradores do Bloco Laranjeirense.....	132
Figura 67: Banner com imagens dos fundadores do Bloco Laranjeirense.....	133

À Mainha (Hilda) que me apresentou à Micarême primeiro ao coração, a Painho (Joaquim) que me ensinou a sorrir e gostar de carnaval, e ao meu amor (Carlos Bomfim) que me ensinou a leveza da vida, e que a vida é uma festa.

AGRADECIMENTOS

Saber agradecer é algo superior e difícil, pois quando agradecemos sempre escapa alguém importante nessa jornada, com uma lista sem fim das pessoas importantes em nossas vidas, e principalmente os que acompanham a vida acadêmica.

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora das Dores aos quais recorro em todos os momentos.

A CAPES, pela oportunidade de ser bolsista, onde facilitou a minha pesquisa através de compras de livro e participação de eventos acadêmicos.

Gostaria de agradecer aos professores Fernando Sá, hoje atual coordenador do Programa e modificou o formato de coordenar, proporcionando uma mudança considerável ao Prohis, ao Profº Augusto pelas aulas tão leves, Petrônio Domingues pelas aulas e pelas indicações de leituras, os quais me proporcionaram uma grande intimidade com a historiografia mundial.

Tenho um agradecimento solene e especial a minha orientadora e amiga querida Janaína Cardoso de Melo que me incentivou a produzir dentro e fora dos muros da Universidade, gostaria de agradecer pela sua generosidade e bondade durante toda a minha vida acadêmica, espero ser um terço da profissional que você é, competente, generosa e companheira, muito, muito obrigada.

Agradeço aos meus colegas de turma que se tornaram amigos, amizade construída durante esses dois anos, saudades das conversas durante os cafés de intervalo das aulas, foram choros e risadas compartilhadas em especial a Carla Darlen, Priscila Guarino, Leonardo Matos, Aline, agradeço a Natália, Secretaria do Prohis pela paciência nas matrículas, dúvidas e loucuras nesse processo.

De forma muito carinhosa agradeço a minha mãe Hilda por ter acreditado sempre que eu alcançaria qualquer espaço que almejasse e pelo carinho e paciência nos momentos difíceis durante o curso inclusive quando me dizia “isso é bico” e eu sempre respondi “de chaleira quente”, ao meu sobrinho, filho e afilhado João Victor pela alegria em todos os momentos.

Ao meu namorado Carlos Bomfim por todo amor, paciência, cumplicidade e por ter incentivado em todos os momentos mesmo quando precisei por diversas vezes viajar para participar de eventos, quando ficava chata e chorava, quando achava que não conseguiria, por tudo isso, muito obrigado, te amo muito e quero compartilhar o resto da minha vida com você.

As minhas amigas queridas Luana grande companheira de viagem e de confidências, a minha amiga confidente, companheira de viagens e de risadas Giceli Andrade, e Silvia minha grande companheira que está presente em todas as horas, ao meu querido amigo Neu Fontes pela divisão de conhecimento e pela generosidade de coração o meu mais sincero obrigado.

Por fim agradeço a todos que fazem a Micarême de Laranjeiras, pela alegria espalhada todos esses anos, contagiando a todos que a conhecem. Agradeço a todos que direta e indiretamente contribuíram para a conclusão da minha dissertação.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo I – Festas Carnavalescas: Do Entrudo a Micarême de Laranjeiras.....	19
1.1. Os carnavais no Brasil.....	19
1.2. A Cidade de Laranjeiras e suas Manifestações Culturais.....	24
1.3. A Micarême em Laranjeiras.....	26
1.4. Os Caminhos da Folia.....	27
1.5. A História dos Hinos.....	32
1.6. Como a Imprensa Noticiou a Micarême.....	34
1.7. Getúlio e as Políticas Públicas.....	42
Capítulo II – Brasil O País do Futebol.....	50
2.1. O Brasil e o Futebol.....	50
2.2. Clubes e Órgãos Reguladores.....	51
2.3. Preconceito e Racismo nos Campos Brasileiros.....	56
2.4. Getúlio com a Bola nos Pés e o País nas mãos.....	58
2.5. O Rádio e o Futebol: Veículo de Massa que Convenceu.....	60
2.6. Analfabetismo no Futebol Nacional.....	64
2.7. Futebol Sergipano.....	65
Capítulo III – À Luz das Lentes: Representação Social através das Lentes.....	85
3.1. Carta a Noel por Martinho da Vila.....	85
3.2. O “Coletivo” nas lentes da fotografia: imagem como representação.....	87
3.3. A Micarême e a Imprensa na Atualidade.....	127
Considerações Finais.....	135
Inquietações Finais (pessoais).....	139
Referências Bibliográficas.....	143
Anexos.....	150

INTRODUÇÃO

*Ó abre alas
Que eu quero passar
Ó abre alas
Que eu quero passar*

*Eu sou da Lira
Não posso negar
Eu sou da Lira
Não posso negar*

(Ó abre alas – Chiquinha Gonzaga)

Nada melhor do que iniciar este escrito com uma marchinha carnavalesca uma vez que adentraremos o reino do profano para tratar de um estudo sobre a Micarême de Laranjeiras no período de 1930 a 1945. Conduzidos nesse compasso realizamos uma pesquisa preliminar sobre as festas carnavalescas no Brasil e sobre os elementos que permearam a Micarême, como o samba e a música popular brasileira, o carnaval e o futebol, elementos motivadores de grandes paixões nacionais e essenciais para a realização dessa festa em Laranjeiras-SE.

A Micarême é uma festa urbana que ocorre em Laranjeiras desde 1930, com recursos da comunidade local visando à diversão e a manutenção das tradições locais. Essa comemoração acontece após o período da Quaresma, remontando às antigas celebrações medievais de algumas aldeias francesas. Não, não iremos *parler en français*, mas sim falar dos festejos, dos blocos e dos carros alegóricos que desfilam pelas ruas da cidade, acompanhados por bandas de frevo ensejando uma grande animação social.

Nesta manifestação cultural preservam-se memórias coletivas que podem ser captadas, coletadas ou registradas através de entrevistas e monumentos (LE GOFF, 2000). Os registros da memória coletiva, tais como os monumentos, representam aquilo que foi selecionado por uma dada coletividade para ser perpetuado pela recordação para gerações vindouras. E sob que aspecto o quanto uma memória festiva pode ser duradoura?

Em termos de relevância acadêmica, a escolha do objeto se justifica por ainda não existir outro trabalho mais aprofundado na área da História do Brasil República e, especificamente, da História de Sergipe enfocando o tema. Por isso, esta pesquisa pretende contribuir para a preservação da identidade cultural, descortinando

informações que possam melhorar a compreensão de elementos simbólicos constitutivos da cultura local.

Mas haveria uma particularidade/exclusividade na Micarême laranjeirense? Ora, o conceito de singularidade imiscui-se na tônica do social ao ser confrontado com a defesa da “memória coletiva” quando Halbwachs (2006), ao afirmar que a “memória individual” existe sempre a partir de uma memória coletiva, propõe que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo, cuja origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões atribuídas à individualidade são, na verdade, inspiradas pelo grupo.

Para Le Goff (2000) a memória coletiva pode tornar-se um documento, uma fonte de pesquisa, pois “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história”. Os registros da memória coletiva, tais como os monumentos, representam aquilo que foi selecionado por uma dada coletividade para ser perpetuado pela recordação.

Portanto, tomando como base esses conceitos iniciais, o trabalho com a memória da Micarême de Laranjeiras apresenta-se como a história de vários grupos enredados em uma memória coletiva.

Diante do que foi posto acima, pretende-se estudar a forma pela qual a cidade de Laranjeiras adotou essa modalidade de carnaval entre seus festejos tradicionalmente compostos por manifestações populares enraizadas como a Taieira, o Reisado, a Chegança, o São Gonçalo, o Cacumbi, o Lambe-sujo e Caboclinhos. O surgimento da Micarême poderia ser entendido como resultado da plasticidade das identidades culturais subjacentes no município? A Micarême seria um laboratório criativo de experiências culturais diversificadas, imigrantes e ao mesmo tempo condensando alguns elementos da tradição local?

Pautados nesta discussão, a partir da História Cultural, nosso “roteiro carnavalesco” buscará perceber como a sociedade laranjeirense, durante a década de 1930, vivenciava a relação entre memória e tradição frente à dinamicidade da cultura e os processos de reinvenção da festa. Para que nossos olhos acostumem-se ao movimento das serpentinas, a metodologia decorrerá da pesquisa documental sobre o surgimento dos blocos, alicerçando-se no estudo relacional baseados em entrevistas e histórias de vida sobre futebol/carnaval/rádio/micarême, culminando com uma análise iconográfica da festa nas tramas do contexto histórico que enlaça a cidade ao longo das

décadas de 1930 a 1945, identificando ainda as relações de poder subjacentes à cultura da festa.

A historiografia dedicada aos estudos culturais contemporâneos vem abordando as festas e especificamente os carnavais na seara da resignificação de tradições e memórias coletivas. Os estudos sobre a subjetividade ganham espaço no universo acadêmico a exemplo de pesquisas voltadas para as sociabilidades das festas, representações sociais das manifestações culturais, dentre outras.

Em Sergipe, os trabalhos sobre o carnaval trataram de analisar os blocos carnavalescos da capital e de algumas cidades do interior ao final do século XIX e início do Século XX como informam os textos de Luiz Antônio Barreto (2006) sobre os carnavais em Aracaju e a organização dos desfiles de Corso¹.

Um estudo mais recente que trata sobre a Micarême em Sergipe é o Trabalho de Conclusão de Curso de Marilene das Graças Vasconcelos '*Carnavais fora de época em Itabaiana: da Micareme a Micarana* (1950-2002) abordando o carnaval de Itabaiana que se transformou em Micareta, como ocorreu em praticamente todo o Brasil, ressaltando a Micarême de Laranjeiras como a única que resistiu à passagem do tempo em Sergipe.

Aos seus 84 anos, a Micarême de Laranjeiras manteve-se viva em função da população laranjeirense, reinventando a tradição de seu corso, mantendo as características dos desfiles com um passo marcado, ao ritmo do frevo e das marchinhas, se reelaborando a cada ano, mas também conservando algumas de suas características principais no processo do dinamismo cultural, onde hibridez de sentidos e manutenção de tradições convivem no momento da pândega, deixando todavia, no esquecimento os tradicionais times de futebol laranjeirenses que originaram os ranchos da Micarême em Laranjeiras.

O presente trabalho escolheu inicialmente como recorte temporal a década de 1930 por ter sido o marco cronológico determinante para o surgimento e consolidação da Micarême em Laranjeiras, mas ao longo da pesquisa sentiu-se a necessidade de uma ampliação do recorte cronológico, pois somente a década de 1930 não respondia aos questionamentos levantados pela pesquisa, então embasados nas leituras e pesquisas optamos por acompanhar o Governo Vargas de 1930 a 1945, tecendo os fios da

¹ Desfile de carros enfeitados e cheios de moças e rapazes, desfilando em um roteiro pré- estabelecido nas principais ruas de Aracaju.

trajetória dessa festa para entender as influências do Programa de Governo de Getúlio Vargas na Micarême.

Esse período de tempo incidiu sobre o formato da festa, as escolhas da sociedade e a influência das marchinhas de carnaval que durante as décadas de 1930 e 1940, tocavam nas rádios de todo o país nas vozes de Ary Barroso, Joubert de Carvalho, Carmem Miranda, Vicente Paiva entre outros. Nesse contexto:

a chegada de Vargas à presidência do país na década de 1930 influencia a cultura, sendo conduzida a forjar uma identidade nacional livre de influências estrangeiras e que tinha como centro de produção e radiação o Rio de Janeiro (MARQUES, 2006).

Tais fatos remontam também ao momento de encantamento vivido com o futebol profissional naquele contexto (NEGREIROS, 2003), uma vez que os ranchos da Micarême de Laranjeiras originaram-se dos times de futebol da cidade. E ainda sobre a questão do intercruzamento do futebol com o carnaval o olhar sobre a análise da autora Heloisa Bruhns (2000) a respeito do modo como esses elementos vêm se transformando ao longo da história, transitando entre as diversas classes e grupos sociais, proporcionará um interessante diálogo, uma vez que de solitário no carnaval, só mesmo o Pierrô que ficou sem sua Colombina.

Dessa forma, o referido estudo busca, nas diversas fontes encontradas em Sergipe (jornais, atas, fotografias, entrevistas entre outras), compreender como a sociedade laranjeirense assimilou o carnaval sob o formato da Micarême nas décadas de 1930 e 1940, traçando costumes, ritos, práticas, símbolos e representações até então pouco pesquisados no estado.

Alguns trabalhos tratam de festas populares em Laranjeiras², porém, somente uma monografia de graduação em Museologia, por mim defendida na UFS em 2011, tratou da Micarême na cidade com certa profundidade e rigor acadêmico, porém sob uma ótica mais direcionada aos elementos museográficos, por se tratar de um TCC em Museologia, trabalhou-se a criação de um Memorial da Micarême.

Partindo dessa premissa, historiadores, museólogos, geógrafos, antropólogos e cientistas sociais têm destinado esforços para o estudo dos comportamentos sociais, das práticas culturais, das representações sociais e dos ritos das sociedades imiscuídas no festejo carnavalesco.

² Cf. MONTEIRO, s/d; SANTOS JÚNIOR, 2009; FALCÃO, 2006.

Os trabalhos, publicados no Brasil, citados adiante, abordaram a preocupação com o carnaval em diversas partes do país, com visões distintas sobre a festa e as diferentes manifestações carnavalescas que se adequaram aos ritmos e costumes de cada localidade, adquirindo feições diversas Brasil a fora.

A publicação de artigos acadêmicos, livros, monografias, dissertações e teses enriqueceu ainda mais esse campo. Dentre esses, José Carlos Sabe (1986), em seu artigo *Carnaval, Carnavais*, analisou os carnavais e as festas profanas antecessoras ao carnaval; Benoit Goldin (2000) trabalhou uma perspectiva mais próxima do tema dessa pesquisa, mas com foco diferenciado ao abordar em seu artigo *Da Mi-carême ao Carnabeach* a trajetória das micarêmes no Brasil e a sua transformação em micaretas. O trabalho de Osvaldo Trigueiro (2005) relatou o surgimento do carnaval no Brasil desde o entrudo; enquanto o museólogo Márcio Marques (2006), no artigo *A revitalização do carnaval de rua do Rio de Janeiro*, tratou da revitalização dos blocos de rua, refazendo toda a trajetória do carnaval no Rio de Janeiro para explicar a volta dos blocos de rua e o retorno da população às ruas da cidade para a festa momesca; já Débora Vogt (2009) optou por trabalhar com o carnaval na cidade de Santa Cruz do Sul (RS) fazendo uma ponte entre o carnaval no perímetro rural e urbano.

Ainda sobre carnaval, Felipe Ferreira (2005) trabalhou com a conformação da festa carnavalesca em três diferentes cidades: as francesas, Paris e Nice e a brasileira, Rio de Janeiro. O trabalho intitulado *Inventando carnavais* tratou do cenário ao final do século XIX e início do século XX, expondo as transformações ocorridas nos centros urbanos, “que serão perceptíveis no festejo carnavalesco”. Ou seja, “cidade em transformação, carnavais em formação”.

Portanto, Ferreira afirma que o espaço urbano está diretamente articulado ao carnaval, realizando uma “análise da definição processual de lugares carnavalescos na cidade” (2005:11). Além de discutir as relações da burguesia com o mundo. Que de acordo com Ferreira (2005) o carnaval é extremamente importante para as redefinições e disputas simbólicas para a ocupação urbana, expressando estratégias de poder e prestígios, “que agem, digamos assim, com um olho no mundo e outro em sua própria cidade e sociedade”. (2005:11)

Para Ferreira, “a festa carnavalesca da Paris do rei Luís-Filipe era uma espécie de tomada do poder da burguesia, que buscava, com esta comemoração transbordante, marcar seu espaço na cidade que iniciava, então, um ciclo de grandes transformações” (2005:187).

A burguesia parisiense na tentativa de impor à reinvenção da festa, dando contornos milenares à história da folia. Ressalta-se, ainda, que a cronologia da festa carnavalesca criada pela burguesia parisiense do século XIX irá buscar seus referenciais na sociedade da Antiguidade Clássica, especificamente em Roma. Sendo Roma referência ao carnaval burguês, o calendário cristão é respeitado, apesar da reformulação da festa, mantendo-se o período de penitência que antecede a Quaresma.

Ainda segundo Ferreira (2005), o carnaval brasileiro passa por uma resignificação no século XIX. Inspirada pelo carnaval europeu, sob pressupostos elitistas, a nova concepção de festa carnavalesca brasileira, baseada numa visão de civilidade, aliada ao governo republicano brasileiro que inicia um combate às tradições culturais afro-brasileiras. Assim, os batuques e os candomblés são colocados na ilegalidade. Segundo Mary Del Priore,

o entrudo, comemoração pública na qual os negros participavam como coadjuvantes, nas festas de momo ou na condição de alvo das brincadeiras de água-de-cheiro, começa a perder adeptos na elite, que passa a frequentar os bailes de salão, com sepertina e confete, à moda veneziana (PRIORE, 2001:273)

Maria Isaura Pereira de Queiróz apresenta em *Carnaval brasileiro* (1992), um olhar panorâmico sobre as várias dimensões da festa carnavalesca no Brasil, desde o entrudo, o carnaval burguês e o carnaval popular. A autora trabalha com a organização e a inserção da festa na sociedade brasileira. No trecho abaixo podemos perceber o quanto esse processo de tentativa de civilização pela elite brasileira acaba por ter uma resolução diversa da pretendida.

No fim dos anos 30, o curso da avenida Paulista foi se tornando cada vez mais “misturado”; em muitos dos carros, havia gente que, pela maneira de se vestir e comportar, contrariava as regras da “nossa” classe social. A “promiscuidade” se tornava intolerável e as famílias da camada superior se retiravam pouco a pouco das ruas, deixando para o “povo” a celebração carnavalesca de desfiles. (...) À evasão das camadas superiores foi extinguido o curso, foi diminuindo a expressão do desfile das sociedades carnavalescas. O Carnaval “de rua” da burguesia apagou-se totalmente. (QUEIRÓZ, 1992: 18-9)

Debora Vogt (2009), trabalhando a burguesia parisiense, atestou que a burguesia vinculada à reinvenção do carnaval no século XIX, de certa forma também estava ligada à revolução trabalhista, pelo viés de grupos adeptos à industrialização, percebendo-se no interior desse grupo o interesse em disciplinar o operariado, com o objetivo de ordenar o que estava fora da ordem, através imposição da hierarquização da festa.

Outro importante trabalho sobre o carnaval foi publicado em 1980 por Roberto Da Matta, *Carnaval, Malandros e Heróis*. Na obra, o autor nos oferece uma análise sociológica das ritualizações do carnaval, da parada militar e das procissões religiosas no contexto brasileiro:

Essas três semanas festivas sugerem um “triângulo ritual brasileiro”, muito significativo, sobretudo nas suas implicações políticas, uma vez que temos festas devotadas à vertente mais institucionalizada do Estado Nacional (suas Forças Armadas), festas controladas pela Igreja (outra corporação crítica na formação da sociedade brasileira) e, finalmente, as festas carnavalescas consagradas à vertente mais desorganizada da sociedade civil, ou melhor, da sociedade civil enquanto povo ou massa. Observemos, então, que – no melhor estilo da sociedade holística, tradicional e hierarquizada – cada momento festivo e extraordinário remete a um grupo ou categoria social que tem seu lugar garantido, vale dizer, sua hora e vez no quadro da vida social nacional. Teríamos então um ciclo de festividades que vão do povo ao Estado, passando pela Igreja, numa forma organizatória típica de um sistema muito preocupado com o “cada qual no seu lugar” e o “cada macaco no seu galho” (1980: 41-2)

Da Matta (1980), aborda ainda a simbolização e a ritualização dos espaços da casa e da rua, inserindo a inversão da festa carnavalesca brasileira neste contexto. Para tal, cita a frase de Paulo Rigger, no romance *País do Carnaval* de Jorge Amado: “Só me senti brasileiro duas vezes. Uma, no Carnaval, quando sambei na rua. Outra, quando surrei Julie, depois que ela me traiu” (AMADO *apud* DA MATTA, 1980: 69). Pode-se perceber o processo de identificação de Paulo em como o “ser brasileiro” é abordado a partir de dois domínios: a rua (onde ele sambou com uma mulata) e a casa (onde a amante francesa foi surrada). Podemos observar conflitos nos dois espaços. A rua é o local do descontrole, enquanto a casa é a representação do controle e do autoritarismo:

(...) a categoria rua indica basicamente o mundo, com seus imprevistos, acidentes e paixões, ao passo que a casa remete a um universo controlado, onde as coisas estão no seu devido lugar. Por outro lado, a rua implica movimento, novidade, ação ao passo que a casa subentende harmonia e calma: local de calor (como revela a palavra de origem latina lar, utilizada em português para casa) e afeto. E mais, na rua se trabalha, em casa descansa-se. Assim, os grupos sociais que ocupam a casa são radicalmente diversos daqueles do mundo da rua. Na casa, temos associações regidas e formadas pelo parentesco e relações de sangue; na rua, as relações têm um caráter indelével de escolha, ou implicam essa possibilidade. (DA MATTA, 1980: 70).

Da Matta explica que, de fato, “o lugar da amante é na rua, não em casa. E o lugar de cantar e sambar, sobretudo quando se é de classe alta, é uma casa ou um clube,

nunca a rua” (DA MATTA, 1980: 74). Sendo o carnaval o período em que a sociedade brasileira se permite pecar, o momento do êxtase, sobretudo através da dança, do sexo e da alegria, permitidos os excessos somente durante o carnaval.

Não só o Rio de Janeiro era palco das mudanças nas festas carnavalescas, a difusão do carnaval carioca cobriu outros estados. Alexandre Lazzari (2001) demonstra essa propagação em seu estudo sobre o carnaval no Rio Grande do Sul, mais precisamente nas cidades de Pelotas e Porto Alegre, ambientes ligados ao latifúndio e à presença de imigrantes, sobretudo europeus. O trabalho desenvolvido por Lazzari (2001) busca esclarecer as motivações que levaram as elites porto-alegrenses a reinventar um carnaval veneziano no Brasil, levando o autor a perceber na apropriação desse carnaval veneziano a criação de símbolo de identidade nacional na sociedade sul-rio-grandense:

Popularizado por Grandes Sociedades Carnavalescas e celebrado por intelectuais da Corte como símbolo de civilização que viria substituir costumes antigos e “atrasados” como o entrudo, tinha poder de sedução sobre as províncias onde seu significado era adaptado às particularidades culturais e políticas locais. As sociedades carnavalescas Esmeralda e Venezianos foram fundadas em Porto Alegre no ano de 1873, sob inspiração do carnaval da Corte carioca e de cidades europeias e na expectativa de criar uma alternativa mais “civilizada” ao velho jogo do entrudo para a cidade. Desde essa época, passaram a marcar presença com uma festa de bailes de gala e préstitos fantasiados conduzindo carros alegóricos pelas ruas da cidade, reunindo um conjunto selecionado de famílias (...) Além de possuírem uma organização mais eventual e efêmera, também eram peculiaridades destas sociedades porto-alegrenses a sua composição estritamente familiar e baseada em critérios de distinção social, enquanto no Rio de Janeiro tornaram-se associações estritamente masculinas e boêmias. (LAZZARI, 2001: 208-9).

Carlos Eugênio Líbano Soares (2002) pesquisa o carnaval do Rio de Janeiro no século XIX, sobretudo as tensões na Corte, entre ex-escravos capoeiristas e a elite branca da cidade do Rio de Janeiro nos anos de 1809 a 1890. Seu trabalho trata das festas populares do Rio de Janeiro do Século XIX, principalmente em seus períodos de ápice de conflitos. O autor destaca os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, com enfoque para as festas carnavalescas, trazendo como exemplo o período acalorado após a Revolta do Vintém, quando as massas populares, principalmente os capoeiras, ou agrupamentos de negros capoeiristas chamados de “maltas”³, faziam suas próprias leis,

³ Grupos de indivíduos portadores de facas, ou outros instrumentos agressão e conhecedores do que tradicionalmente denominados “golpes de capoeira”, as maltas de capoeira eram figuras indispensáveis na paisagem social da Corte. Controlando espaços determinados da cidade e defendendo-os dos ataques da

pelo fato dos meses serem muito quentes e os portugueses e brancos de modo geral, evitarem sair nas ruas principalmente em horários de maior calor, entre as onze da manhã e as duas da tarde. Com isso, as práticas de capoeira, inibidas pela polícia, tinham uma maior liberdade, mas ainda assim o autor chama a atenção para o fato de que festas populares e conflitos sociais se misturavam no século XIX sofrendo uma forte repressão das autoridades.

Carlos Eugênio Líbano Soares (2002) demarca o início de um carnaval mais elitizado no Rio de Janeiro, a partir de 1850, pois as ruas que outrora eram espaços da “escravaria” numa prática mais próxima do entrudo, passaram a ter grandes desfiles de carros alegóricos, dando partida ao carnaval apoteótico do Século XX. Baseando-se em cronistas, o autor afirma que nesse espaço de manifestação dos negros, invadido por brancos elitistas, passou a existir uma troca de papéis, “(...) podendo inverter os polos de dominação social, fazendo dos brancos respeitáveis alvos de polvilho, bolas de cera e outros “atrativos” carregados de imundices” (SOARES, 2002:299).

Segundo Ferreira (2011), a modernização do carnaval brasileiro é, portanto, um “casamento entre as tradições populares e o modelo estrangeiro, tomando posse do espaço público e se transformando em festa de toda uma cidade, de toda uma população” (FERREIRA, 2011:105).

Rachel Soihet,⁴ em um importante estudo sobre o carnaval, explica que o carnaval é tido como uma manifestação de cunho popular, em um período que a capital do país ansiava por uma remodelação, uma homogeneização, tão esperada por uma burguesia emergente entre final do século XIX e passagem para o XX, a classe dominante desejava estabelecer padrões europeizados, principalmente trazidos da França, transformando assim o Rio de Janeiro em uma cidade civilizada, de acordo com Soihet, tal processo passaria pela eliminação dos —hábitos grosseiros e vulgares, frutos da herança lusa, negra e indígena, símbolos do atraso e do arcaísmo. (SOIHET, 1998).

A historiadora Maria Clementina Pereira Cunha, com o livro “*Ecos da Folia*” (2001)⁵, consegue perceber a complexidade da construção existente entre carnaval como

polícia ou das outras maltas, os capoeiras eram agentes de uma geografia particular da cidade, apanágio da cultura popular urbana carioca do século XIX (SOARES, 2002: 285).

⁴ SOIHET, Rachel. A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

⁵ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia - Uma História social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001;

símbolo de uma identidade nacional, a autora trata-o como algo bastante complexo, pois trata-se de uma série de identidades que procuram se afirmar e diferentes manifestações com significados distintos. A autora identifica o carnaval como um espaço coletivo que acentua as diferenças sociais e os conflitos, revela as tensões e os diálogos com tradições plurais no seio do carnaval.

Não obstante, a festa como objeto de compreensão permeia um campo interdisciplinar de estudos prontos para serem cultivados. Assim, outras obras foram acrescentadas e revisitadas durante o processo de elaboração do trabalho sobre o comportamento da sociedade laranjeirense no compasso da Micarême.

A pesquisa insere-se na perspectiva da História Cultural ao configurar-se como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido, uma vez que as representações podem ser pensadas como: “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990:17).

Compreende-se que a História Cultural é ainda percebida “como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2008:15). Nesse âmbito, a cultura é uma “forma de expressão da realidade que se faz de forma simbólica” (*Op. cit.*:15).

O historiador Peter Burke (2008: 134) assevera que um novo cenário no âmbito da História Cultural proporciona um estudo da política, da violência e das emoções, sendo a última bastante pertinente no estudo da festa sob a ótica dos comportamentos sociais e das representações. O autor declara que as “emoções em uma dada cultura (‘cultura de emoções’ local, como chamam Carol e Peter Stearns) são submetidas a mudanças fundamentais ao longo do tempo” (BURKE, 2008:143). Essas emoções serão observadas nos pormenores ao longo dos primeiros 15 anos de surgimento e subsistência da Micarême em Laranjeiras.

Destarte, percebe-se que, na esfera das representações sociais, as festas podem e devem ser entendidas como “geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real” (PESAVENTO, 2008: 39) através dos ranchos carnavalescos e dos símbolos que os ilustram. Sobre o tema, pronuncia-se Sandra Jatahy Pesavento:

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se

internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Há, no caso do fazer ver por uma imagem simbólica, a necessidade da decifração e do conhecimento de códigos de interpretação, mas estes revelam coerência de sentido pela sua construção histórica e datada, dentro de um contexto dado no tempo. (PESAVENTO, 2008: 41)

Soma-se à justificativa a ideia de que “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, o seu domínio” (CHARTIER, 1990:17). Além disso, os adereços e carros alegóricos pomposos da Micarême, as cores e disputas entre os ranchos nos jornais de Laranjeiras desvelam nuances da estratificação social encontradas na festa.

Alguns termos utilizados por Roger Chartier (1990), como: “representações do mundo social” (*Op.cit.*:17), “representações colectivas” (*Op.cit.*:18), “teatralização da vida social” (*Op.cit.*:21), “representação, prática, apropriação” (*Op.cit.*: 27), “sistemas de representações” (*Op.cit.*, p.56) “análise dos discursos” (*Op.cit.*:77), e “rituais públicos” (*Op.cit.*:194) serão constantemente empregados na pesquisa por se adequarem à problemática proposta.

No que tange à metodologia, a partir de Carlo Ginzburg, em seu livro *Mitos, Emblemas e Sinais* (1989), pode-se compreender o ofício do historiador analogamente ao do detetive Sherlock Holmes, criado pelo escritor britânico Sir Arthur Conan Doyle, que, através de incessante e minuciosa investigação no emaranhado de informações existentes, consegue reconstituir a cena de um crime. De maneira semelhante, o historiador, imerso em diferentes tipologias de fontes, busca delinear o passado de forma concisa com as informações selecionadas e filtradas pelo seu crivo.

Sobre “vestígios da investigação”, Bloch questiona: “o que entendemos efetivamente por documentos senão um “vestígio”, quer dizer, a marca, perceptível aos sentidos, deixada por um fenômeno em si mesmo impossível de captar?” (BLOCH, 2001:73). Assim, nos jornais, atas, fotografias e entrevistas, serão buscados os tais “vestígios” anunciados pelo autor. Aliada a essa busca, há a recorrência a artigos, livros, crônicas, resenhas e memorialistas no decorrer da produção do trabalho.

Circulantes em Laranjeiras, os jornais *Vida Laranjeirense*, *O Laranjeirense* relatavam os acontecimentos cotidianos da sociedade laranjeirense. Esses impressos serão analisados de forma quantitativa, pelo viés da Análise de Conteúdo, também

chamada de “Lexicometria”⁶ “aplicada a documentos históricos como jornais” (BURKE, 2002: 54) observando “com que frequência determinadas palavras-chave ocorrem”. A análise de conteúdo proporcionará notar os termos, o espaço destinado e as formas de representar a festa. Aliada a isso, a pesquisa quantitativa trará o levantamento do número de festas ocorridas na década de 1930, do gênero, da faixa etária e da estratificação social de seus participantes. A Análise do Discurso, por sua vez, fomentará a compreensão dos sentidos existentes, produzidos, porém não traduzidos (ORLANDI, 2005).

As entrevistas realizadas com 20 pessoas, entre elas fundadores e participantes dos ranchos da Micarême que surgiram na década de 1930 como o Ninho dos Gaviões, o Laranjeirense e o Botafogo, integrantes de Escolas de Samba do Rio de Janeiro, como Mangueira, Império Serrano e Vila Isabel (Velha Guarda) são importantes para analisar a memória coletiva.

Concomitantemente, as fotografias existentes da festa “são valiosas, por exemplo, como evidência da cultura material do passado” (BURKE, 2004:29), constituindo uma fonte rica “na reconstrução da cultura cotidiana” (*Op. cit.*:99). Em momento posterior esses registros fotográficos serão utilizados no estudo da representação dos símbolos existentes na Micarême.

A pesquisa ganha relevância ao pretender desbravar um tema ainda pouco abordado na historiografia sobre o município de Laranjeiras, tendo como eixo de reflexão a linha de pesquisa “Cultura, Memória e Identidade”. Assim, o trabalho aqui iniciado busca inserir-se na História Cultural também enquanto método de construção narrativa, ensejando servir como suporte para que outros pesquisadores adentrem este vasto campo de possibilidades.

Ressaltamos ainda que foram realizadas buscas em livros, artigos, crônicas, memórias e fotografias relacionadas à Micarême no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na Biblioteca Pública Epifânio Dória, no Arquivo Público de Laranjeiras, nas bibliotecas das universidades, entre outras fontes e locais de guarda documental.

A dissertação sobre a Micarême de Laranjeiras estará dividida em três capítulos que serão organizados da seguinte forma:

⁶ Estudo da mensuração e matematização das possíveis relações entre as palavras e conceitos.

No primeiro capítulo, *Festas Carnavalescas: Do Entrudo à Micarême de Laranjeiras*, é feito um estudo da trajetória inicial da Festa da Micarême de Laranjeiras (1930-1945) analisando-a da perspectiva da memória coletiva, da identidade e da representação social local no processo de patrimonialização da festa enquanto documento/monumento. São apresentadas entrevistas com os participantes fundadores dos blocos da Micarême, refletindo sobre a construção da representação social da festa em sua celebração pelos brincantes e recepção pelo público mais amplo.

O segundo capítulo, *Brasil o País do Futebol*, trata da análise de um levantamento sobre o futebol brasileiro em meio à política nacional do período varguista (1930-1945), com um enfoque especial no cenário futebolístico sergipano, e o diferencial do futebol de Laranjeiras, tendo em vista os blocos da Micarême originarem-se destes. Para tanto, foram analisados jornais, fotografias, discursos de Getúlio Vargas, e uma bibliografia sobre o papel do rádio na popularização do futebol.

No terceiro e último capítulo, *À Luz das lentes: Representação Social Através das Imagens*, propõe-se discutir as relações de poder – enquanto construções culturais – a partir da imagética, analisando os comportamentos sociais a partir da ocupação espacial dos blocos, das indumentárias dos participantes, os destaques das fantasias dos blocos, entendendo a festa de acordo com a posição que determinadas pessoas ocupam nos desfiles.

CAPITULO I

FESTAS CARNAVALESCAS:

DO ENTRUDO A MICARÊME DE LARANJEIRAS

1. Os Carnavais no Brasil

As diversas festas carnavalescas do Brasil já pesquisadas fazem um estudo linear sobre o carnaval, o entrudo aparece como a primeira manifestação carnavalesca registrada no país, que segundo Claudia Lima era a festa dos excluídos, de quem estava à margem da sociedade, comemorada nas ruas pelos anônimos e nos clubes através dos bailes particulares pelas elites. Por isso, apresentaremos os carnavais no Brasil até a criação da Micarême na cidade de Laranjeiras.

O carnaval precede a chegada da Quaresma, período no calendário da Igreja Católica consagrado à penitência e ao jejum. No passado, a Igreja recomendava aos católicos que ficassem toda a Quaresma sem comer carne. Hoje esta proibição restringe-se à Sexta-feira Santa.

Hoje é quase consensual que a palavra Carnaval originou-se de *carne* + *vale* (do latim: *caro*, *carnis* = carne; *vale* = adeus), ou ainda da expressão *carne levar* ou *carnilevamen*. As duas expressões têm sentido quase idêntico: suspensão da carne, abstenção de carne⁷.

Festa profana permeada pela animação e pelo ideário de pecado, perdoado no ciclo religioso, o carnaval é celebrado em praticamente todos os países do mundo, embora a sua origem seja incerta, pois:

Várias são as hipóteses que procuram elucidar o “mistério” de seu nascimento, porém, num ponto elas são unânimes: o da origem longínqua. Ele poderia estar relacionado com as práticas iniciais mágico-religiosas. Com o passar dos séculos essas práticas perderam sua função inicial e tornando-se meramente lúdicas (festejos e divertimento) (URBANO, 2006:21).

Pensando na história do Carnaval como um saco de confetes jogado despreziosamente, é que chegamos tão rapidamente ao carnaval e as festas carnavalescas no Brasil que descendem dos carnavais da antiguidade, passando primeiro pelo entrudo pois conforme Lucia Gáspar:

O *Entrudo*, do latim *introitu* (introdução) é sinônimo de carnaval e, no Brasil, também designa uma antiga brincadeira carnavalesca, trazida pelos colonizadores portugueses, no século XVI. Sua designação refere-se ao período que introduz a Quaresma (do latim

⁷ A festa mais popular. Fundação Biblioteca Nacional, RJ. Coleção Artur Ramos. <http://www.aticaeducacional.com.br/htdocs/secoes/festas.aspx?cod=278> (Acesso em 01/09/2011).

quadragésima), data cristã que é utilizada para designar o período de quarenta dias que antecedem a Páscoa e que começa na Quarta-feira de Cinzas e termina no Domingo de Ramos. O Entrudo acontecia nos três dias anteriores à Quarta-feira de Cinzas.⁸

Em Portugal o entrudo era conhecido como “dias gordos”, pois existia um exagero por ser uma festa onde havia um grande consumo de vinho, carne e sexo em excesso. As orgias gastronômicas e físicas contrapunham-se ao período da Quaresma, ao período de abstinência, do jejum e da penitência para os católicos.

Existem poucos registros sobre o entrudo no Brasil nos séculos XVI a XVIII, e Claudia Lima⁹, pesquisadora sobre o carnaval no Brasil, remonta a proibição ao entrudo já em 1608, portanto já havendo registro da festa no século XVII. Mas somente a partir do século XIX é possível encontrar um quantitativo maior de registros sobre a festa, realizada em praticamente todas as regiões brasileiras.

A brincadeira do entrudo deu feições peculiares aos carnavais mais conhecidos do país, salientando-se Recife e Rio de Janeiro.

Mais precisamente, o entrudo desembarcou no Brasil em 1641, na cidade do Rio de Janeiro. Assim como em Portugal, era uma festa cheia de inconveniências da qual participavam tanto os escravos quanto as famílias brancas. Após insistentes intervenções e advertências da Igreja Católica, os banhos de água suja foram sendo substituídos por limões de cheiro, esferas de cera com água perfumada ou água de rosas e bisnagas cheias de vinho, vinagre ou groselha. Esses frascos deram origem ao lança-perfume, bisnaga ou vidro de éter perfumado de origem francesa. Criado em 1885, chegou ao Brasil nos primeiros anos do século XX. Também substituindo as grosserias, vieram então as batalhas de flores e os desfiles em carros alegóricos, de origem europeia (CARDOSO, 2014)¹⁰.

O entrudo não era diferente das outras manifestações país a fora, era o carnaval do mela-mela, ou lima-de-cheiro, onde se jogava farinha, ovos podres, fuligem e água suja, e era festejado geralmente pela camada mais pobre da população. Era um grande momento de diversão e esquecimento das angústias do cotidiano.

⁸ GASPAR, Lúcia. *Entrudo*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 28/06/2014.

⁹ LIMA, Cláudia. Maria de Assis Rocha. *Enquete Cronológica do Fervedouro*. Disponível em: <www.claudia lima.com.br>, Acesso em 28/11/2013.

¹⁰ Disponível em: <http://ccsp13aisp.ibge.gov.br/attachments/article/68/HISTORIADOCARNAVAL.pdf>, Acesso em: 01/02/2014.

Figura 1: Entrudo na Rua do Ouvidor

Fonte: Agostini, 1884 In: <http://zoonzum.blogspot.com/2010/01/festa-musica-e-danca-no-brasil-imperio.html> (10/04/2014)

Claudia Lima afirma que não se tem uma precisão na transição do entrudo para o carnaval, mas, a inclusão das classes mais abastadas nos blocos de rua marcou o início dos carnavais, saindo assim, dos salões e ganhando espaços nas ruas, com os desfiles de fantasias e carros alegóricos, a troca da farinha e de outras coisas que eram utilizadas no entrudo, por confete, serpentina e lança perfume (pois era permitido o seu uso) (Disponível em: <http://www.claudialima.com.br>, Acesso em: 28/11/ 2013).

O enlace de adereços e imagéticas sobre o carnaval possui múltiplas representações sociais compreendidas como “uma forma de conhecimento elaborado e compartilhado, tendo uma perspectiva prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (MOSCOVICI, 1978).

Assim, a figura 1, a charge de Agostini, de 1884, capta a apropriação da rua por uma multidão participando da festa onde homens de casacas, cartolas e chapéus aglomeram-se nas disputas. Seus trajes indicam distinção social. Nos balcões dos sobrados é possível ainda identificar a participação de algumas mulheres com vestidos esvoaçantes ou sombrinhas na tentativa de se protegerem dos ataques.

Figura 2: Games During the Carnival at Rio de Janeiro



Fonte: A. Earle 1822 In: <http://zoonzum.blogspot.com/2010/01/festa-musica-e-danca-no-brasil-imperio.html> (30/03/2014)

Já na figura 2, uma pintura de A. Earle de 1822 traz a cena do interior da casa, do âmbito privado que acolhe o entrudo. Desse modo, os jogos de carnaval com seu mela-mela envolvem homens e mulheres brancos de elite servidos por escravos que carregam tabuleiros com bexigas recheadas de suco de limão e farinha que são atiradas uns nos outros.

Figura 3: Entrudo



Fonte: Debret, 1823 In: <http://zoonzum.blogspot.com/2010/01/festa-musica-e-danca-no-brasil-imperio.html> (30/03/2014)

A figura 3, uma gravura de Debret, de 1823, apresenta um entrudo com outras feições, um entrudo brincado somente por negros de ganho (com seus tabuleiros de quitutes), também seguindo o mesmo ritual do mela-mela e dos ataques de bexigas e espirra-espirras. Todos estão descalços revelando sua condição de escravos.

Ainda sobre o carnaval, vale ressaltar que a ocupação da rua e, sobretudo, a preparação do espaço da festa é fundamental, nele a arte e a dramaturgia dos adereços se

intercruzam, a estética da fantasia e da imaginação criativa atuam, assim, o antropólogo Roberto DaMatta afirma:

O carnaval requer – seja na rua, na viela, na praça ou na avenida; seja no clube, na escola ou em casa – um espaço próprio. [...] mesmo no clube, com o espaço fechado, é preciso “preparar” esse espaço. Assim, as paredes do clube são decoradas com motivos “afins” com o carnaval. Representa-se na praia dos mares do Sul, faz-se uma decoração que remete ao Rio antigo, transforma-se o clube numa galeria de arte, apresentando motivos que lembrem as pinturas de Picasso, ou, se transforma todo o teatro num Inferno de Dante (1997:111).

Em meio a todas as representações carnavalescas que acontecem no Brasil, em Sergipe, segundo o folclorista e pesquisador Luiz Antônio Barreto (2011), a primeira forma de carnaval assim como em praticamente todo o país, foi o entrudo, festejado na cidade de São Cristóvão, nas Vilas de Maruim e Laranjeiras. A festa carnavalesca acontecia, como acontece até hoje, nos três dias anteriores a quarta-feira de cinzas que marca o início da Quaresma.

Mário Cabral datou o carnaval aracajuano a partir de 1894 sob a iniciativa do tenente Henrique Silva, a serviço do 33º Batalhão, responsável pela organização dos foliões que entoavam “Viva o Zé Pereira!” pelas ruas arenosas, embalados por clarins e zabumbas (2002:53).

O registro dos primeiros blocos carnavalescos em Sergipe como indica Luiz Antônio Barreto (2011) ocorreu com:

Os Mercurianos, trajando as cores azul e encarnado (vermelho) e os Cardovínicos, que vestiam as cores branco e vermelho. Já na primeira década do século XX apareceram Os Filhos de Baco e o Arranca, e também os Fenianos, que disputavam, como rivais, com os Mercurianos, nos últimos tempos deste bloco. Em 1940 apareceram Os Legionários de Sergipe, grêmio carnavalesco que ficou famoso em toda a década, dividindo a preferência com os Mercurianos, nos anos finais de existência deste grupo. Na mesma década de 1940 apareceram com seus carros alegóricos e suas fantasias, o bloco Gato na Tuba. Na década seguinte surgiu a escola de samba Império Serrano, que ensaiava nas imediações da velha Caixa d'Água. Em 1966 foi fundada a escola de samba Império do Morro, pelo babalaorixá Gilberto da Silva, o popular Lê, com sede na rua de Gararu, 419 (2011).

Consideramos que essas manifestações carnavalescas primeiras em Aracaju influenciaram de algum modo, nos períodos iniciais, a Micarême em Laranjeiras/SE, uma vez que a proximidade com a capital possibilitava a circulação entre esses espaços por habitantes influentes de Laranjeiras. Nesse sentido, as rivalidades dos blocos, as

cores dos trajes e os carros alegóricos com inúmeras pessoas desfilando sobre estes revelam indícios desse intercâmbio de ideias.

1.2. A Cidade de Laranjeiras e Suas Manifestações Culturais

Laranjeiras é um município sergipano situado a 23 quilômetros de Aracaju. Sua origem remonta ao final do século XVI e primeira metade do século XVII, quando houve as primeiras distribuições das terras da região do Vale do Cotinguiba aos colonizadores portugueses. A maciça presença da mão de obra escrava, empregada nos inúmeros engenhos de cana-de-açúcar da região, trouxe para a localidade costumes africanos legados como uma forte herança cultural, o que contribuiu para que a cidade se tornasse o berço da cultura negra em Sergipe.

Por conta da cana-de-açúcar, da feira e, principalmente do porto, o povoado das Laranjeiras obteve um nível significativo de desenvolvimento econômico. Em 07 de agosto de 1832, em decorrência da grande influência política dos proprietários de terras e comerciantes, a Assembleia Geral da Província emancipou o povoado, que pertencia ao território de Nossa Senhora do Socorro, e o transformou em Vila de Laranjeiras. Mantendo seu crescimento econômico, logo ascendeu à categoria de cidade em 1848.

Neste sentido, a Cidade de Laranjeiras foi considerada, ainda no século XIX, uma das mais importantes cidades de Sergipe. Tão importante que chegou a ser cogitada a hipótese de se tornar capital. Sua localização privilegiada na Barra do Cotinguiba posicionou o município em destaque durante o período açucareiro, quando a cidade viveu seu apogeu econômico e cultural. De acordo com o Cônego Filadelfo Jônatas de Oliveira, esse significativo desenvolvimento foi marcado com a visita da comitiva imperial em 1860, quando a cidade foi incluída no roteiro da viagem de D. Pedro II às províncias do norte.

Por todos esses fatos o município que ficou conhecido como “Athenas Sergipana” possuía uma agitada vida cultural, principalmente no campo das artes e das letras. São desta época os intelectuais e artistas como o escritor João Ribeiro, os pintores Horácio Hora e Cândido Aragonês de Faria e o militares e filósofos Moreira Guimarães e Bittencourt Sampaio, entre tantos outros que conquistaram reconhecimento dentro e fora da cidade. Ainda no segundo quartel do século XIX, fundou-se na cidade o Colégio Santana, que por décadas foi à instituição de ensino de maior prestígio em toda a província e para onde eram enviados os filhos da elite sergipana para estudar as primeiras letras. Registra-se também a construção dos teatros Santo Antônio e São

Pedro, além de um número variável de jornais dentre os quais podemos citar “O Monarquista Constitucional” (1844), “O Triunfo” (1844), “O Guarani” (1847), “O Telégrafo” (1848) e “A Voz da Razão” (1851). (Plano de Cultura de Laranjeiras, 2012).

Laranjeiras também ficou conhecida por ser um dos grandes centros de ideais abolicionista e republicano brasileiro. A partir desses movimentos, foram criados os jornais “O Laranjeirense” e “O Republicano”, “O Horizonte”, além do “Clube Republicano de Laranjeiras”. A importância de Laranjeiras nesse movimento foi demonstrada com a escolha do primeiro Governador Republicano do Estado, Felisbelo Freire (1889-1890), e outros dois governadores, Martinho Garcez (1896-1898) e Josino Menezes (1902-1905).

A chegada ao século XX trouxe grandes transformações à cidade, principalmente com a quase extinção do comércio local, e dentre algumas causas arroladas, a proximidade com a capital Aracaju, o surto de varíola ocorrido na cidade, em 1911, que dizimou metade da população. Entretanto, a cidade manteve casarões e igrejas com estilos ecléticos, que perpassam pelo barroco, o gótico e o neoclássico, resistentes ao tempo, ganhando a alcunha do então Ministro da Educação, na década de 1970, Jarbas Passarinho, de “Museu a Céu Aberto”.

Dessa forma, o patrimônio cultural de Laranjeiras não está resumido somente ao patrimônio de pedra e cal, mas coaduna-se com outra grande riqueza cultural da cidade traduzida nos grupos culturais tradicionais e seculares como a Taieira de Bilina, o Cacumbi do Mestre Deca, o Lambe-Sujos e Caboclinos, Reisados, Guerreiros, Cheganças, Micarême, Batalhões, Samba de Pareia, Samba de Coco, dentre outros ritos e manifestações culturais.

O Município manteve suas manifestações culturais em decorrência de uma escolha de um segmento da população laranjeirense, e para auxílio dessa continuidade identitária foi criado na década de 1970 o Encontro Cultural de Laranjeiras, que reaqueceu a vida cultural laranjeirense. Nesse mesmo período ações de preservação do patrimônio cultural foram realizadas, como o tombamento, em 1971, do conjunto arquitetônico do centro histórico, recebendo o título de *Cidade Histórica de Sergipe*. No plantel de ações de revitalização cultural urbana, no ano de 1972 foi criado o Plano de Restauração, Preservação e Valorização do Patrimônio de Laranjeiras; em 1973 foi criada a Casa de Cultura João Ribeiro; em 1974 foi elaborado o Plano Urbanístico da Cidade e em 1976 foram criados o Museu Afrobrasileiro de Sergipe, o primeiro Museu dedicado a essa temática no Brasil e o Encontro Cultural de Laranjeiras, e em 1996 a

cidade foi tombada pela esfera federal, junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A cidade de Laranjeiras está dividida entre o centro e os povoados, mas não há uma separação entre o campo e a cidade, criando um meio “rurbano” onde “Entre os espaços rurais e urbanos observa-se que as fronteiras esmaecem, seus contornos, outrora nítidos, borram-se, tornam-se imprecisos; dilatam-se e esfacelam-se em inúmeras situações intermediárias” (SOUZA, 2009:181). Esse é o caso da cidade de Laranjeiras, onde não se definem com precisão as suas fronteiras e a localização dos povoados é reconhecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como rural, sendo eles: Camaratuba, Pedra Branca, Várzea, Bom Jesus, Pastora e Mussuca, este último reconhecido como comunidade de descendentes quilombolas.

1.3 A Micarême em Laranjeiras

Pelas ruas de pedra pé-de-moleque em meio ao patrimônio arquitetônico, Laranjeiras congrega um grande número de manifestações culturais no Brasil. Possui grupos folclóricos dos mais diversos (Taieiras, São Gonçalo do Amarante, Reisado, Cacumbi, Guerreiros, Samba de Coco, Samba de Pareia, Chegança) e entre suas manifestações está a Micarême.

A cidade considerada o berço da cultura Sergipana ainda no século XIX, *lócus* de saraus e bailes, nos finais dos séculos XIX e início do XX, viu o seu apogeu declinar economicamente a princípio devido ao surto de cólera (CARDOSO, 2000-2002:222) que dizimou uma grande parte da população, e depois a proximidade com a capital da província – Aracaju – incentivou o êxodo da população mais abastada, tendo permanecido o segmento com menor poder econômico e por conta disso conservando suas tradições populares como os grupos folclóricos, a Micarême e manifestações religiosas seculares¹¹.

De acordo com o Petrônio Domingues, em seu artigo Zizinha Guimarães (1872-1964) e a “fabricação da imortal”:

Nas primeiras décadas do século XX, Laranjeiras aglutinava um florescente e diversificado manancial de tradições populares e afrodiáspóricas. Por lá a Sociedade Ninho dos Gaviões, uma das mais populares agremiações recreativas da cidade, costumava oferecer bailes e participar da Micarême –

¹¹ Manifestações religiosas seculares como o “Mês Doloroso” dedicado à devoção de Nossa Senhora das Dores, a Festa de Santos Reis onde o sincretismo é completamente visível, pois a Rainha das Taieiras, grupo ligado à uma Casa Nagô, é coroada dentro da Igreja Católica de São Benedito, a novena dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, primeira Igreja dedicada ao Sagrado Coração de Jesus na América Latina.

uma festa de cunho carnavalesco depois da quaresma, quando blocos como Laranjeirense, Botafogo e o próprio Ninho dos Gaviões desfilavam em suas sedes ou mesmo na cidade, contagiando os foliões com músicas, paródias, evoluções, fantasias, adereços e muita vibração.¹² Por lá também funcionavam vários “terreiros de nagô”, cujas origens remontam a velhos africanos que cruzaram o Atlântico e deixaram como legado para os seus descendentes o culto dos orixás, e desfilavam grupos de Taieiras, Cacumbis, Cheganças, São Gonçalo, Congos e Reisados. A festa de Santos Reis abarcava o ciclo natalino e seu ponto alto era o dia 6 de janeiro, quando se celebravam também os santos pretos São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. A “municipalidade”, nesse decurso, preparava iluminação especial, armava palanque na Praça da Igreja matriz e embandeirava as ruas centrais. Havia fogos de artifícios, banda de música, missa e procissão; tudo em clima de alegria e devoção. Na festa de 1935, todos os ranchos desfilaram e se fizeram representar, sobressaindo-se a chegança, cujo “efetivo foi profusamente aumentado”. Analogamente, as taieiras, sob a direção da “popular” Belina,¹³ “estiveram dignas de maiores aplausos. E os dois ternos de cacumbis, otimamente animados”.¹⁴

A Micarême é uma festa¹⁵ urbana que ocorre em Laranjeiras desde a década de 1930, especificamente em 1931. A princípio era realizada com recursos da comunidade local visando à diversão e à manutenção das tradições locais. Essa comemoração ocorre no período pós-Quaresma, remontando às antigas celebrações medievais de algumas aldeias francesas. Durante os festejos, blocos (ranchos) e carros alegóricos (corsos¹⁶) desfilavam pelas ruas da cidade, acompanhados por bandas de frevo, de forma muito semelhante à festa que acontece nos dias atuais.

Os blocos (ranchos) da Micarême surgiram a partir de times de futebol da comunidade, a exemplo do Futebol Clube Comandaroba¹⁷ que deu origem aos blocos Ninho dos Gaviões, o Esporte Clube Laranjeirense e o Esporte Clube Botafogo. Dos

¹² *Vida Laranjeirense*. Laranjeiras, 23/04/1933, p. 1.

¹³ Belina era a alcunha de Umbelina Araújo, ou mãe Bilina, yalorixá do terreiro nagô Santa Bárbara Virgem, considerado o primeiro terreiro de candomblé da região, fundado no final do século XIX pelos africanos nagôs que residiam em Laranjeiras. A adoção do nome “Santa Bárbara Virgem” indica um sincretismo com o catolicismo, mas isso provavelmente só ocorreu depois da morte de seus fundadores. Bilina foi rainha das taieiras, um grupo folclórico de canto e dança cujas origens remontam às festividades de coroação dos reis do Congo, presente nas irmandades de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Cf. Beatriz Góis Dantas, *Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*, Rio de Janeiro, Graal, 1988, pp.66-67; Sharyse Piroupo do Amaral, *Escravidão, liberdade e resistência em Sergipe: Cotinguiba, 1860-1888*, Salvador, Tese de Doutorado em História, Universidade Federal da Bahia, 2007, pp. 240-241.

¹⁴ *Vida Laranjeirense*. Laranjeiras, 13/01/1935, p. 5.

¹⁵ Para Martha Abreu, o conceito de festa é “bastante multifacetado e dinâmico, podendo ser um espaço de solidariedade, alegria, prazer, inversão, criatividade, troca cultural, e, ao mesmo tempo, um local de luta, violência, controle e manutenção dos privilégios e hierarquias” (*Apud* NASCIMENTO; PAULA, 2011: 24).

¹⁶ Segundo Urbano (2006): “Corsos eram os desfiles de carros enfeitados (alegóricos) no século XIX”.

¹⁷ O futebol clube Comandaroba é um time de futebol da década de 30 do século XX, que deu origem ao Bloco Carnavalesco Ninho dos Gaviões, e ainda é atuante possuindo sede própria, na localidade que leva o nome do clube.

times de futebol que deram origem aos blocos da Micarême, os dois primeiros ainda permanecem atuantes e o Laranjeirense transformou-se em Seleção Laranjeirense, e nas décadas seguintes surgiram outros blocos a partir dos iniciais, a exemplo o bloco Águia de Ouro¹⁸.

O desfile é realizado em dois dias: sábado à noite, destinado ao ensaio geral com fantasias mais simples, e no domingo que contempla o desfile com toda a suntuosidade dos blocos.

1.4. Os Caminhos da folia

A localização de onde se originou cada bloco da Micarême de Laranjeiras foi um fator crucial para definir as particularidades de cada bloco. O Bloco (rancho)¹⁹ Ninho dos Gaviões surge em uma localidade um pouco mais afastada do centro da cidade, mais próxima da área rural dando origem a um bloco composto por pessoas daquele espaço formando uma grande família de brincantes, sendo conhecido pela disposição de descer a Comandaroba e chegar à parte principal do desfile ainda com fôlego e ânimo para desfilar, e essa descida é tão importante que é cantada em um dos hinos do bloco.

O Bloco Botafogo conhecido como bloco da elite da cidade desde a sua criação surge no centro da cidade, no entorno da Praça da Matriz (Praça Heráclito Diniz Gonçalves), local onde as famílias mais abastadas residiam.

Com o Bloco Laranjeirense não foi diferente, ele surge na Rua do Cangaleixo (atual Rua João Ribeiro), e apesar do logradouro estar inserido no centro da cidade, é uma rua que juntamente com a Rua da Poeira abrigou escravos alforriados, mantendo ainda famílias descendentes desses escravos entre seus residentes na atualidade, de acordo com Sharyse Amaral²⁰,

É evidente a existência de uma comunidade de africanos em Laranjeiras, que residem na Rua do Cangaleixo, do Porto dos Oiteiros e da Poeira, além dos sítios nos subúrbios da Cidade como os localizados no Tramadahy e

¹⁸ Águia de Ouro teve a sua primeira formação no final da década de 60 do século XX, e ressurgiu no final do século XX, com dona Maria Celina Santos.

¹⁹ No momento de surgimento os blocos eram também denominados de ranchos. João Pimental em seu livro *Blocos: uma história informal do carnaval de rua*, traz um levantamento sobre o surgimento dos ranchos no Rio de Janeiro, “os ranchos contavam com a presença de homens e mulheres e de instrumentos musicais de corda, como violão e cavaquinho, e de sopro, como flautas e clarinetes. Os ranchos podem ser considerados um aprimoramento de cordões, trazendo na sua essência traços totêmicos de influência africana”. In: PIMENTEL, João. *Blocos: Uma história informal do carnaval de rua*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2012.

²⁰ AMARAL, Sharyse Piroupo do. *Escravidão, Liberdade e Resistência em Sergipe: Cotinguiba, 1860 – 1888*. Salvador, 2007. 272f.

Comandaroba em terras próprias, além das posses e terrenos devolutos. (AMARAL, 2007)

Outras pessoas da cidade também vieram morar nas ruas da Poeira e do Cangaleixo, uma moradora ilustre que da Rua do Cangaleixo foi a Professora Zizinha Guimarães, que segundo Dr.^o Petrônio Domingues:

Depois de uma formação básica, passou a se dedicar à sua maior paixão: o magistério. Como professora “leiga” (ou seja, sem diploma do curso normal), deu aula particular para crianças de famílias remediadas e foi, aos poucos, logrando bagagem pedagógica. Em 1894, adquiriu conjuntamente com seus dois irmãos, uma casa de “taipa e telha, na Rua da Cadeia”.²¹

Esses moradores deram ao Bloco Laranjeirense um ar mais popular e, dessa forma, fazendo com que a quantidade de torcedores fosse maior que a dos outros blocos.

O Bloco mais jovem, dentre os atuais, o Águia de Ouro surgiu na sua primeira formação na Rua Sagrado Coração de Jesus na década de 1960. Em seu ressurgimento, já na década de 1990, na Rua de Vitória, localizada no centro de Laranjeiras, uma rua populosa, com pequenas casas, esse bloco foi composto por moradores dessa rua e na atualidade ganhou o reforço de acadêmicos do curso de graduação em Teatro da Universidade Federal de Sergipe (UFS), configurando um novo ânimo ao bloco.

Dentro desse microcosmo cultural, preservam-se memórias²², pessoas e ideias, contribuindo para a manutenção de identidades e a permanente revitalização das redes de sociabilidades²³ locais. Desse modo, ainda que não reconhecida oficialmente pelo IPHAN, a Micarême enquadra-se no conceito de “patrimônio imaterial”, definido pela Organização Nacional das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 1993, como:

o conjunto das manifestações culturais, tradicionais e populares, ou seja, as criações coletivas, emanadas de uma comunidade, fundadas sobre a tradição. Elas são transmitidas oral e gestualmente, e modificadas através do tempo por um processo de recriação coletiva. Integram esta modalidade de patrimônio as línguas, a medicina

²¹ Em 1902, Eufrozina Guimarães tornou-se, sozinha, proprietária do imóvel. Cf. Registro de imóvel, matrícula n.º 3.096, livro 3-F, fls 285 e matrícula 3.097, livro 3-F, fls 285, Cartório do 2º. Ofício Alenir Goes Leite Vieira, Laranjeiras-SE.

²² Segundo Jacques Le Goff (2000:9) “a memória como capacidade de armazenar certas informações, recorre, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas”.

²³ O conceito de “redes de sociabilidades” pode ser entendido como uma “sociação”, ou seja: “[...] a forma (realizada de incontáveis maneiras) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esses interesses, quer sejam sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou teleológicos, formam a base das sociedades humanas”. (SIMMEL, 1983:166).

tradicional, as artes da mesa e o “saber fazer dos artesanatos e das arquiteturas tradicionais (ABREU, 2009: 83).

Além desta classificação, a Micarême pode inserir-se no eixo de celebrações, de acordo com o Decreto nº 3.551/2000, que institui o *Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial* classificado pelo inventário distribuído em quatro livros: Saberes, Celebrações, Formas de Expressão e Lugares. Esta classificação se justificaria pelo fato dos festejos realizados tratarem da cultura imaterial local mantendo uma constância e por fazerem parte do calendário oficial da cidade.

Conforme Almeida (2010), as celebrações consistem em festejos e rituais que marcam a vivência coletiva da religiosidade, do trabalho, do entretenimento e de outras práticas da vida social. As celebrações são a expressão da memória coletiva de um determinado local. Através de gerações, as músicas, os passos de uma dança, a indumentária são componentes de rituais que através da dinâmica cultural são reinterpretados, modificados, mas vários elementos são conservados. As celebrações contam também alguma história que faz parte do lugar através da religião ou de elementos profanos, ou da mistura dos dois.

As festas populares brasileiras podem ser classificadas conforme seus elementos estruturais, como religiosas, profanas e profano-religiosas (MOURA, 2007). No caso da Micarême, esta celebração poderia ser considerada como profana por possuir o caráter de entretenimento e não de louvação devocional, e, sobretudo por incentivar os participantes ao prolongamento de sua participação na festa.

Assim, através de gerações, a Micarême, com seus foliões fantasiados e torcedores dos blocos, chega a sua apoteose quando os blocos rivais se encontram e simulam uma batalha pelo reconhecimento do bloco vencedor, seja pela estética da fantasia ou pela animação dos brincantes.

A criação da Micarême de Laranjeiras na década de 1930 do século XX, provavelmente recebeu também a influência de outras cidades como Maruim, Siriri e Riachuelo que já tinham Micarême, e também pela explosão dos carnavais de rua aqui no Nordeste, a exemplo do Recife, já que foi utilizado o ritmo do frevo com a junção do passo marcado, sendo uma mistura de frevo com um passo com alguma similitude ao do Reisado, mesmo utilizando-se o frevo como ritmo da Micarême, as músicas tocadas eram as famosas marchas carnavalescas que eclodiam pelo país.

Ao longo dos anos blocos surgiram e desapareceram, alguns deles foram o Chiquita Bacana, o Flores de Outora²⁴, As Malandrinhos, o Broto do Frevo, As Moreninhas e Mangueiras.

O envolvimento das pessoas com os seus blocos fez dos brincantes de ontem os organizadores de hoje, havendo uma junção da experiência com o vigor da juventude que conseqüentemente segue o ritmo de preservação, como é o caso de Dona Gilene.

Dona Maria Gilene Andrade, 76 anos, representa até hoje um dos mais antigos e tradicionais blocos do Micarême, o Ninho dos Gaviões (com cores pretas, vermelhas e brancas). Ela até arrisca cantar as velhas cantigas que marcaram época do bloco e disse que os participantes, sempre do povoado Comandaroba, são conhecidos pelo talento, dedicação e harmonia.

O Ninho dos Gaviões é datado de 1936. Os participantes de todos os outros blocos nos respeitam e não têm rivalidade conosco. Quando estamos na rua, todos param para nos assistir. É um exemplo de beleza e talento, fruto da dedicação e harmonia. Sem medo de dizer que “somos sempre os campeões” (frisou a depoente).²⁵

Outra sócia fundadora é Dona Idalice, 91 anos, mais conhecida na cidade, e conta também que várias paródias são criadas para insultar os participantes contrários. Além disso, a inteligência e a estratégia dos blefes são bastante utilizadas no período que antecede o Micarême.

A equipe de um bloco busca sempre se infiltrar entre os oponentes, justamente para a descoberta dos segredos. Os blefes são extraordinários, aparecem retalhos e parte dos adereços das fantasias na porta das casas das costureiras, pessoas desfilam pelas ruas com objetos que jamais vão utilizar nos blocos, pulam janelas, muros, sobem em telhados. É muito bom e engraçado. “A identidade deve ser preservada até o último momento” (ressaltou a depoente)²⁶.

Dona Maria Celina, 84 anos, é moradora da Rua da Vitória, defende as cores amarela e branca do Águia de Ouro, bloco no qual é presidente e que é atualmente o bloco mais novo da Micarême, todavia divide a paixão pelas cores vermelha e branca do Bloco Laranjeirense.

Gosto muito de ser Águia de Ouro, mas o Laranjeirense também é a minha paixão. O mais importante de tudo isso é que não podemos deixar morrer a tradição. Me lembro muito bem das velhas cantigas e

²⁴ Bloco composto pelas meretrizes da Rua da Cacimba, rua dos cabarés de Laranjeiras, que existiu até a década de 1970.

²⁵ Entrevista concedida em 20 de abril de 2010 a Hildênia Santos de Oliveira, em Laranjeiras-SE.

²⁶ Entrevista concedida em 02 de maio de 2011 a Hildênia Santos de Oliveira, em Laranjeiras-SE.

de outros blocos que já existiram em Laranjeiras. Essa recordação vai ficar para sempre na minha memória. É claro que não poderemos revelar os preparativos desta grande festa e das fantasias que estamos preparando” (ênfatizou a depoente)²⁷.

Considerado o bloco da elite de Laranjeiras, o Botafogo é da década de 1930, e uma das sócias fundadoras é Dona Maria Aparecida, 83 anos. Uma das principais representantes, ela revela algumas cantigas e conta um pouco da rivalidade com o Laranjeirense, sorrindo durante a entrevista concedida afirmou:

O Sr. Dudu, várias vezes vinha na minha porta com o bloco Laranjeirense como insulto e ainda me perguntava se o bloco não estava mais bonito. Pedia a minha nota e aí eu respondia, mas, por dentro, ficava me roendo. Na realidade, os representantes do Laranjeirense sempre tiveram inveja do meu Botafogo azul e branco. “O fato é que eles querem ter o sangue azul”²⁸.

Através dos relatos conseguimos encontrar as particularidades existentes nesta festa, que vão desde os cantos e as paródias feitas através de seus hinos para insultar o bloco rival.

As paródias feitas para insultar o bloco rival vão desde músicas feitas com os hinos até à criação de músicas para ofender o rival como observamos na paródia composta pelo Laranjeirense com o hino do Botafogo:

O céu nublou, a chuva desabou
Com suas vestes molhadas
Sapatos encharcados
Botafogo chegou
Meninas molhadinhas
Se sentindo uns horrores
Vão manchando suas carinhas
Com a chuva mais temida de seus organizadores

A paródia foi feita para o Bloco Botafogo, em um determinado ano que o bloco saiu em um dia diferenciado dos outros blocos alegando que não daria tempo para a confecção das fantasias, assim, terminou saindo quinze dias após a Micarême, já no mês de maio. A exemplo dessa situação houve tantas outras, como:

Sai Botafogo, boa viagem
Sai Botafogo, boa viagem
Você não é tão rico pra querer tanta vantagem
Laranjeirense é o tal
Enfrenta qualquer parada

²⁷ Entrevista concedida em 03 de maio de 2010 a Hildênia Santos de Oliveira, em Laranjeiras-SE.

²⁸ Entrevista concedida em 22 de abril de 2011 a Hildênia Santos de Oliveira, em Laranjeiras-SE.

Eu vi você Botafogo com orquestra desanimada
 Sai Botafogo, boa viagem
 Sai Botafogo, boa viagem

Diante disso, respeitados os contextos, podemos perceber algumas semelhanças entre a Micarême de Laranjeiras e a prática da *Rough Music*²⁹, que E. P. Thompson descreve como um barulho satírico, que fazia parte de um ritual de hostilidade, mesmo quando acontecia sem maiores violências, os versos criados serviam para humilhar, ou denunciar as vítimas. O ritual poderia ser elaborado com o desfile das vítimas ou de um substituto montados numa vara, ou em um burro, e em alguns casos eram utilizadas “Efígies”³⁰(espécie de representação, boneca), compondo o ritual de máscaras e danças, recitativos, caçadas, o desfile pela cidade e queima da Efígie, que nem sempre envolviam a combinação de todos esses elementos. Ao pensar na semelhança com a Micarême, as práticas de humilhação são utilizadas na festa contra o bloco rival na criação de paródias, na confecção de fantasias que o bloco desfilaria no dia seguinte, assim, o bloco rival confeccionava e apresentava em desfile pelas ruas, no dia anterior, a mesma estética indumentária, acabando com o desfile surpresa do outro bloco. Portanto, podemos encontrar traços mais refinados a exemplo da *rough music* que acontecia na Inglaterra, nos séculos XVIII e XIX, e permanece na Micarême de Laranjeiras na atualidade.

1.5. A História dos Hinos

O Bloco Ninho dos Gaviões criou o seu primeiro hino na década de 1930, destacando a importância da localidade da Comandaroba para este bloco no trecho que diz:

Venho sem pedir licença
 Mostrar o meu cordão
 A lua lá no céu brilhou
 Mostrando o Ninho dos Gaviões.

A Micarême de Laranjeiras passou por alguns momentos de dificuldade em sua realização, configurando-se algumas lacunas temporais, porém com um ressurgimento

²⁹ O *Rough Music* é um termo muito utilizado na Inglaterra desde o final de século XVII, e trata-se de uma “cacofonia rude”, que significa “música áspera”, é uma prática utilizada, de forma geral para empregar zombarias e hostilidades contra indivíduos, que tiveram atos que de certa forma desagradou ou desacatou a comunidade (THOMPSON, 1998).

³⁰ S:F. Representação, imagem de uma pessoa numa moeda, numa medalha. Ant. retrato por quaisquer meios, outrem (Disponível em www.dicio.com.br/charivari/, Acesso em: 24/11/2013).

na década de 1960. Nesse período foi criado um segundo hino em homenagem a esse ressurgimento, onde mais uma vez é destacada a importância do bloco para a festa e retrata como a localidade vê esse ressurgimento chamando a atenção da cidade e de seus moradores para ver esse bloco passar:

Laranjeiras, laranjeirenses,
Se lembrem do Gavião
Laranjeiras, laranjeirenses
Se lembrem do Gavião
Ele é o Rancho mais antigo desta terra
E ainda vive em nossos corações
Ele é o Rancho mais antigo desta terra
E ainda vive em nossos corações
O Gavião voou,
Mas ele já voltou
Ô Gavião, meu Gavião
É o primeiro rancho, meu amor
Ô Gavião, meu Gavião
É o primeiro rancho, meu amor

O Bloco Laranjeirense é o bloco mais popular e destaca no seu hino a importância da Micarême enquanto folia, o prazer pelo brincar Micarême, da mesma forma que exalta as cores do bloco no vermelho e branco:

Laranjeirense,
Chegou a hora
É hoje o dia, dia de folia na cidade inteira
Laranjeirense que entusiasmo
Cantamos alegres
E nesta folia vamos triunfar
Viva ao vermelho e branco
Que é a cor nossa fantasia
Viva ao vermelho e branco
Que sem igual nesse grande dia

O Bloco Botafogo, criado por famílias com maior poder aquisitivo, moradoras do centro da cidade, ressalta sua trajetória em seu hino quando cita que *o Céu se ilumina para receber o Botafogo*, ou seja, uma ideia que os criadores do hino tiveram para explicitar a importância financeira dessas famílias:

No céu azul
Mais uma estrela brilhou
O céu vai se iluminando
Os clarins anunciando
Botafogo chegou
As lindas moreninhas
Com seus olhos sedutores
Neste dia de alegria

Com prazer e alegria
Vou cantando seus louvores...

Por último citamos o Bloco Águia de Ouro que possui um hino com uma semântica mais simples que os demais blocos da Micarême, e por isso mais acessível e de fácil apreensão pelo público, e cujo refrão entoa:

Brilhou, brilhou, brilhou
Nem tudo que reluz é ouro
Brilhou, brilhou, brilhou
Eu sou Águia de Ouro

Ressalta-se também um dos blocos mais jovens, o Bloco Flores de Outrora, criado por meretrizes da Rua da Cacimba (Rua Engenheiro Xavante). Nos anos em que desfilaram (não se sabe ao certo o quantitativo) apresentavam-se pela manhã, em horário diferenciado dos demais blocos. Mesmo sob o véu da censura local, uma grande parcela da população lembra-se do Flores de Outrora e até arriscam cantar trechos da música, desde que não seja revelada a identidade de quem a cantou:

Rua da Cacimba
Tão esquecida
A mais florida da juvenil
Rua da Cacimba Hoje está de Parabéns
Que as Flores de Outrora que brilha também
Rua da Cacimba, a Rua mais falada
Pela população não vale nada
A Rua da Cacimba hoje vai brilhar

A percepção que se tem através dos trechos desses hinos evidencia a clara divisão socioeconômica existente na Micarême, os papéis sociais que incluem valorizações (homenagens) e depreciações (exclusões) em relação aos blocos, estratégias de aproximação com o público, além da memória que propaga mesmo os hinos “proibidos”. Festa popular, festa de todos, a Micarême também possui suas hierarquias e conflitos sociais delimitados por espaços geográficos ou comportamentos sociais.

1.6. Como a Imprensa Noticiou a Micarême

A imprensa nos leva a entender como se deu o processo de criação da Micarême de Laranjeiras, e através dela revela-se uma série de fatores, pois a princípio ocorre uma recriação da festa de carnaval (figura 04) como já vinha acontecendo em outras cidades como Maruim (Maroim), Riachuelo, Siriri (Siriry) e a Capital Aracaju, que

provavelmente serviram de modelo para Laranjeiras, onde recebeu a adequação aos “ares laranjeirenses” definidos inicialmente pela data de realização. Enquanto em outras localidades o sábado da Aleluia e o domingo de páscoa congregam a festa, em Laranjeiras a Micarême é realizada uma semana após a Páscoa. Outras adaptações foram realizadas ao longo dos anos, e continuam sendo incorporadas uma vez que a cultura não é estática e molda-se de forma flexível de acordo com o momento vivido, sendo constantemente reinventada (OLIVEIRA, 2012).

Segundo a história oral, a Micarême foi criada em Laranjeiras após times de futebol locais terem visitado a cidade vizinha Riachuelo e, ao se encantarem com a festa de lá, terem recriado em Laranjeiras no ano seguinte um festejo similar. Esse teria sido o primeiro contato de Laranjeiras com a festa carnavalesca. Entretanto, uma notícia publicada no jornal Vida Laranjeirense, de criação e circulação da cidade de Laranjeiras, parabeniza a Micarême da cidade de Siriri bem antes daquele “suposto primeiro encontro”, levando-nos a considerar que a cidade já tinha conhecimento do formato da festa, mesmo que através de sua imaginação após a leitura do periódico.

O Jornal “Vida Laranjeirense” se intitulava um “periódico independente, literário e noticioso” e tratava-se de um jornal semanal que destacava a vida em Laranjeiras, contendo desde notícias policiais a convites e comunicados de matrimônios, um periódico muito lido pela população local, e podemos perceber pela notícia a seguir que o jornal “Vida Laranjeirense” tinha circulação também em outros municípios circunvizinhos, como o exemplo da cidade de Siriri.

Figura 04: Jornal Vida Laranjeirense (1931)



Fonte: Jornais digitalizados do IHGS (Coleção de 1930 a 1936)

O primeiro fragmento jornalístico encontrado da década de 1930 é uma pequena nota no Jornal “Vida Laranjeirense”, a nota que segue abaixo foi a mais antiga que foi possível encontrar, relacionada diretamente à Micarême de Laranjeiras, e converge com relatos orais de que o Bloco Ninho dos Gaviões foi criado no ano de 1933. O complemento da nota que fala sobre o baile da Sociedade Recreativa Ninho dos Gaviões remonta um “leilão de prendas,” que deixou de acontecer por causa das fortes chuvas que aconteciam na cidade, sendo transferido para o dia 01 de maio de 1933, coadunando-se também com a comemoração pela fundação da Sociedade Recreativa e Cultural Ninho dos Gaviões. A sociedade recreativa, que era responsável pela

organização de festas, leilões e queimas de Judas, surgiu um ano antes do Bloco Ninho dos Gaviões.

Figura 05: Jornal Vida Laranjeirense (1933)

Laranjeiras (Sergipe), 23 de Abril de 1933

VIDA LARANJEIRENSE

SEMANÁRIO INDEPENDENTE, LITERÁRIO E NOTICIOSO

Director: Responsável: ANTONIO HENRIQUES

REGISTRADO NOS TERMOS DO ALUGO 20 DA LEI Nº 1.711 DE 1913

ANO III

REDACÇÃO E OFFICINAS PROPRIAS: RUA DO COMERCIO

NUMERO 142

TEREMOS GUERRA NA PRIMAVERA

No lacunismo impressionante dos telegrammas, correu mundo, ha alguns dias, a impressão de um general italiano, sobre a situação politica da Europa. «Teremos guerra na Primavera», afirmou aquelle militar, como se annunciase a vinda duma companhia theatral, a carencia dum antigo commercial como se dissesse a coisa mais trivial deste mundo.

Preconizou a catastrophe com a tranquillidade dos que sentem a força imutavel dos dogmas. De forma que, quando a Primavera surgir no velho continente, com as suas cores fortes, e o sol claro pondo alegre em todas as coisas, aoavez das fôrças e das cores, que antes a conflagravam, surti-se-a o caos — a voz da guerra — estremecendo o solo e arremessando a morte. «Teremos guerra na Primavera!» Isto significa: termos grandes bombas, grandes populações, grandes sacrificados, grandes pães, grandes envenenados, o Direito da morte, o Imperio da Força e da Besta Fera, tudo o rythmo do progresso paulatino numa syncope definitiva de sangue e de lagrimas. Fichai-se-o escudo, para aturar os addescendentes na lousa letal; transformai-se a industria na effluvia da morte e a propria sciencia, dantes, nobremente votada para acaluar o sofrimento humano, voltar-se á, tambem, para o mal, para a criação e o aperfeiçoamento dosapparelhos de extermínio.

Não é a primeira vez, que um grande tecnico no arte de matar e de deformar prevê para breve o desastre final, o aniquilamento de vinte refuls de civilização, penosamente conquistada pelos descendentes do homem das cavernas... Sim, te-la-eis, nos queira Deus que, dessa vez, a humanidade victima do egoismo demodado, de cubica, da miseria e do odio das seus falsos grandes homens, não perea nesse novo diluvio de polvora e sangue que se encena para a proxima primavera europeia.

Valdemar de Carvalho.

Cordeões

Deruchete Campos Maynard e filhos, prebendados, agradece.

ANEXO, 12-4-1933.

Maria Garcez Sobral e Filhos, agradece. comovidos, os pezuinhos recubidos.

Como no heroico tempo da Grecia heroica

A primeira conferencia do Doutor Alceu Dantas Maciel nesta cidade

Continuou o acontecimento de maior relevo da semana lúca a memorável conferencia politico-sociologica do festejado causidico e tribuno sergipano Doutor Alceu Dantas Maciel, realizada em a noite de 20 do corrente na halla da casa do Sr. José de Faria data localidade e á qual esteve presente a mais compacta e selecta multidão.

Despacho o apelo do latido sergipano sobre o importante momento politico que atravessamos, tratando com aribaladora eloquencia o grande camilho á seguir, contraindo as nossas gloriosas combates á marcharem resolutos para a arrojavel batalha das urnas á ser-se em encarnação de 3 de Maio, na agração de compatriotas á altura do momento de estado da cultura do confederado.

Falou muito e falou bem. Por 41 minutos discursou em sublime e nobre e hódia agração de nossa vibrante colectividade para a qual teve as mais opportunas e judiciosas palavras de encargo, de civismo e de fé.

Terminada a grata oração foi o Doutor Alceu calorosamente saudado, regeitando em seguida, acompanhado de todos os membros da Associação.

Ave! Sergipe!

NOTA: O Doutor Alceu Dantas Maciel, falara ainda uma vez nesta cidade.

Vida Recreativa

S. Recreativa «Ninho dos Gaviões»

Correu grandemente animado o Baile da M. Carina, na popular sociedade recreativa «Ninho dos Gaviões», ao qual compareceram elevado numero de associados e gentisismos associados de honra lindamente fantasiados, publicando-se alegremente, nos acordes de duas lindas orquestras, até as 4 horas da seguinte manhã.

Parabéns ao distinto genio recreativo e aos seus distintos directores.

O LELÃO

Devido ás chuvas não pôde ser realizado o baile o Leilão de prendas, anunciado; tendo sido transferido para a noite de 1.º de Maio, dia d'Operariado e em que será comemorado o aniversário da fundação da popular sociedade recreativa laranjeirense.

Tambem será comemorado no proximo dia 1.º o terceiro aniversário da fundação deste modesto Semanário.

Não um dia cheio; ainda mesmo que chova haverá baile. Quem ainda não remeteu um «Mimo», poderá, portanto, fazê-lo enviando á casa familiar do Sr. João Baptista (Ninho) e contando desde logo com o

Vida Literaria

Tenda sulista

A garça trombe para as coisas a melancolia do corrente. Essa melancolia atavia todos os ruidos, ensurdece os sons e as nascências.

Recrudescimento.

Mundo interior.

O espirito se perde em caminhos distantes e alternos. A imaginação e a grande liberdade da mente. Ora a sua o rei do Siso, está bajando a boca vermella de uma certa poesia, e ninguem me pode impedir de desmontar o rei Jorge V e de construir noutras terras a minha.

Mas a garça tira um gesto de grande tristeza, que a tristeza acaba tomando conta da gente.

Agora vão as multitudes optimistas que nos chamam, e a impossibilidade de beijar a boca vermella de certa poesia para o mundo a lembrança de outros prazeres sempre negados.

Uma colcha viciosa cobre as nuvens amarelas que tem medo do frio que ainda não chegou.

E as arvores estão paradas e silenciosas, perfiladas nas ruas ou jogadas nos quintais, machucadas e optimistas pela grande saudade do sol.

Dante Costa.

Proclamação de Nossa Senhora das Dores

Terá lugar na tarde de hoje a procissão do N. Senhora das Dores, para sua encontrosda capella no alto do Bonfim.

Em busca de outras plagas lunares.

HERALDO BARRETO—Faleceu ás 9 horas da manhã de anteontem o pequeno Heraldo Barreto, menino de treze annos do nosso prezado amigo Sr. Adolfo Barreto e de sua dilecta consorte D. Juliana Barreto. Formase aos seus estudos pae.

Coronel Clóvis Holtenbergue

Acompanhado do nosso illustre amigo Doutor Francisco Bragança de Azevedo e do conceituado comendante Sr. José de Moraes, despos o honroso prazer de sua cordial visita pessoal, na tarde da ultima da feira, o prestigioso e querido jovem industrial sergipano Cnl. Clóvis Holtenbergue, proprietario da grande Usina Mãe Grossa no municipio de Marim.

Mil vezes gratos.

Sincero agradecimento de todos os associados.

Ficará o grato programa animado baile dedicado á imprensa e ao operariado local.

Todos no dia 1.º de Maio ao grêmio sem rival.

O directo e o prezado do homem.

RUY BARBOSA.

Fonte: Jornais digitalizados do IHGS (Coleção de 1930 a 1936)

A nota sobre o Baile do Ninho dos Gaviões demonstra a importância que a sociedade Recreativa tinha para aquele grupo social e para a cidade inteira, principalmente considerando-se o fato de um jornal na década de 1930 não noticiar o

que não fosse relevante para a sociedade local. Outro ponto que percebemos relaciona-se à questão financeira, as alternativas de manter associados para contribuir com as despesas do bloco e a realização de leilões com o doações de prendas (brindes) da comunidade para angariar fundos.

Fato que foi se modificando ao longo dos tempos, na atualidade os blocos dependem quase que exclusivamente do incentivo financeiro do poder público, pois poucas ações civis são realizadas em busca de fundos para a manutenção dos blocos, estando a realização da Micarême e a busca financeira registradas nos livros de ouro³¹ dos blocos.

A nota sobre a queima de um Judas em 1933 da Sociedade Recreativa Ninho dos Gaviões (apesar da notícia ser de dias anteriores) rompe a ordem cronológica para primeiro mostrar a Micarême e logo após os acontecimentos em seu entorno. Assim, a notícia da leitura do testamento e da queima do Judas, na sede da Sociedade Recreativa Ninho dos Gaviões, antecede a semana da Micarême, pois teria que ser celebrada na semana seguinte à Páscoa, e o convite define não só a queima do Judas, mas o baile da noite, com leilões de prendas e a convocação para encontrarem-se em frente à casa do Sr João Batista dos Santos para o ensaio da Micarême, uma semana antes do desfile.

³¹ Livros nos quais se registram as contribuições dadas aos Blocos, registrando a quantia doada e a assinatura do patrocinador.

Figura 06: Jornal Vida Laranjeirense (1933)

Laranjeiras (Sergipe), 16 de Abril de 1933

VIDA LARANJEIRENSE

SEMANÁRIO INDEPENDENTE, LITERÁRIO E NOTICIOSO

Director: Responsável: ANTONIO HENRIQUES

ANO III | REDACÇÃO E OFICINAS PRÓPRIAS: RUA DO COMÉRCIO | NÚMERO 141

SEGUNDA EPOCA

Registrado nos termos do artigo 30 da Lei Federal n. 4713 de 31 de Outubro de 1933

Foi nomeado Escrivão e Tabelião vitalício do 2.º ofício de Justiça desta cidade o Sr. Antonio Henrique dos Santos, nosso prezado director.

Causou o mais generalizado e sincero contentamento, em Aracaju, nesta cidade e em todos os circuitos do nosso querido Estado, o acentuado fato de a 16 de Abril corrente, pelo Excmo. Senhor Interventor Federal, nomeando o Sr. Antonio Henrique dos Santos, estimado fundador e redactor principal deste periódico, para o provimento vitalício de Escrivão e Tabelião do 2.º ofício de justiça nesta cidade, termo sede da 8.ª comarca.

Insustentável não são as honrosas mensagens de felicitação recebidas pela digna recém-nomeado que, mais sensatamente, agradece pondo a disposição de todos, os seus humilíssimos préstimos, quer no serviço publico quer no particular.

Precederá o esplendido acto do Excmo. Sr. Interventor, disputado e judicioso concurso publico realizado de no anteposado sabado 8, em o Superior Tribunal de Justiça, a b. presidência do Ilustre e nobilíssimo Sr. desembargador Luciano Barreto, tendo como examinadores os nobres dignos desembargadores João Maria Loureiro Farias e J. de Freitas de Brito, do qual saiu brilhantemente vencedor o nosso digno chefe conquistando com merecimento a primeira classificação.

TERMINOS DA COMUNICAÇÃO DO SUPERIOR TRIBUNAL AO EXCMO. SENHOR INTERVENTOR FEDERAL

Expediente da Interventoria
Aracaju, 24 febr., 11 de Abril de 1933
OF. CIRC. DELEGATOS

Das vexas grs. des. Luciano Amato da Costa Barros, Juiz, e mais de 10 e João Maria Loureiro Farias, cu. 8 do Juiz.

A nomeação assinada leva ao conhecimento e ex. cta. para os fins e movimentos de acção com o que dispõe o parágrafo 3.º do artigo 85 da Constituição da Organização Judiciaria do Estado, adiante pelo decreto n. 16 de 3 de Setembro de 1931, que o Sr. Antonio Henrique dos Santos, juntando todos os documentos exigidos pelo Código citado, inscreva na praxe legal como candidato ao provimento vitalício do 2.º ofício de Justiça do termo de Laranjeiras, sede da 8.ª comarca do Estado e submete-se a apreciação, sendo as providas as formalidades recomendadas pelo Lei, obtendo aprovação e classificação em primeiro lugar dentre os que concorreram inscritos.

Com protestos de elevada estima e distinta apreço apresenta a v. ex. cta. atenciosas saudações.

DECRETO
de 10 de Abril de 1933

Procl. vitaliciamente, tabelião e escrivão do 2.º ofício de justiça do termo de Laranjeiras

O Interventor Federal no Estado de Sergipe, tendo em vista a comunicação do Superior Tribunal de Justiça recorde correto, vitaliciamente, no 2.º ofício de justiça do termo de Laranjeiras, sede da 8.ª comarca, o cidadão Antonio Henrique dos Santos.

Notifico ao Interventor Federal no Estado de Sergipe, Aracaju, 10 de Abril de 1933.

AUGUSTO MAYNARD GOMES.
Viceministro Ribeiro Naves.

Acho-se por conseguinte do justo parabéns a nomeação tendo pela elegante vitória de nosso digno

Decimo Jejum dos Piores no Hospital São João de Deus

Tere lugar no manhã da ultima 6.ª feira e de termino das escolas para o jejum dos pobres, das chitas pela nossa Hospital de Caridade, com a presença dos Srs. Doutor Francisco Bragosa, Alcebades Franco de Menezes e diversos membros da administração e tradicional instituição, tendo sido socorridos mais de 600 pessoas necessitadas, dentro na melhor arte e confortadora alegria.

Mais uma vez aproveitamos a oportunidade de não digna e relevante instituição.

chefe, a quem mais uma vez elusivamente ora parabenizamos.

Até-za a Deus nos alturas e paz na terra aos labores de boa vontade.

NOTÍCIAS, COJENTARIOS E FELICITAÇÕES
(Continuamos no proximo numero)

Comercio de Maracá

Após três meses de vultuosos trabalhos, terminou gloriosamente a obra, em a passada domingo, 15 de corrente, o brilhante e denodado semanario "O Comercio", organ independente, literario e noticioso, que, sob a critica e esplendida direção de inteligente e competente jornalista Carlos Santiago, vem sendo editado, com 17 annos na tradicional e encantadora cidade de Maracá.

Substituindo o relevante nomeamento, substituímos ao heroso compenheiro de todos confortos e a tradicional notabilidade maracáense a mais elocua e demorata salva de palmas de par com as nossas mais sinceras e sinceras felicitações.

Hura! Hura! Hura! Avante! O Comercio de Maracá!

Doutor Brontides de Carvalho promovido ao posto de Capitão do Exército Nacional

Acaba de ser nomeado promovido ao posto de Capitão do Exército Nacional, o nosso estimado conterraneo Doutor Brontides de Carvalho, ex-governador militar do Estado, e uma das figuras de maior relevo militares e de mais alto prestigio na sociedade sergipana.

Ao ilustre operador e grande amigo, Doutor Brontides de Carvalho, as nossas mais calorosas felicitações.

Semana Santa

Revestiram-se de raro brilhantismo e irrepreensivel ordem, os lindos cultos religiosos da «Semana Santa», hoje finalizados na nossa encantadora Matriz.

Parabéns ao nosso distinto povo catolico, sintetizado na pessoa do Sr. vigário Filadelfo Jonatas de Oliveira, sua indomável e preado siao pastor e ao estimulo nobre Francisco Valença Monteiro, encarregado das tradicionais e edificantes solenidades.

Mãe de Maria

Ai vem o mês de maio, mês dos casais, das virgens e das filhas. Que na nossa mãe, seguindo a nobre exemplo dos Srs. Francisco, Ernesto Valença Monteiro e J. de Valença Santos Leite, Inspecção, de logo, a nossa vigareira, concorrendo com o precioso e sagrado salutaras medallas e o fim do que sejam também dignamente celebradas, as próximas festas da Encarnada Conceição.

Azul e branco são as cores da sua tradicional ornandade.

E porque não restaurar a tradição?

Aguardamos, confiantes, a acção dos nossos dignos rapazes, certos de que o nosso apele não ficará esquecido. E desde já contamos com a boa festa do mês de Maria.

Confortadora missiva de um bom catamarado

Santa Luzia, 25 de Março de 1933.

Meu caro Antonio:

Saude e felicidade, juntamente a sua Exma. familia, são os meus votos a bem. Rememore-me 24200 (vinte e quatro mil reais) para resgate de minha assinatura do seu bem lido jornalzinho "Vida Laranjeirense", correspondentes aos annos de 1931 e 1932 creio, a terminar em Abril ou Maio proximo. Fui do extremo sul do Estado fazendo preces ao mesmo livro para que o seu magistério já referido "Vida Laranjeirense", tenha propiedade por tempos intermináveis, para o seu bem estar, pela vida espulsiva que abraça, e pela nossa querida Laranjeira, e, enfim, pela coheividade geral. Antonio, sinceramente agradeço a confiança e louvo a esta boa ordem na distribuição do benquisto semanario.

Abraço-lhe e disponha do sempre amigo.

João Baptista dos Santos.

(Ou, simplesmente, João da Missão - antigo Caribido da "Vida Laranjeirense")

Jogos Intermunicipaes

Haverá no proximo domingo 23, em Maracá amistosissima partida de futebol entre as valorosas equipes dos bem organizados clubes «Cruzeiro», da tradicional cidade de Estância, «Verano», «Socialista», da vizinha localidade.

Todos a Maracá no proximo domingo.

Fonte: Acervo Jornais digitalizados do IHGS (Coleção de 1930 a 1936)

O processo de divulgação da Micarême ao longo dos anos foi extremamente falho, e entender como se deu esse processo de divulgação da Micarême é um dos propósitos dessa pesquisa. Para entender as falas e os silêncios da história da Micarême, observando-se o contraponto entre as memórias oralizadas e as notícias em jornais, percebemos que a memória traz fatos contestados pela imprensa e vice-versa, talvez propositalmente, talvez pelo fato de a festa possuir um significado mais popular do que

elitista, ou talvez apenas pelo fato de a memória ser dinâmica e por isso passível de sucessivas ressignificações. São várias as hipóteses levantadas, algumas respondidas, outras perdidas nos hiatos do tempo.

A memória pode ser encarada não somente como uma ferramenta de guardar dados mnemônicos, mas, sobretudo, como uma capacidade de (re)significação das coisas e de si mesmo; trata-se de uma representação das coisas já apresentadas anteriormente para si, uma possível reconfiguração de tais dados guardados na memória que são despertados pela rememoração (KUSSLER, 2009: 1629)

O cotejamento entre falas e documentos gera uma significativa contradição de informações, e desse modo, uma nota encontrada no jornal “Vida Laranjeirense”, datado de 12 de fevereiro de 1931, contesta a história oral que por anos foi mantenedora da versão de que o primeiro bloco da Micarême teria sido o Bloco Ninho dos Gaviões, mas os jornais escaneados do IHGS indicam a existência do Bloco Laranjeirense no ano de 1931. Ao se contrapor a informação escrita aos depoimentos inflamados de pessoas do Bloco Laranjeirense a reação dos brincantes reafirma a oralidade:

não, o meu Laranjeirense vermelho e branco foi criado em 1938, meu pai relatava que os times de futebol Laranjeirense e Botafogo foram até a cidade de Maruim para uma partida de futebol, e na ocasião estava acontecendo a Micarême de Maruim, e foi aí que resolveram criar os blocos aqui em Laranjeiras, os nomes que aparecem todos são sobrenome de pessoas de Laranjeiras, mas alguns dos nomes eram de pessoas do Botafogo³² (OLIVEIRA, 2012).

O que se percebe é que os discursos construídos sobre o Bloco Laranjeirense preferem atribuir a criação do Bloco à Família Muniz Barreto, uma família de políticos influentes na década de 1930 e nas décadas seguintes, rejeitando assim as informações do jornal.

Entretanto os questionamentos permanecem inquietantes e nos fazem refletir sobre a veracidade dos relatos orais de que se resolveram criar os Blocos Laranjeirense e Botafogo depois de uma visita a cidade de Maruim em tempo de Micarême, se Laranjeiras já possuía o Bloco Ninho dos Gaviões, que de acordo com as notícias de jornais desfilavam desde o ano de 1933 (OLIVEIRA, 2012).

Algumas questões permanecem não respondidas pela história oral, e contestadas pelos recortes de jornal da época:

³² Ana Maria Sampaio Barreto, entrevista cedida em 30/11/2011, em Laranjeiras-SE.

Figura 07: Jornal Vida Laranjeirense (1931)



Fonte: Acervo Jornais digitalizados do IHGS (Coleção de 1930 a 1936)

O discurso da integrante da diretoria do Bloco Laranjeirense, Ana Sampaio Barreto, revela o sentimento de pertencimento que brincantes e organizadores possuem em relação aos seus blocos, e essa família em especial, que é descendente dos supostos criadores em 1938, recusa-se a admitir a possibilidade de que o Laranjeirense tenha sido o primeiro bloco da Micarême, em 1931, tirando-lhes a origem de fundadores.

Essas relações sociais envolvendo disputas pelas memórias, em Halbwachs (2006), indicam que:

A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse

emaranhado de experiências, que percebemos qual uma amálgama, uma unidade que parece ser só nossa. As lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, a que o autor denomina 'comunidade afetiva'. E dificilmente nos lembramos fora deste quadro de referências. Tanto nos processos de produção da memória como na rememoração, o *outro* tem um papel fundamental (*apud* KESSEL, 2009:03)

A memória é modificada continuamente, e se reorganiza de acordo com as posições sociais que os indivíduos ocupam e as relações estabelecidas nos diferentes grupos. As memórias individuais em seus emaranhados são nutridas através da memória coletiva e da história que incorporam elementos mais amplos do que a memória construída pelo indivíduo e seu grupo, no entanto essa relação de poder existente dentro dos blocos modifica as falas e ressignifica as memórias, e a partir desses novos significados se alteram/moldam as histórias.

Os blocos provavelmente passaram por várias mudanças e ressignificados, disputas e negociações, pois o conceito de cultura seja na teoria ou na prática não é estático, mas sim dinâmico e vivo (SANTOS, 2004:26).

1.7. Getúlio e as Políticas Públicas

Getúlio Vargas assume interinamente, com o apoio do Exército, a presidência do Brasil, a partir da Revolução de 1930. Os nacionalistas apostavam no desenvolvimento do país e em sua recuperação econômica utilizando-se de suas riquezas naturais e produções culturais na construção de uma identidade nacional. Assim, durante a década de 1930, há um grande incentivo do governo à industrialização e modernização do país. Era tempo de afirmação nacional e de um novo projeto de nação (OLIVEIRA, 1990:29; GARCIA, 2005:95; MENDONÇA, 1999:26, *apud* MACEDO, 2007).

De acordo com MONTEIRO (2012), a República velha não possuía elementos de valorização para as produções culturais nacionais:

o período da Primeira República também foi percebido, por uma dada interpretação historiográfica, como um momento em que as expressões culturais não deram conta de valorizar o que era "verdadeiramente" nacional, porque teriam se preocupado unicamente em imitar os valores e costumes europeus. O mérito da integração nacional, convenientemente, ficava legado ao Estado Novo, que teria sido capaz de finalmente unificar não só politicamente, mas também culturalmente o país, consagrando ao mesmo tempo a imagem de um país mestiço. (2012: 30)

A busca pela valorização do trabalho levou o governo de Vargas a fazer uso da cultura para alcançar as classes mais populares, através de elementos da cultura popular como o carnaval, o futebol e o samba, tornando-os representantes de uma cultura nacional. Vargas transformou-os em símbolos brasileiros, representativos do Estado, utilizando-se da cultura para interferir diretamente nas produções, prometendo um Brasil melhor para as camadas populares.

Vargas utilizou-se da música com diversos propósitos, um deles e talvez o mais importante foi a valorização ao trabalho, pois o governo mudou completamente o cenário nacional com relação ao trabalho, com políticas públicas que reformaram a situação do trabalhador brasileiro, garantindo direitos e cobrando deveres. Foi através da Música Popular Brasileira que Vargas fez duras críticas à malandragem, pois o governo necessitava laurear positivamente o trabalho, condenando a boemia brasileira.

De acordo com DaMatta (1994) as músicas carnavalescas ajudam a pensar o Brasil e os brasileiros. As canções transpõem todas as camadas sociais, tornando-se instrumentos simbólicos, instrumentos esses que os compositores utilizam como meios para dramatizar os valores da sociedade brasileira e as relações de poder que se imiscuem nas canções, bem como para referir a questões amorosas entre homens e mulheres no país. Canções essas que durante o governo Vargas, tomaram outras conotações para suprir o interesse do Governo.

O monopólio dos meios de comunicação – através do exercício da censura e do controle das informações – para empregá-los em propagandas políticas de convencimento das ideologias governistas integra usualmente uma plêiade de estratégias de gestões totalitaristas que no Brasil, durante o Estado Novo, inspirou-se nos regimes fascistas oriundos da Itália e Alemanha (CAPELATO, 1999:169). Buscava-se:

Tentar suprimir, dos imaginários sociais, toda representação do passado, presente e futuro coletivos que seja distinta daquela que atesta a sua legitimidade e cauciona seu controle sobre o conjunto da vida coletiva (CAPELATO, 1999:169).

Outrossim, para o governo era necessário mudar a visão nacional de que o povo brasileiro era preguiçoso, principalmente na capital do país onde a produção cultural e os costumes da época do Império, de boêmios, ainda triunfavam. Muita dessa produção musical que cultuava a malandragem e a vida mansa, longe do trabalho, precisava ser completamente modificada, para que através dela o trabalho fosse ressaltado, juntamente com os símbolos nacionais exaltados de acordo com o interesse do governo.

Vargas tentava manter um controle sobre a música popular e sobre as manifestações relacionadas a ela. De acordo o jornalista Sérgio Cabral:

(...) as brechas contra o DIP só iriam surgir com a entrada do Brasil na guerra, quando, a pretexto de espinafrar os nazistas, os compositores arranjavam um jeito de exaltar a democracia. Mas outros compositores preferiram exaltar o próprio Getúlio (CABRAL *apud* PARANHOS, 2007:5).

Através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), muitas das produções musicais foram impedidas de serem veiculadas, pois o objetivo era transformar a música popular brasileira em elemento político para exaltar o Estado Novo.

Segundo Galdino e Ferreira (2007) em um artigo sobre o samba enquanto símbolo de identidade nacional, um dos músicos que se destacava na malandragem era Wilson Batista, que compunha músicas de duplo sentido, apelando para as gírias da época que faziam apologia à malandragem, ao não trabalho. Essa situação gerava inconformismo ao governo, levando-o muitas vezes a passagens pela polícia, diferente de Noel Rosa com o qual mantinha um desafeto já que Noel expressava-se de forma mais suave sobre a malandragem e era bem visto pelo governo.

Uma passagem que ilustra esse controle do governo varguista sobre a Música Popular Brasileira está na música “O Bonde de São Januário” de Wilson Batista e Ataúlfo Alves, que trazia em sua letra original “O bonde de São Januário leva mais um **otário**”, e de acordo com Braick e Mota, o governo solicitou a alteração da letra:

Quem trabalha é que tem razão/Eu digo e não tenho medo de errar/O Bonde de São Januário/Leva mais um **operário**/Antigamente eu não tinha juízo/Mas resolvi garantir meu futuro/Vejam vocês/Sou feliz, vivo muito bem/A boemia não dá camisa a ninguém/É, digo bem. (BRAICK e MOTA, 2006:138 *grifo nosso*).

Wilson Batista era conhecido pelas composições que citavam expressões como “malandragem, vadiagem, orgia, gandaia, situações ligadas às delícias do não trabalhar, dos desocupados.”³³ Assim, Wilson Batista sob o pseudônimo de “Mario Santoro”, lançou o samba “Lenço no Pescoço” gravado por Silvio Caldas:

Meu chapéu de lado,

³³ Almirante, 1908 – 1980. No Tempo de Noel Rosa / Almirante – 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Sonora Editora, 2013.

Tamanco arrastado,
 Lenço no pescoço,
 Navalha no bolso.
 Eu passo gingando,
 Provoco desafio,
 Eu tenho orgulho de ser vadio.
 Sei que eles falam do meu proceder,
 Eu vejo quem trabalha andando no misere
 Se sou vadio porque tive inclinação,
 Eu lembro, era criança fazia samba-canção.

Em resposta a esse samba Noel Rosa, o mocinho bom da Vila Isabel, compôs “Rapaz Folgado”:

Deixa de arrastar o seu tamanco,
 Pois tamanco nunca foi sandália,
 Tira do pescoço o lenço branco,
 Compra sapato e gravata
 Joga fora essa navalha
 Que te atrapalha.
 Com o chapéu do lado desta rata,
 Na polícia quero que te escapes
 Fazendo um samba-canção
 Já te dei papel e lápis
 Arranja um amor e violão.
 Malandro é palavra derrotista
 Que só serve pra tirar
 Todo o valor do sambista.
 Proponho o povo civilizado
 Não te chamarem de malandro
 E sim de rapaz folgado.

Figura 08: Imagem retirada do blog

<http://www.blogdoims.com.br/ims/polemica-por-rodriigo-alzuguir>

A discussão de Wilson Batista e Noel foi noticiada vinte anos depois, dada a importância da troca de ofensas musicadas, e do interesse do governo em exaltar a figura do trabalhador e abolir a figura do malandro, boa vida, boêmio, que não trabalhava.

O governo varguista ansiava a concentração de poder sobre as manifestações culturais, principalmente por ser financiador, tentando manter o controle, criando mecanismos como o Departamento de Imprensa e propaganda (DIP) que controlava as produções e tentava supervisionar os meios de comunicação, e a Agência Nacional para divulgação do governo Vargas e seus famosos discursos através de jornais e da rádio.

Ao mesmo tempo em que Vargas controlava e censurava as produções nacionais, não se pode negar o apoio dado à cultura no período, mesmo que esse apoio representasse atender aos interesses getulistas.

O Rádio foi um dos principais meios de divulgação do governo, tendo o rádio como seu principal veículo de divulgação dos seus discursos, mas também um espaço de difusão da Música Popular Brasileira para todo o país. Através das ondas do rádio,

servia-se aos propósitos do governo, mas grandes compositores e composições também surgiram no período, mesmo que o incentivo à música popular brasileira favorecesse à construção da brasilidade, sendo seu um exemplo maior a música “Aquarela do Brasil” de Ary Barroso, que tratava de forma poética das belezas brasileiras.

Brasil, meu Brasil Brasileiro,
 Meu mulato inzoneiro,
 Vou cantar-te nos meus versos:
 O Brasil, samba que dá
 Bamboleio, que faz gingar;
 O Brasil do meu amor,
 Terra de Nosso Senhor.
 Brasil!... Brasil!... Prá mim!... Prá mim!...

Ô, abre a cortina do passado;
 Tira a mãe preta do cerrado;
 Bota o rei congo no congado.
 Brasil!... Brasil!...

Deixa cantar de novo o trovador
 À merencória à luz da lua
 Toda canção do meu amor.
 Quero ver essa Dona caminhando
 Pelos salões, arrastando
 O seu vestido rendado.
 Brasil!... Brasil! Prá mim ... Prá mim!...

Brasil, terra boa e gostosa
 Da moreninha sestrosa
 De olhar indiferente.
 O Brasil, verde que dá
 Para o mundo admirar.
 O Brasil do meu amor,
 Terra de Nosso Senhor.
 Brasil!... Brasil! Prá mim ... Prá mim!...

Esse coqueiro que dá coco,
 Onde eu amarro a minha rede
 Nas noites claras de luar.
 Ô! Estas fontes murmurantes
 Onde eu mato a minha sede
 E onde a lua vem brincar.
 Ô! Esse Brasil lindo e trigueiro
 É o meu Brasil Brasileiro,
 Terra de samba e pandeiro.
 Brasil!... Brasil!³⁴

³⁴ Letra disponível em: <http://letras.mus.br/ary-barroso/163032/>, Acesso em: 01/06/2014.

Músicas para 5ª Série
 Album nº 1
 Aquarela Brasileira

Fonte: <http://partiturasparaviolao.blogspot.com.br/2012/07/aquarela-brasileira-ary-barroso.html>. Acessado em 02/05/2014

É um exemplo de samba que exalta o Brasil, onde Ary Barroso canta as belezas naturais do país e dos símbolos que melhor representavam o Brasil, inclusive o samba, consagrado como símbolo da nação brasileira, “tornando-se um dos grandes trunfos do período áureo do rádio. Com seus “Sambas-exaltações”, ele representaria o Brasil que Getúlio queria ouvir”³⁵.

Em Sergipe, em 1942, a rádio Aperipê, afinava seu repertório a esse posicionamento do governo varguista ao lançar a canção Meu Brasil, cuja letra ressaltava os encantos brasileiros personificados pela natureza, pelas mulheres de

³⁵ DINIZ, André, CUNHA, Diogo. A República Cantada: do choro ao funk, a história do Brasil através da música. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

distintas etnias e afirmavam a “ausência de preconceito de raça” no Brasil (MAYNARD, 2007:106-107).

O Meu Brasil / Brasil! / Meu Brasil!... / Terras de encantos / E de belezas mil; / Aqui a natureza / Deixou toda a riqueza / E a imensa grandeza / Deste céu de anil! / Viva a lourinha, / viva a mulata, / Viva a cabocla / que nasceu na mata... / Viva a morena / e a negra morena também, / Preconceitos de raça, / o Brasil não tem (ALVES, 1942 *apud* MAYNARD, 2007:106-107).

Segundo Siqueira (2012), o controle cultural e político, e a divulgação do mesmo, era uma tentativa de adaptação da população para uma nova realidade vivenciada no Brasil varguista e isso foi demonstrado através de leis desde o início de seu mandato, a exemplo do Decreto nº 20.033, de 25 de maio de 1931, que criou o Departamento Oficial de Publicidade, para dar amplitude às informações referentes ao governo; o Decreto de nº 20.902 – A, de 31 de dezembro de 1931, que regulamentava a Imprensa Nacional, para editar as publicações oficiais do governo, e em substituição ao Departamento Oficial de Publicidade, foi criado em 1934 o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, o qual em 1939 através do Decreto-lei de nº 1.915 de 27 de dezembro de 1939 se tornou DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão controlador e doutrinador do pensamento nacional.

Houve uma transformação da cultura popular³⁶, em símbolo nacional, ou uma forja da identidade brasileira, símbolo do governo varguista, onde encontramos elementos positivos, no que tange às políticas públicas de incentivo; e negativos, ao sujeitar essas mesmas manifestações ao crivo do governo, tolhendo a criatividade e a liberdade do povo brasileiro.

Dentre todas as discussões a respeito das manifestações carnavalescas no Brasil e das políticas públicas do governo Vargas voltadas para a cultura, percebemos sua influência na criação de manifestações culturais semelhantes em todo o país.

Podemos dizer que os carnavais que mais influenciaram a Micarême de Laranjeiras foram o carnaval de Recife, com a criação do frevo e do ritmo marcado inconfundível, e a criação das Escolas de Samba e agremiações do Rio de Janeiro, que

³⁶ Pensando o conceito de “cultura popular”, segundo Petrônio Domingues, que em seu diálogo com Stuart Hall, Mikhail Bakhtin, Michel de Certeau, Carlo Ginzburg, Robert Darnton, Roger Chartier, Peter Burke e Edward P. Thompson, conclui que: “É preciso, assim, questionar (e desconstruir) o conceito de cultura popular e ir além das dualidades (culto/popular, ilustrado/rude, refinado/arcaico, moderno/tradicional, letrado/oral) para pensar a cultura como arena de clivagens, disputas, conflitos e fraturas entre interesses antagônicos, qualificando como popular a produção cultural que se configura como manancial crítico, alternativo e contraponto à cultura hegemônica e/ou dominante” (DOMINGUES, 2011: 417).

produziram e difundiram o samba, através do rádio, as fantasias em revistas de circulação nacional, e os discursos de Vargas exaltando a cultura popular, principalmente a tríade: samba, carnaval e futebol.

Por fim, entendemos que o Município de Laranjeiras, não estava distante da realidade nacional, e ao contrário do que afirma o imaginário popular, os moldes que a festa da Micarême assumiu, revelam a influência do momento político que o Brasil vivia, da ligação da festa da Micarême com o futebol além do intercâmbio com as outras manifestações existentes no Brasil, que se imiscuíram na cultura local produzindo um formato próprio da cidade de Laranjeiras.

E a criação dos blocos da Micarême a partir de times de futebol, traz uma grande semelhança com outros carnavais do país, por mais que essa ligação em alguns blocos tenham sido somente até a década de 1970, foram esses times laranjeirenses que moldaram as primeiras décadas da Micarême.

CAPITULO II

2 - BRASIL O PAÍS DO FUTEBOL

2.1. O Brasil e o Futebol

Se pensarmos no futuro do passado com relação ao frenesi causado pela Copa do Mundo realizada no Brasil em 2014, diríamos que era exatamente esse resultado que Getúlio Vargas queria, ou pelo menos com relação ao patriotismo, na afirmação que o “Brasil é o país do futebol”, diríamos que do movimento começado em 1930, da profissionalização do futebol, hoje se colhe os frutos, onde não há espaço que não lembre a Seleção Brasileira, em ruas, no comércio, nas praças, nas casas e não existe local público que não esteja enfeitado com a bandeira do Brasil e suas cores, tendo os brasileiros empolgados e mais patriotas/nacionalistas do que nunca, mesmo observando a grande diferença entre os dois momentos distintos.

Mas vamos ao início, ou pelo menos a parte que foi escolhida para ser contada nessa introdução ao futebol brasileiro. O futebol não nasceu no Brasil, mas foi aqui que se moldou e que ganhou a ginga do brasileiro, que soube unir o futebol ao samba, coligando duas paixões nacionais.

O futebol foi introduzido no Brasil por trabalhadores ingleses que vieram para o país, era jogado de forma desordenada, e em muitas ocasiões somente eram admitidos no jogo funcionários do alto escalão das fábricas inglesas. Esse cenário começa a mudar com a saída de jovens para estudar na Inglaterra, como no caso de Charles Miller, filho de ingleses, mas nascido no Brasil, foi estudar na Inglaterra, onde passou dez anos e no seu retorno, em 1894, trouxe em sua bagagem bolas, uniformes, chuteiras e as regras do *football*³⁷.

Para muitos estudiosos, já havia a prática do “jogo da bola” no interior de São Paulo, em Itu. Para muitos outros poderiam ter ocorrido muitas partidas de futebol no nosso litoral, tanto no Norte como no Nordeste e no Sudeste do Brasil. Seriam jogos disputados entre brasileiros e marinheiros estrangeiros que chegavam em navios de diferentes bandeiras, mas com maior frequência com os ingleses. Isso também dará oportunidade para serem defendidas muitas teses nas diferentes universidades brasileiras. Eu ficarei com a data oficial de 1894 como sendo a do início da prática do futebol entre nós. (WITTER, 2003:163)

Existem vários relatos, de 1860, de partidas de futebol disputadas de forma simplória entre marinheiros estrangeiros, as conhecidas “peladas”, em diversos portos

³⁷ COUTINHO, 1985:107.

brasileiros. Mas autores como Witter (2003) atribuem a Charles Miller a introdução da competitividade do futebol e da divulgação de suas regras. A historiografia sobre o futebol no Brasil é escassa, portanto no eixo Rio de Janeiro/São Paulo é onde se encontra uma maior concentração de trabalhos e relatos sobre o futebol.

No final do século XIX e início do século XX a cidade de São Paulo recebia uma grande quantidade de imigrantes e importantes investimentos estrangeiros, dentre eles uma boa parcela de ingleses, que em grande maioria eram membros das classes média e alta. Mas anteriormente já haviam chegado ao Brasil outros imigrantes de classes menos abastadas para trabalhar nas lavouras de café, depois nas indústrias e muito provavelmente foram os primeiros a jogar futebol em terras brasileiras. De acordo com Magalhães (2010) na própria Inglaterra a origem foi diferente:

Todavia, na própria Inglaterra, a origem do futebol foi um pouco diferente. Em seu berço, nasceu na época do crescimento da classe operária, em plena Revolução Industrial, e era um esporte que levava para locais públicos toda a revolta e as insatisfações do operariado explorado. Tamanha era a violência que até a primeira década do século XIX era proibido pelo Estado inglês. Foi exatamente para controlar as classes mais baixas e a violência do jogo que se impôs regras ao futebol, que se tornou uma importante – e interessante para as elites – válvula de escape dos explorados³⁸(MAGALHÃES, 2010:14)

De certa forma esse fenômeno aconteceu também no futebol brasileiro, entre as três primeiras décadas do século XX. O futebol foi marcado por disputas acirradas entre a elite e as classes mais pobres, que eram impedidas de jogar com os filhos dos ricos, além da luta da classe rica pela não profissionalização do futebol, para que permanecesse no amadorismo, assim, as classes mais pobres não poderiam fazer parte dos times se aquele também não fosse o seu espaço de trabalho, a sua profissão.

2.2. Clubes e Órgãos Reguladores

Em todo o país no final do Século XIX e início do XX surgiram muitos times de futebol, alguns nem chegaram a ser oficializados e aos pesquisadores do futebol cabe desvelar esses times do interior do país, pois segundo o jornalista João Maximo:

³⁸ Sobre a incorporação do futebol na alta sociedade inglesa, João Máximo afirma que na época de Miller “o esporte já era então obrigatório nos recreios escolares britânicos. Isso desde a década de 1840, quando a rainha Vitória, aconselhada pelo pedagogo Thomas Arnold, pôs fim à proibição soberana que, por séculos, seus antecessores andaram impondo ao *mass football*, jogo de rua, violento, às vezes fatal, que vinha de antiga tradição: a da disputa de uma bola de bexiga de boi, envolvida em couro, que o sapateiro de Derby atirava ao alto na *terça-feira gorda*, para que dois times – 50 ou mais jogadores da cada lado – tentassem fazê-la passar pela porta da cidade defendida pelo time adversário. Ou seja, o *goal*. Para tanto, valia-se de tudo, socos, pontapés, cotoveladas, gravatas, golpes sujos” (MÁXIMO, 1999:1).

Em 1896, o São Paulo Athletic Club, fundado oito anos antes, seria o primeiro a aderir ao novo esporte, logo seguido do Sport Club Germania (1889), de Mackenzie Athletic Association (1898), Sport Club Internacional (1898), Clube Atlético Paulistano (1900), já com nome aportuguesado. Em Campinas, fundou-se a Associação Atlética Ponte Preta (1900). No Rio de Cox, o Fluminense Foot-ball Club (1902), o Rio Foot-ball Club (1902), o Botafogo Foot-ball Club, o America Foot-ball Club, o Bangu Athletic Club (os três últimos em 1904). Flamengo e Vasco da Gama já existiam desde o fim do século, ambos dedicando-se ao remo: o primeiro, só criaria seu departamento de futebol em 1911; o segundo, em 1923. Em Porto Alegre, foi fundado o Esporte Clube Rio Grande (1900); em Minas, o Sport Club Belo Horizonte (1904); em Recife, o Club Náutico Capeberibe (1901); em Salvador, o Vitória Foot-ball Club (1905). Vale ressaltar que há apenas um ponto comum entre todos os momentos dessa gênese: aqui e ali o futebol brasileiro nasceu como brinquedo de menino rico. Ou quase (MAXIMO, 1999:182).

No Rio de Janeiro, em 22 de setembro de 1901, aconteceu o 1º jogo de futebol, realizado por Cox e amigos, numa partida entre eles e os sócios do Clube Inglês Rio Cricket.³⁹ A partida foi noticiada pelo Correio da Manhã e de acordo com o jornalista Mário Filho, quem introduziu o futebol no Rio de Janeiro foi Oscar Cox, que passou quatro anos procurando ingleses ou estudantes que tinham voltado da Inglaterra recentemente, pois havia um certo consenso de que todo inglês tinha a obrigação de saber algo sobre futebol (RODRIGUES FILHO, 1994:37).

A liderança dos ingleses no futebol desse período foi muito grande e o preconceito bem marcado. Tomando a iniciativa, os brasileiros do time de Cox⁴⁰ criaram o seu próprio time, o Fluminense Football, fundado no dia 21 de julho de 1902 como o primeiro clube de futebol formado e liderado por brasileiros na cidade do Rio de Janeiro.

Notoriamente, mesmo com a estruturação do futebol paulista, a evolução do esporte no Rio de Janeiro foi superior e vários times de futebol surgiram na capital federal, mas mesmo com toda a popularidade, o esporte não ganhava espaço na imprensa, pois concorria com os clubes de regatas tradicionais, praticado por jovens de classe alta da Zona Sul do Rio de Janeiro.

De forma lenta, no estado de São Paulo, o futebol foi difundido em várias regiões da cidade, como a criação do Clube Bangu, que contava com a participação de

³⁹ Criado em 1872 com a ajuda de George Emmanuel Cox.

⁴⁰ O primeiro presidente do Fluminense foi Oscar Cox, que em 1904 por ver os uniformes de seu time desgastados foi à Inglaterra comprar novos, porém como não achou nas cores originais (branco e cinza) trouxe um jogo de camisas com três cores (verde, branco e grená). Surgiu, assim, o uniforme tricolor nas Laranjeiras.

funcionários e da Companhia de Progresso Industrial, da zona oeste. Inicialmente essa participação não era tão democrática, pois os funcionários que faziam parte do time eram técnicos e engenheiros estrangeiros, aos poucos foram abrindo espaço para os operários, dentre eles de forma tímida ao ingresso de negros e mulatos, um diferencial, pois os outros times eram compostos somente pela elite branca.

Figura 09: Time do Bangú em 1911



Fonte: WINTER, 2003.

O marco organizacional do futebol nacional foram as entidades reguladoras, à frente de campeonatos, assim:

A Liga Paulista de Futebol (LPF), primeira entidade do futebol paulista, surgiu em 1901 e, um ano depois, teve seu primeiro campeonato organizado. O “Paulistão”, como ficaria popularmente conhecido, surgiu fortemente elitizado, refletindo a situação do futebol brasileiro naquela época (MAGALHÃES, 2010:29)

Por quase uma década a Liga Paulista de Futebol permaneceu fechada para inserção de times que não fossem elitistas. Em 1910 apenas um time era de origem popular, o Clube Atlético Ypiranga, composto por trabalhadores que puderam participar do Paulistão. Podemos perceber o quão lentas foram as mudanças no pensamento do futebol e nesse período surgiram outros times como Corinthians, em 1910 e o Palestra Itália, em 1914.

Figura 10: cartaz de publicidade de campeonato de futebol - 1914



Fonte: SPORT, São Paulo, n. 1, 8 abr. 1914. IHGSP/APESP.

Com a organização do futebol, os campeonatos passam a reunir-se em ligas e instituições reguladoras, a exemplo da imagem acima do campeonato Paulista de 1914, momento em que o futebol já tinha caído nas graças do brasileiro, onde as famílias já iam aos campos de futebol aos domingos assistir às partidas. Na imagem abaixo, uma multidão assiste aos jogos, momento em que o futebol começa a substituir os esportes tradicionais do cotidiano paulistano e de uma grande parte do país, caso das Regatas.

Figura 11: Estádio lotado em 1915



Fonte: A CIGARRA. São Paulo, n. 26, 14 set. 1915. APESP.

Na Capital federal, em 1905, é fundada a Liga Metropolitana de Futebol, a primeira instituição reguladora do futebol carioca e juntamente com ela foram criados

vários times como: Riachuelo, Cosme Velho, Humaitá, Aldeia Campista, Brazilian de Copacabana, Boêmios de Vila Isabel e do Engenho Velho. Em 1906 mais de três dezenas de times já existiam na cidade.

Entre 1901 e 1915 ampliou-se consideravelmente o número de times de futebol organizados em ligas ou federações. Em 1915 já existia mais de duzentos e dezesseis filiados, o futebol já tinha virado mania nacional e passava a estampar as manchetes dos jornais e quando foi criado por Fernando Azevedo o termo “footballmania”⁴¹, o esporte começa a deixar de ser somente esporte de elite para travar uma batalha longa entre populares e elitistas (SANTOS,2012).

Em 1914 havia a necessidade de uma entidade única, que reunisse as instituições já existentes, foi criado então o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), com a responsabilidade de preparar e organizar as delegações olímpicas do país, e a Federação Brasileira dos Esportes (FBE), que ficou responsável pela organização do esporte nacional através da realização de torneios e eventos.

Mas as duas instituições representando os esportes no país começaram a entrar em conflito e em meio à crise mundial provocada pela 1ª Guerra Mundial (1914 – 1918), as entidades representantes dos esportes brasileiros resolveram mandar solicitações para a Fédération Internationale de Football Association (FIFA)⁴², para representar o Brasil no exterior, mas Miller interveio suspendendo a CBO e a FBE, e criando a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade que representaria o futebol brasileiro junto a FIFA.

Capítulo importante na consolidação da CBD e do futebol no Brasil foi a vitória da Seleção no III Campeonato Sul-Americano de Futebol, em 1919. Sede do torneio, além de assistir ao nascimento de sua primeira grande estrela nos gramados, o mulato³⁴ Arthur Friedenreich, apelidado de “El Tigre” justamente por sua participação em 1919 com a camisa da Seleção, o Brasil adquire um importante

⁴¹ Este termo foi cunhado pelo jovem Fernando Azevedo para explicar a consolidação do futebol nos campos cariocas (PEREIRA, *Opt. Cit.*)

⁴² Fundada em 1904 na Suíça e com sede em Amsterdam, a FIFA ainda possuía poucos filiados, sendo a ausência mais sentida a dos criadores do futebol: os ingleses. Em seu sítio, a FIFA descreve as funções de seus membros da seguinte forma: “(...) Como guardiães de um esporte tão apreciado, temos uma enorme responsabilidade. Essa responsabilidade não se resume à organização da Copa do Mundo da FIFA e das várias outras competições mundiais; ela se estende à salvaguarda das Regras do Jogo, ao desenvolvimento do esporte em todo o mundo e à condução de esperança aos menos privilegiados. Isso é o que acreditamos ser a essência do jogo limpo (*fair play*) e da solidariedade. Entendemos que a nossa missão é a de contribuir na direção da construção de um futuro melhor para o mundo, utilizando, para tanto, a força e a popularidade do futebol. É isso que dá sentido e direção a cada uma das atividades em que a FIFA está envolvida - o futebol como parte integrante de nossa sociedade. Disponível em: <http://pt.fifa.com/>., Acesso em:03/06/2014

legado: o primeiro estádio de alvenaria construído pelo Fluminense (SANTOS, 2012: 22).

2.3. Preconceito e Racismo nos Campos Brasileiros

O preconceito visto recentemente nos campos de futebol, que tanto causa indignação e constrangimento, acontecia de forma clara nos campos de futebol e fora dele nas primeiras décadas do século XX. O esporte foi criado dentro dos grupos de elite e a inserção da classe pobre foi lenta e difícil, passando-se décadas até os primeiros times de operários se consolidarem, mas mesmo com a popularização do futebol existia a proibição da inserção de negros nos times.

As atas e a correspondência dos clubes não atestam sobre os negros. As leis da entidade não faziam nem uma pequena menção às questões de raça, do negro propriamente dito. Estas se limitariam a levantar barreiras sociais, proibindo que trabalhadores braçais, empregados subalternos, contínuos, garçons, barbeiros, praças de pré etc. jogassem futebol em clubes filiados. “Eu fui, aos poucos, levantando o véu, ouvindo daqui, dali, reconstituindo a tradição oral, muito mais rica, muito mais viva do que a escrita dos documentos oficiais, graves, circunspectos, dos jornais que não dizem tudo” (MARIO FILHO, 2003 *Apud* SANTOS; DRUMOND, 2012).

A inserção do negro foi muito mais grave e obscura, pois era muito difícil existirem negros que não pertencessem às classes arroladas acima, e os times que insistiam na participação de negros eram deixados à margem.

No ano de 1919 um grande passo para o futebol brasileiro e para a consolidação da CBD foi a vitória da seleção brasileira no III Campeonato Sul-Americano de Futebol, com o auxílio do primeiro jogador negro a fazer parte da seleção, Arthur Friedenreich, que ficou conhecido como “*El Tigre*”, mas nem a vitória do Campeonato fez diferença na posição do governo elitista de Epitácio Pessoa (1918-1922).

Apresentava-se interessante para o governo Epitácio Pessoa (1918-1922) o sucesso da competição. Em 1922, um forte rumor tomava conta da imprensa nacional, afirmando que o presidente, em seus últimos meses de mandato, exigia como contrapartida ao auxílio financeiro dado à CBD, que não houvesse atletas negros na Seleção que disputaria o Sul-Americano daquele ano. Apesar de oficialmente negar qualquer tipo de pedido racista, a Seleção que foi à campo era branca, sendo o grande craque “*El Tigre*” excluído (SANTOS, 2012: 22).

O preconceito velado e revelado perdurou por anos e alguns autores que trabalham a ginga do futebol brasileiro, dizem que esta se originou justamente do preconceito existente dentro dos campos, pois os negros que participavam dos jogos

precisavam se esquivar de contatos físicos e possíveis faltas em campo, já que eram extremamente hostilizados e por vezes agredidos fisicamente em campo.

Lívia Gonçalves Magalhães (2010), em seu livro *Histórias do Futebol*, nos conta sobre a sequência de casos graves de racismo vindos da Presidência da República:

Nas primeiras décadas do século XX – quando o futebol afirmava-se como o esporte mais popular do país – poder e esporte cruzaram-se algumas vezes. Foi assim no caso em que o Presidente Afonso Pena doou a “Taça Brasil” para a disputa do primeiro campeonato de futebol no país. Por sua vez, em 1921, o Presidente Epitácio Pessoa protagonizou um caso mais complicado. O Brasil iria a Buenos Aires disputar o Campeonato Sul-Americano e o Presidente proibiu a CBD de escalar jogadores negros para a seleção que representaria o país. Segundo o Presidente, a medida fora tomada em função do medo de que, em caso de derrota, os negros fossem responsabilizados. Também foi considerada na decisão a experiência do Campeonato de 1919, quando a seleção brasileira escalou mulatos que foram chamados por uruguaios e argentinos de “macaquitos”. Mas é claro que também influenciou o racismo das elites, nelas incluído o próprio Presidente, que queriam mostrar para o mundo uma seleção formada pela elite branca e letrada, excluindo os negros, mulatos e analfabetos (MAGALHÃES, 2010: 52)

Quando vemos as cenas de futebol na atualidade, onde jogadores são agredidos sendo chamados de macacos e tendo bananas atiradas das arquibancadas em pleno século XXI, parece que vemos mais uma vez o futuro do passado, um passado cruel de agressões e hostilidades contra negros, pobres e qualquer classe que não fosse da elite.

Um episódio importante tornou-se símbolo do racismo no futebol: o caso do jogador negro Carlos Alberto, do Fluminense, no Rio de Janeiro, que passava pó de arroz no rosto para atenuar a cor da pele. O fato foi tão importante para a história do Brasil que recentemente a teledramaturgia contou a história do jogador, em uma novela intitulada *Lado a Lado*, da Rede Globo de Televisão, premiada em 2013 com um Emmy Internacional⁴³ pela fidelidade ao fato histórico e a denúncia do racismo.

Se tivéssemos que eleger um time de futebol não racista, ou menos racista poderíamos eleger o Vasco da Gama, uma vez que:

Mesmo com a criação da CBD, as fissuras continuariam no futebol nacional. A rivalidade entre paulistas e cariocas seria transportada para os gramados e até mesmo as disputas dentro dos estados contribuíram para o enfraquecimento do futebol brasileiro na década

⁴³ O **Prêmio Emmy Internacional** (no original em inglês *International Emmy Award*) é concedido pela [Academia Internacional das Artes & Ciências Televisivas](http://www.emmy.com) a programas televisivos que tenham sido produzidos e transmitidos fora dos Estados Unidos. O anúncio da premiação é realizado em [Nova York](http://www.nyt.com). Acessado em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A9mio_Emmy_Internacional

de 1920, tempos em que o Uruguai e a Argentina dominavam o cenário do continente. Episódio ainda mais marcante foi a reação dos grandes clubes do Rio de Janeiro à conquista do Vasco da Gama que, com um time do qual participavam negros e mulatos, sagrou-se campeão em 1923. Flamengo, Fluminense, Botafogo e América tentaram limitar a participação vascaína na Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), posteriormente optando pela criação de uma nova entidade esportiva, a Associação Metropolitana de Esportes Amadores (AMEA) (SANTOS, 2012: 23).

2.4. Getúlio com a Bola nos Pés e o País nas Mãos

Em 1930 o Brasil passou por grandes transformações políticas, chegava ao fim a política do café com leite, houve uma grande ruptura no bloco dos que dominavam o poder, a Aliança Liberal Brasileira (ALB) firmava-se como oposicionista do candidato governista Júlio Prestes, indicando na ocasião como presidente e vice, respectivamente, Getúlio Vargas e João Pessoa.

João Pessoa foi assassinado motivando a criação do movimento armado por ex-tenentes e, assim, a “Revolução de 1930” levou Getúlio ao poder, iniciando a Era Vargas que durou de 1930 a 1945, promovendo mudanças significativas em vários setores do país, mas atuando como um governo centralizador. Algumas mudanças caracterizaram Vargas como o desenvolvimento na indústria, a diversificação da produção agrícola nacional, a negociação com o comércio exterior e, talvez a mais significativa de todas elas, o incentivo às produções culturais, mesmo com a repressão à liberdade de expressão.

Esse controle do poder varguista e a necessidade da construção de um “Brasil” nacionalista, com elementos culturais que fossem símbolos dessa nação e alcançassem as massas, encaminham a escolha de Getúlio pela transformação do Rádio, do formato elitista que tinha em um meio de comunicação mais popular, deixando de lado uma programação de músicas clássicas e palestras, para atrair as classes populares, e para isso o incentivo à música, ao samba, ao carnaval e ao futebol, difundidos através dos programas de rádio.

O novo período vivenciado pela política brasileira soube utilizar com eficiência o apelo do futebol a favor de um novo modelo de governo e da construção de uma representação da nação. O futebol já vinha sendo manipulado por governos brasileiros anteriores como símbolo de uma identidade nacional forjada e mesmo não sendo somente os brasileiros a lançarem mão do futebol a seu favor, Getúlio o fez com maestria, ao capitalizar as benesses do futebol brasileiro, e em especial a Seleção

Brasileira, como uma estratégia favorável, alicerçada em políticas de incentivo ao futebol.

Um dos principais objetivos de Vargas era atrair o apoio dos trabalhadores urbanos e essa aliança o permitiu governar de forma centralizadora. Os esportes foram utilizados nesse estreitamento de relações para maquiar e conseguir o apoio dessa classe, que a partir da superação das diferenças sociais tão imbricadas no meio, reflete no apoio às mudanças empreendidas pelo governo.

Assim, o esporte, e principalmente o futebol, teve um papel fundamental na Era Vargas, virando símbolo da grandeza do país. Na década de 1930, houve mudanças radicais no meio futebolístico, pois o profissionalismo que vinha sendo buscado finalmente aconteceu em 1933. Vargas se tornou o patrono do futebol brasileiro, indicando a filha, Alzira Vargas, como madrinha da Seleção Brasileira, demonstrando ser assim o líder paternalista que trazia para o seio familiar o esporte das massas (MAGALHÃES, 2010).

No primeiro governo de Getúlio, a Seleção Brasileira participou de duas Copas do Mundo, a primeira em 1934, com um resultado não satisfatório, por algumas razões, entre elas a falta de profissionalização dos jogadores e pelas diferenças entre a Confederação Brasileira de Desporto (CBD) e as federações paulista e carioca.

A participação da seleção foi decepcionante. Mas o Presidente já mostrava seu interesse e nomeou para chefe da delegação Lourival Fontes, que participou da fundação da Ação Integralista Brasileira.

Em 1934, Vargas encarregou-lhe o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, de grande importância para o governo. O rádio, símbolo da Era Vargas, também foi um instrumento a mais no campo esportivo. Na Copa de 1938, por exemplo, pela primeira vez os jogos foram transmitidos para a América o que, para o governo, foi uma oportunidade a mais de propaganda: era ele quem permitia “captar as glórias brasileiras em gramados tão distantes” (AGOSTINO, 2002:144 *Apud* MAGALHÃES, 2010).

Mesmo após a derrota do Brasil e sua colocação em terceiro lugar, os jogadores da seleção foram recebidos por Getúlio como heróis, pois mesmo sem ganhar o título o time do Brasil fez belas partidas durante o campeonato, com a participação de Leônidas da Silva, chamado de diamante negro, símbolo da democracia racial, colocando a seleção brasileira entre as grandes potências mundiais. Isso representava para a política varguista a projeção da nação e da sociedade, construindo através do futebol uma coletividade nacional.

As emoções vividas nos grandes torneios mundiais, quando o hino do Brasil é executado nos estádios, conseguem afetar os brasileiros, mesmo os mais céticos tanto no que tange à competência da seleção quanto no gosto por futebol. Sentimento igual

foi experimentado na Era Vargas de forma intencional, pois a Seleção Brasileira representava a nação construída culturalmente e divulgada pelo Estado Novo, assim, Vargas deixava sempre claro que o futebol era uma questão nacional.

Vargas criou ainda o Conselho Nacional de Desportos (CND), vinculado ao Ministério de Educação e Saúde, demonstrando a importância do esporte e que o incentivo e o financiamento para o futebol fazia parte do seu plano de governo.

Os discursos de Getúlio foram marcas registradas no seu governo e ele utilizou-se do futebol para proferir seus discursos, em clubes de futebol, principalmente em São Januário, no Rio de Janeiro, e no Pacaembu, em São Paulo, pois esses espaços eram repletos da massa trabalhadora que buscava entretenimento. Vargas falava à nação relacionando sentimentos de pertencimento popular, reforçando em seus discursos o sentimento de liberdade que o futebol dava aos trabalhadores naquele momento.

2.5. O Rádio e o Futebol: Veículo de Massa que Convenceu

Desde o início da década de 1930 o rádio e o futebol mantinham laços estreitos, e podemos arriscar que a história de um se confunde com a do outro e que o futebol e o samba foram a força motriz, a base do rádio na década de 1930 no Brasil.

A experiência radiofônica no Brasil começou como associações e sociedades sem fins lucrativos, mas esse quadro mudou radicalmente em uma década, adotando o modelo comercial norte americano, passando de simples transmissões de rádio a grandes empresas, com lucros consideráveis, e em 1936 já havia no Brasil cerca de 65 emissoras, sendo 12 no Rio de Janeiro e 8 em São Paulo. Ainda em 1936, foi criada a Rádio Nacional, que podemos considerar um elemento de grande mudança na radiodifusão, ao tempo que o rádio passava a fazer parte do cotidiano das famílias brasileiras (SIQUEIRA, 2012).

O poder de penetração do rádio nas famílias brasileiras, fez com que Vargas utilizasse o rádio para construir o símbolo do seu governo na elaboração de uma noção de Pátria e de Nação com uma identidade própria, e foi esse um dos papéis desempenhado pelo rádio junto ao futebol, visando criar o hábito no brasileiro de escutar o futebol, acompanhando as partidas de seus times favoritos e, em meio a tudo isso, a exaltação da Seleção Brasileira de Futebol, que era também o símbolo dessa “nação em construção”.

Havia várias versões sobre a introdução do rádio no Brasil, o jornalista Valter Sampaio fala sobre o início do rádio em Pernambuco em 06 de abril de 1919, onde podemos pensar, na proximidade com os estados do Nordeste, o alcance da radiodifusão, mas segundo Capello *apud* Ortriwano:

A primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil foi ao dia 7 de setembro de 1922, no Rio de Janeiro, em comemoração aos 100 anos da independência. A Westinghouse Eletronics, juntamente com a Companhia Telefônica Brasileira, instala no alto do Corcovado uma estação de 500 Watts para o discurso do presidente Epitácio Pessoa, que foi ouvido por inúmeras pessoas nos 80 aparelhos espalhados pela cidade. (CAPELLO, 1971 *apud* ORTRIWANO, 2011)

O primeiro locutor a fazer transmissão de uma partida de futebol foi Nicolau Tuma, narrador da Rádio Educativa Paulista, narrando o jogo entre a Seleção de São Paulo e a do Paraná, em 19 de julho de 1931, e sua atuação foi surpreendentemente rápida, que ficou conhecido como *speaker* metralhadora, por falar até 250 palavras por minuto. Utilizando-se dessa estratégia Tuma conseguiu levar os jogos, as notícias e as emoções dos campos de futebol para dentro das salas das casas.

Outros locutores importantes empreenderam o formato de narrar o futebol brasileiro, de maneira a fazer a população sentir-se como se estivesse assistindo as partidas mesmo sem poder visualizar os jogos e Nicolau Tuma foi um desses. Como o futebol não era um esporte ainda tão conhecido pelos brasileiros, Tuma em suas narrações tentava explicar algumas regras do futebol para o público, e em determinados jogos ele descrevia o campo, pedindo ao público que pensassem em uma caixa de fósforos e através dessa metáfora dava referências sobre o espaço, explicando que do lado direito estavam os paulistas e do esquerdo, os paranaenses. A maneira peculiar criada por Tuma aproximava o público desse esporte e contribuía para o projeto de construção da nação brasileira (MADRIGAL, 2011).

Outro nome importante para o Rádio no Brasil foi Ary Barroso, conhecido pelas suas músicas nos programas de rádio, principalmente “Aquarela do Brasil”. O cantor iniciou sua carreira como narrador esportivo na Rádio Cruzeiro do Sul, ficando conhecido como *Speaker* da Gaitinha, uma vez que como Ary Barroso transmitia as partidas da arquibancada – durante os goals a torcida fazia um barulho ensurdecedor, encobrindo a voz do locutor – o mesmo passou a usar uma gaita durante o gol.

As histórias de Ary como narrador nem sempre terminaram bem, ao viajar para narrar um campeonato Sul-Americano de 1937, em Buenos Aires, por um momento abandonou o microfone para torcer próximo ao gramado, do lado da torcida rival, sendo

espancado e cuspidos pelos argentinos, desmaiando no meio da transmissão. Num período delicado no qual o mundo vivia à beira de uma guerra, Ary Barroso quase provoca uma, todavia, acabou retornando ao país como um herói (MADRIGAL, 2011).

A transmissão radiofônica mais importante ligada ao futebol ocorreu durante a Copa do Mundo de 1938, na França, constituindo um momento marcante para a história do futebol no Brasil. Ocorrida em 05 de julho, a partida entre as seleções do Brasil e Polônia foi vencida pela seleção brasileira com um placar de 6 x 5, tendo sido a transmissão feita para todo o Brasil, diretamente da Europa, pelo voz do locutor paulista Leonardo Gagliano Neto, do Departamento de Esportes da Rádio Clube do Brasil, PRA-3, que fez o Brasil vibrar.

Serviços de alto-falantes foram instalados nas praças de centenas de municípios brasileiros, para que a população pudesse acompanhar as partidas, o povo vibrava em poder acompanhar lance a lance o que acontecia do outro lado do Oceano Atlântico. Reunia-se no Largo do Paissandu, em São Paulo, na Galeria Cruzeiro, no Rio de Janeiro e em outros lugares em que as emissoras colocavam alto-falantes para o público. Bares, restaurantes, casas, ou qualquer lugar que tivesse um rádio transformava-se num ponto de encontro para que as pessoas se reunissem. Os fenômenos da popularização do futebol e do rádio caminhavam juntos e alimentavam um ao outro, criando uma forte identidade cultural brasileira. (FERRARETTO, 2000 *Apud* MADRIGAL, 2011).

O papel da narração no Brasil foi tão importante para a divulgação do futebol nacional que não podemos dissociar um do outro, pois ambos confundem-se em sua criação e alcance, não se podendo recriar as emoções das grandes locuções. Na atualidade, onde a grande maioria das pessoas assiste às partidas de futebol pela televisão, visualizando-se todo o jogo, não haveria o mesmo sentimento se as partidas de futebol não tivessem a marca registrada dos narradores e comentaristas de futebol, pois como diz Arnaldo César Coelho “a regra é clara” e sem essas vozes que deram vida ao esporte, o futebol talvez não fosse uma paixão nacional e nem um símbolo de nação tão forte como é. Em Sergipe...

O telegrama chegou à sede do governo em meio a outros comunicados corriqueiros. Contudo, logo chamou a atenção e rapidamente estava nas mãos do Interventor. Ali, naquele pedaço de papel, havia motivos para olhares satisfeitos e cumprimentos mútuos. Afinal de contas, um projeto trabalhoso era, enfim, reconhecido pelo homem que inspirara tudo aquilo. Era fevereiro de 1939 e depois de anunciada a criação do Departamento de Propaganda e Divulgação Estadual (DPDE) em Sergipe, Getúlio Vargas, chefe do Estado Novo, manifestou-se oficialmente: “tenho satisfação acusar recebimento comunicação seu telegrama propósito notável empreendimento seu governo. Cordiais saudações”. A imprensa local, já policiada naqueles tempos, aplaudiu

e alardeou as palavras do ditador, reproduzindo o comunicado (MAYNARD, 2007:105).

O trecho acima revela a introdução de todo um aparato de gerenciamento da cultura e investimento na auto-propaganda governamental em terras sergipanas, mostrando que local e nacional caminhavam num mesmo compasso. A propagação das ideias políticas junto às massas era fundamental durante o Estado Novo e “em Sergipe a radiodifusão surgia atrelada à ideia de propaganda ideológica”(MAYNARD, 2007: 107).

Dentre as inúmeras cláusulas do contrato firmado entre o Estado e a União, apareciam as finalidades da rádio: administrativa, intelectual e instrutiva. Entre as incumbências, a de “manter sempre em ordem e em dia o registro de todos os programas e irradiações lidas ao microfone, devidamente autenticadas com o visto do órgão fiscalizador” (MAYNARD, 2007:108-109).

A concessão, em 1939, para que a radiodifusão pudesse ser executada em Sergipe (Diário Oficial, Decreto nº 328), reforçava a preocupação com o tipo de programação que seria levado a público, incentivando um “refinamento intelectual”, mas, sobretudo, mantendo a fiscalização sobre as transmissões. E a ligação entre rádio, governo e intelectualidade era tão forte em Sergipe, expressando-se na notícia do Jornal Folha da Manhã, de 10 de julho de 1942, que: “A nova Rádio Aperipê de Sergipe funcionou, provisoriamente, com um pequeno estúdio montado numa das salas do Palácio do Governo, mais tarde, foi transferido para o Instituto Histórico de Sergipe” (MAYNARD, 2007:112).

Sobre a ligação da rádio sergipana com o carnaval salienta-se ainda que os ensaios com as canções carnavalescas dos Legionários de Sergipe, homenageando o interventor sergipano, foram irradiadas pela P.Y.D.2, conforme noticiado pelo jornal baiano A Tarde, em 1940 (MAYNARD, 2007:114).

Entre sambas e gols, a radiodifusão em Sergipe, e demais estados brasileiros, funcionava como um importante instrumento para as propagandas governistas que erigiam em torno do poder político a aura de “construtores de uma nação ideal”, sem preconceitos, com entretenimento de qualidade, ressaltando os valores positivos da ordem e do trabalho. Nas entrelinhas dos discursos produzidos, entretanto, o cerceamento das liberdades e a manipulação das informações conduziam as práticas culturais. Mas há que salientar que embora a mensagem fosse transmitida com eficiência, a maneira pela qual o receptor a assimilava condizia muito mais com as

bagagens pessoais que este trazia e seu próprio potencial em re-interpretar e reelaborar os signos dominantes que lhe eram destinados.

2.6. Analfabetismo no Futebol Nacional

O futebol difundiu-se rapidamente entre a parcela mais pobre da população, onde se concentrava o maior número de analfabetos do país, no início do século XX, com o desenvolvimento da industrialização no Brasil, quando muitos jovens trabalhadores nunca tinham frequentado a escola e alguns tinham vindo do campo para a cidade, ou dos subúrbios.

A prática do futebol era por sua própria origem elitista. Uma modalidade esportiva que tinha sido trazida por estudantes brancos, de classe social alta, da Inglaterra, com todas as regras e nomenclaturas em inglês. Era uma modalidade para letrados, brancos e ricos, mas como essa não era a realidade da grande maioria da população, o que era difícil de pronunciar foi sendo “abrasileirado” e adaptado para todos os públicos.

Inicialmente era obrigatório o uso de termos em inglês nas partidas de futebol, inclusive ao machucar o adversário as desculpas deveriam ser em inglês, “*I’m sorry*”, e outros termos como o *dribbling*, que se transformou em drible, o *penalty* transformou-se em pênalti, *back* transformou-se em beque, *scratch* virou escrete, *goal* virou gol.

Esse “abrasileiramento” dos termos no futebol facilitou aos jogadores não alfabetizados entenderem como funcionava o jogo, mas isso não foi suficiente para criar uma abertura para pobres, trabalhadores fabris, negros e analfabetos.

Segundo Mário Filho (1994), com a popularização do futebol um grande número de times foi criado e as disputas passaram a ser acirradas, o que exigia maior preparação técnico-tática e uma maior preparação física. Com isso, a busca se restringiu a jogadores mais novos, no geral estudantes entre os 18 e 20 anos, com uma tolerância máxima até os 25 anos. E a prática de treinar estudantes se justificava pelo fato de que os estudantes tinham mais tempo para treinar.

A necessidade de afastar qualquer um que não fosse de família tradicional e rica incidiu na máxima de que analfabetos não poderiam jogar futebol, somente os jogadores de “boas famílias” poderiam fazer parte dos times, no geral estudantes de graduações em Direito e/ou Medicina.

Em contrapartida, as fábricas começam a incentivar os jogadores a participar de times de futebol. Mário Filho (1994) destaca que a partir do momento que as fábricas começaram a estabelecer critérios para a valorização dos operários/jogadores, principalmente os que não possuíam condições de estudar, o esporte começa a ser visto como uma forma de ganhar a vida, pois estes executavam os trabalhos mais leves das fábricas para preservar suas energias para os treinos.

Apesar das concessões e incentivos das fábricas, o meio futebolístico continuava elitista e tentava de forma desesperada manter um grupo fechado. Assim, foi criado quase um culto aos estudantes, sendo estes quase sinônimos de jogador. Esse culto ao estudante fez com que a Liga dos Clubes criasse medidas para não permitir que quem não fosse estudante competisse nas partidas oficiais. Era uma forma de excluir jogadores pobres, negros e analfabetos.

Um dos critérios utilizados para essa exclusão foi a criação da assinatura em súmula antes das partidas de futebol, e quem não soubesse assinar não entrava em campo. Essa medida mudou a vida de jogadores de pequenos times, que na maioria das vezes eram descobertos em peladas ou clubes do subúrbio, pois como medida emergencial para não perderem seus craques, os pequenos times contrataram professores para ensinar aos jogadores a assinatura de seus nomes nas súmulas, um exemplo disso era o jogador Pascoal Cinelli, que por possuir letras dobradas no sobrenome trocou por Pascoal Silva, para facilitar a escrita.

2.7. Futebol Sergipano

O processo de introdução do futebol em Sergipe não foi diferenciado do resto do país. E apesar da bibliografia escassa sobre o tema, encontramos várias notas sobre o esporte em jornais sergipanos como: Correio de Aracaju, Gazeta de Aracaju, A República e Vida Laranjeirense.

O futebol sergipano teve sua vida inicial configurada pelo Cotinguiba Sport Club, em 10 de outubro de 1909, formado por famílias influentes politicamente no Estado, as famílias Franco, Leite, Rolemborg e Vasconcelos. Igualmente aos clubes criados no eixo Rio/São Paulo, já nasceu elitista, era composto pela nata da sociedade sergipana, nascido numa região de lazer à beira do rio e da praia, e por isso ficando conhecido como “Dragão da Praia”. O clube iniciou suas atividades desportivas como clube de remo e de voleibol, mas no ano seguinte já atuava como time de futebol.

A arquitetura do Cotinguiba Esporte Clube tão conhecida dos sergipanos, só foi construída no formato atual na década de 1940, tornando-se um marco arquitetônico aracajuano, com feições de arquitetura mediterrânea. Segundo Alencar Filho (1984) o prédio ficou conhecido como “O Palácio Alvi-Azul da Augusto Maynard”.

Outro Clube importante para Sergipe é o Clube Esportivo Sergipe, criado em 17 de outubro de 1909. A partir de uma ruptura na criação do Cotinguiba Esporte Clube, houve uma divisão e a partir dela foi criado o Clube Esportivo Sergipe, que é sinônimo de representatividade do Estado de Sergipe. O Time construiu uma história de grandes campeonatos estaduais e interestaduais, como podemos ver na tabela abaixo:

Tabela 1 - Campeonatos Interestaduais

ANO	CLUBE	PLACAR	CLUBE
1926	Sergipe	1 x 0	Seleção do Ceará
1936	Sergipe	4 x 2	Botafogo(Bahia)
1940	Sergipe	3 x 1	Seleção de Alagoas
1942	Sergipe	8 x 4	Vitória (Bahia)

Fonte: Disponível em: <http://www.campeoesdofutebol.com.br/sergipe.html>, Acesso em:10/06/2014

Por esses resultados o time Sergipe ficou conhecido como o derrubador de Campeões, mas outros títulos foram ganhos pelo Sergipe, sendo o único clube sergipano a enfrentar uma equipe carioca, o América do Rio de Janeiro, conquistando os títulos estaduais de 1922, 1924, 1927, 1928, 1929 (Tri-campeão), 1943, 1955, e alguns outros campeonatos.

O desenho da rivalidade do futebol sergipano ainda não existia inicialmente e, apesar da ruptura entre o Cotinguiba e o Sergipe, o grande rival do Sergipe foi criado em 1935, com a criação da Associação Desportiva Confiança, à princípio como times de Voleibol e Basquete, a Associação foi criada em um bairro de operários de Aracaju, o Bairro Industrial, e recebeu o codinome de “Dragão do Bairro Industrial”. E no ano de 1949 o Confiança começa suas atividades como Time de Futebol, com suas cores azul e branco. De acordo Alencar Filho (1984), a Associação inscreveu a história do operariado sergipano através do futebol, e em 1º de maio de 1955 a Associação Desportiva Confiança, com o apoio do Drº Joaquim Sabino Ribeiro Chaves, ganhou o “Estádio Proletário Sabino Ribeiro”.

Houve outros times sergipanos, como o Vasco da Gama Futebol Clube, time que levava o nome do time carioca e era formado por bancários e comerciários, tendo sido fundado em 15 de agosto de 1931. Era um time elitista onde figuravam nomes influentes em Sergipe como: Floro Bezerra, Abdias Bezerra, Felte Bezerra, Rogério Garcia, irmão de Luiz Garcia, governador do Estado, e tinha como maior rival na época o Paulistano Futebol Clube, time formado por comerciários, que surgiu na década de 1930, mas não teve uma vida longa.

Mas não só a capital na década de 1930 tinha percorrido uma trajetória futebolística, outras cidades marcaram seus nomes em campeonatos sergipanos, a exemplo da cidade de Itabaiana, onde:

O Santa Cruz e o Brasil são o ponto inicial do futebol de Itabaiana. Década de 20. Mais tarde – 1938 – surgiu o Botafogo Sport Clube – que viria a ser – década de 50 – o Itabaiana Esporte Clube. Sempre foi valente. Papa-cebola não é brincadeira. Coronárias Dilatadas. O sangue correndo solto nas veias. Cuca fresca oxigenada. Cochilou o cachimbo cai (ALENCAR FILHO, 1984).

Destacando a importância do time interiorano para o esporte sergipano, temos outros como o América de Propriá, o Siqueira Campos Futebol Clube, o Olímpico Futebol Clube e muitos times mais novos cuja lista pode ser visualizada na tabela seguir:

Tabela 2 - Os campeões sergipanos desde 1918.

ANO	CAMPEÃO	VICE-CAMPEÃO
1918	Cotinguiba	Sergipe
1919	não houve disputa	-
1920	Cotinguiba	-
1921	Industrial (Aracaju)	-
1922	Sergipe	-
1923	Cotinguiba	Industrial (Aracaju)
1924	Sergipe	-
1925 e 1926	não houve disputa	-
1927	Sergipe	-
1928	Sergipe	-
1929	Sergipe	-
1930 e 1931	não houve disputa	-
1932	Sergipe	-
1933	Sergipe	-
1934	Palestra	-
1935	Palestra	-
1936	Cotinguiba	-
1937	Sergipe	-
1938	não houve disputa	-

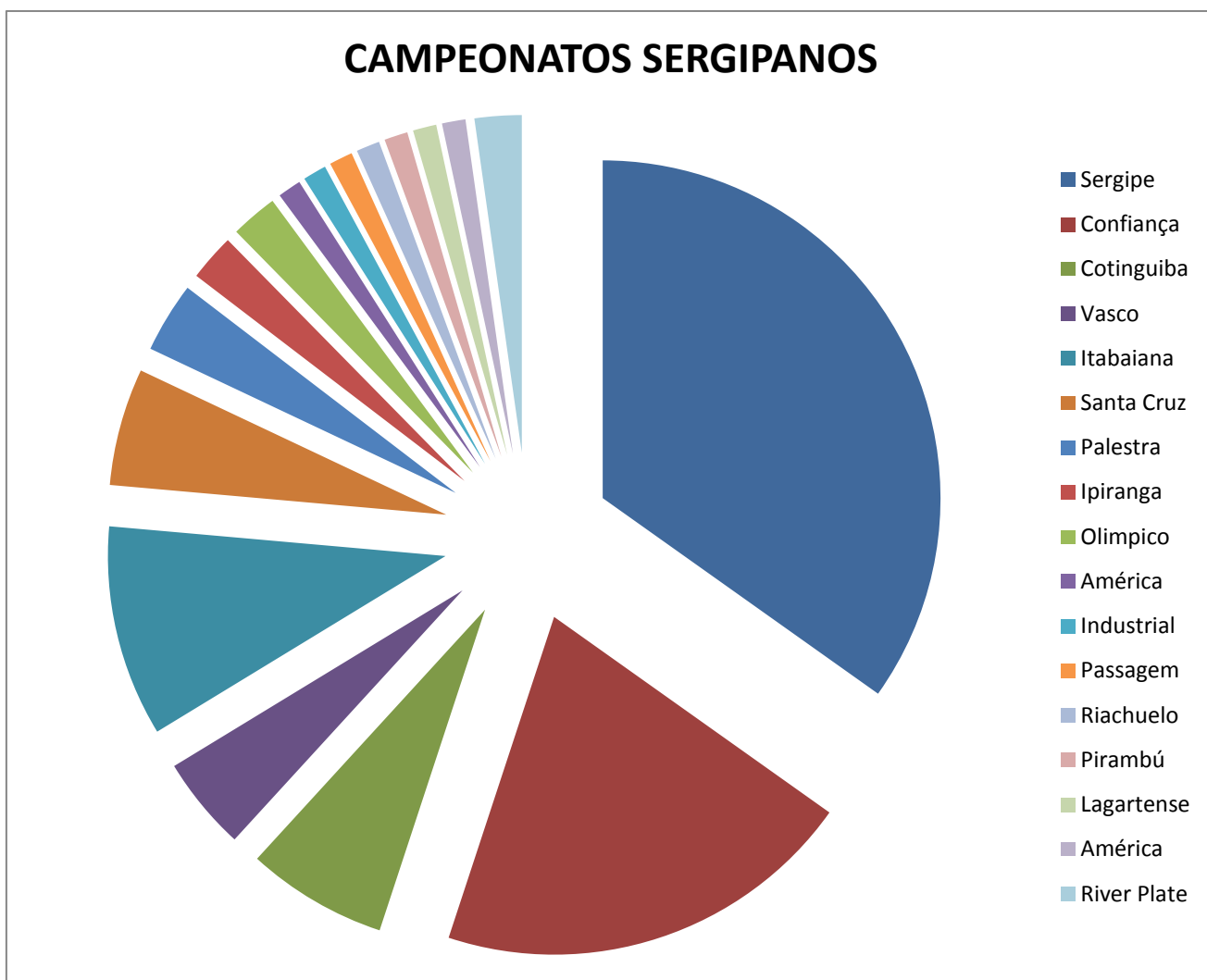
1939	Ypiranga (Maruim)	Sergipe
1940	Sergipe	Laranjeiras
1941	Riachuelo	-
1942	Cotinguiba	-
1943	Sergipe	-
1944	Vasco	Ipiranga (Maruim)
1945	Ypiranga	Vasco
1946	Olimpico (Aracaju)	-
1947	Olimpico (Aracaju)	América
1948	Vasco	Olimpico (Aracaju)
1949	Palestra	Olimpico (Aracaju)
1950	Passagem	-
1951	Confiança	-
1952	Cotinguiba	-
1953	Vasco	-
1954	Confiança	-
1955	Sergipe	Confiança
1956	Santa Cruz	-
1957	Santa Cruz	-
1958	Santa Cruz	-
1959	Santa Cruz	-
1960	Santa Cruz	Sergipe
1961	Sergipe	Santa Cruz
1962	Confiança (Invicto)	Vasco
1963	Confiança	Sergipe
1964	Sergipe	Santa Cruz
1965	Confiança	América
1966	America	Confiança
1967	Sergipe	Confiança
1968	Confiança	Sergipe
1969	Itabaiana	Olimpico (Aracaju)
1970	Sergipe	Itabaiana
1971	Sergipe	Itabaiana
1972	Sergipe	Lagarto
1973	Itabaiana	Sergipe
1974	Sergipe	Confiança
1975	Sergipe	Lagarto
1976	Confiança	Cotinguiba
1977	Confiança	Sergipe
1978	Itabaiana	Sergipe
1979	Itabaiana	Cotinguiba e Vasco
1980	Itabaiana	Confiança
1981	Itabaiana	Sergipe
1983	Confiança	Estanciano (Estância)
1984	Sergipe	Confiança
1985	Sergipe	Itabaiana
1986	Confiança	-
1987	Vasco	Itabaiana
1988	Confiança	Sergipe
1989	Sergipe	Confiança

1990	Confiança	Sergipe
1991	Sergipe	Confiança
1992	Sergipe	Confiança
1993	Sergipe	-
1994	Sergipe	Confiança
1995	Sergipe	Confiança
1996	Sergipe	Olimpico (Itabaianinha)
1997	Itabaiana	Confiança
1998	Lagartense	Vasco
1999	Sergipe	Lagartense
2000 (*)	(*)	(*)
2001	Confiança	Sergipe
2002	Confiança	Itabaiana
2003	Sergipe	Confiança
2004	Confiança	Sergipe
2005	Itabaiana	Sergipe
2006	Pirambu	Confiança
2007	América	Confiança
2008	Confiança	Sergipe
2009	Confiança	Sergipe
2010	River Plate	Confiança
2011	River Plate	São Domingos
2012	Itabaiana	Confiança
2013	Sergipe	River Plate
2014	Confiança	Socorrense (Socorro)

Fonte: Disponível em: <http://www.campeoesdofutebol.com.br/sergipe.html>, Acesso em:10/06/2014

Podemos dividir na tabela acima dezenove times dentre os que atuavam na capital e aqueles do interior que deram vida às disputas nos campeonatos ocorridos entre 1918 e 2014.

Gráfico 1 – Campeonatos Sergipanos



Fonte: <http://www.campeoesdofutebol.com.br/sergipe.html>, Acesso em:10/06/2014

No gráfico acima podemos perceber a rivalidade entre Sergipe e Confiança, dividindo o maior número de títulos.

Mas nem tudo o que foi vivido no futebol sergipano foram flores, pois vários conflitos foram noticiados nos meios jornalísticos, como uma matéria no jornal correio de Aracaju, de 18 de junho de 1930, como podemos observar a seguir:

Transcrição

Pelo Desporto
O Campeonato Regional de Futebol
Depois do evido alcançado pela nossa apresentação no sétimo Campeonato Brasileiro de Futebol, realizado o ano passado, deixar de competir ao presente anno, com francos possibilidades de melhor

resultado tecnico, será um facto que, por sem dúvida collimora numa accentuada retrogradação desportiva.

Nós devemos marchar sempre para a frente, com a audácia dos que tem vontade de lutar e vencer, e nunca nos devemos deixar arrastar na onda dos indolentes significação que melhor se adapta aos povos sem fibra e sem animo.

E que nós, os de Sergipe, temos animo e fibra, já havemos demonstrado, sempre, à sociedade, sob qualquer ponto de vista.

Não é, pois, que, na prática tão útil e proveitoso, tentemos dar uma demonstração as que temos dado, em outras tão variadas coisas.

Procuremos, sim com a nossa fibra e o nosso animo, levar avante a prática das coisas que nos parecem úteis e proveitosos, dentre os quaes podemos destacar a dos desportos, ou seja, o sério cultivo dos diversos processos pelos quaes se possa dar ao organismo a feição perfeita e intrinseca que lhe bem está a exigir, mormente dos que vivem uma vida sedentária, sem movimentação física.

Olhemos para os diversos ramos dos desportos, com o carinho e com o amor que elles nos reclamam, e jamais com o indifferetismo e o desprezo repellentes e criminosos, porque é repelente e cirminosos todo o gesto tentado contra o progresso de qualquer prática que nos conduza a maior civil ligação.

E que ouza dizer que a melhor prática dos desportos não é um dos mais amplos caminhos para a maior civilização?

Cuidemos, portanto, sem mais tardanças nem esmaecimento, de semelhante prática.

O ramo, que envolve este assumpto é o futebol.

E negar-lhe a supremacia do valor material, ao menos, pois que delle emanam as maiores fontes de renda, seria crime de lesa consciência.

Todos os demais desportos vivem quase que à sua sombra, amparados pelas suas rendas.

Encontramos num dispositivo estatutário da C.B.D. que insiste trinta por cento das rendas dos campeonatos de futebol a favor dos esportes que não tem renda, bem como o remo, natação, water-polo e outros, uma comprovação para o que atraz ficou dito.

Que mais aduzir a esse respeito?

As razões, de ordem secundária que atentam a sua realização.

Para que não podemos concorrer ao maior certame nacional de futebol, bastante é que não realizamos o nosso campeonato regional.

Encontramo-nos, já, em meados junho, por conseguinte não só em época avançada, porem ainda em apropriada, se não para nós unicamente praticável, - e, nem sequer, ao menos foi dado o primeiro passo para essa realização.

Ventilha-se o assumpto, no seio da nossa máxima entidade desportiva, no estado, com o interesse que está demonstrando deve existir, mas para logo eis que se oppõem os mais sérios e os maiores impecilhos – clubes, que por esse ou por aquele motivo, não querem ou não podem concorrer, defficiência de amadores, impraticabilidade do campo Adolfo Rolemberg, único praça de desporto com que contamos?

Que fazer?

(...)

Só os governos, ou o Estado ou o do Município, poderão dar solução de continuidade a tão importante capital e problema.

Se tal não se der, não haverá campeonato regional, não podemos concorrer a um Campeonato Brasileiro, auferindo delle todas as vantagens que lhes são inherentes, e Sergipe, collocando, já, numa

situação de real destaque, no cotejo de todos os estados do Norte, ficará, agora, a rectaguarda, como cerra-fila, desse contingente extraordinário e impolluto, que marcha, dessas sombra da mente, para a lucta do desenvolvimento e da maior civilização (jornal Correio de Aracaju, 18/06/1930, p4 - transcrição).

Foram várias as notas encontradas em jornais sobre os times sergipanos, mas a escolha pela nota acima decorre da crítica jornalística com relação ao futebol sergipano, e em especial ao futebol nacional, quando trata já da sustentabilidade do futebol na década de 1930, que de acordo com o que foi exposto, a Confederação Brasileira de Desporto destinava trinta por cento para a manutenção de outras modalidades esportivas, visto o quão importante já era o futebol.

Outro destaque para a reafirmação do discurso varguista era o uso do esporte para a glorificação da civilidade e do desenvolvimento. E por fim a crítica contra a falta de interesse dos órgãos que organizavam o futebol sergipano na década de trinta, e a falta de estrutura para os times, inclusive campos para treino e partidas.

Por último, mas não menos importante, o relato sobre o futebol laranjeirense, em razão de todas as peculiaridades que envolvem os times de Laranjeiras. Diferente de outros times do Brasil, com exceção de São Paulo⁴⁴, o envolvimento com a comunidade e o entretenimento cultural transpôs os limites dos campos de futebol e em Laranjeiras os clubes e times criaram a festa carnavalesca que existe até a atualidade.

O futebol Laranjeirense foi pesquisado na imprensa local, no Jornal Vida Laranjeirense, tendo por destaque as notícias sobre os times de futebol local que deram origem aos blocos da Micarême de Laranjeiras. Nos informativos, a princípio sobre o Bloco Laranjeirense, com a data de 05 de abril de 1931, é citada algumas vezes a origem dos blocos chamando atenção para como organizados eram os times.

Em uma nota publicada houve a convocação para uma reunião com todos os membros da diretoria do Laranjeirense Futebol Club, revelando um padrão de comunicação ampliada do time de futebol (Laranjeirense Futebol Clube). Assim, o fato dos blocos conseguirem se organizar na década de 1930, já possuindo uma estrutura definida nos times, foi transferido para os blocos da Micarême que despontava.

⁴⁴ Para maior aprofundamento sobre a relação entre as escolas de samba e os clubes de futebol em São Paulo, Cf.CAMPOS; LOUZADA, 2012:147-171.

Figura 12 : Jornal Vida Laranjeirense (1931)

Abril de 1931 VIDA LARANJEIRENSE 4.ª PÁGINA

Epilogo de uma tragedia B. BARRETO & PRUDENTE

Está liquidado o famoso caso do "Cachim e Campos"

Tudo a Comissão encarregada de apurar as irregularidades praticadas e constatadas no Instituto Profissional Cachim e Campos, terminando o seu afanoso trabalho e submetido o seu laudo ao julgamento do «Trib. Inter. Federal», a 12.ª, em face das provas consistentes da desonestidade do director e do secretario daquelle estabelecimento, engenheiro mechanico Octavio Espirito Santo e Felino Farias, demittidos a boa do serviço publico.

Da relatorio que está sendo publicado no "Diario Oficial", servico exhaustivo em que a Comissão descreve se em face dos multiplos aspectos das originalidades encontradas, com o "quitar" do alcuno que se chama "Cachim" do 143.718.178, sendo da responsabilidade do ex-director a quantia de 100.979.305 e do ex-secretario de 17.207.313. Assim, pois, rep. a favor do ap. a prop.ção in licta, uma vez q. a demissão não os inibe da seg. da justiça.

Ahi está o epilogo de uma historia acidentada, interessante e realista, em que figuram como numero principal um mago pobre, de origem humilde, capaz de vencer na vida, se não tomasse a Nivem por Jane, negro dae illusão da riqueza sem esforço.

Segundo nos informam, já se encontram detidos as Penitenciaria os dois responsaveis pelo crime por que fido responder.

Que, ao menos, isto sirva de l'ção para aqueles que têm vocação para essa commo perigosa, quando os mysterios se desfolham como as brumas que o sol dilue.

(Ex.)

Samuel Rosalvo, Espancador ?

Estiveram em nossa redacção, alguns cavalheiros que nos vieram pedir terrassemos publico a vida de nova infração policial, l'vada a termo, na noite de 6.ª feira da Paixão, que consistiu em mais um exposto amento a "cachaça", praticado pelo operário Samuel Rosalvo, contra sua irmã D. Maria Gomes, mais conhecida por Maria do Fio, em a qual fezera alguns furtivos. Jornal do povo, não ira possamos equipar a "chelicencia de sua determinação", quer-nos embora a que costar.

Aguardamos portanto, para o caso, a ação repressora da nossa autoridade competente.

D. Aristécio Oliveira

Fez anno no dia 3 do corrente, nossa inspirada poetisa Arístia Santos Oliveira, a quem felicitamos.

MUTUA SERGIPANA
Club de Mercadorias por sortidos em 6 e 22 de cada mcz.

Fiscalizada pelo Governo Federal

Casta Patente, 7 — Endereço Telegraphico: MERCURIO
90 — RUA DE LARANJEIRAS — 90
Aracaju — Sergipe

Vida Esportiva

Laranjeirense Futebol Club

Edital de Convocação de Assembléa Extraordinária

De ordem do Senhor Presidente, convocados todos os membros da Directoria deste Club e demais associados, para uma reunião hoje, as dez horas da manhã, na sua sede provincial; reunido em que serão resolvidos alguns assuntos de interesses gerais.

Laranjeiras 5/4/1931.
ANTONIO HENRIQUES,
Secretario

Doutorando João Merênse
Wald miro Maynard

Procedente de Maróim, estiveam nesta cidade, vao 3 Domingos o talentoso mag. João Moreno em companhia do simpatico e polido cavalheiro Senhor Waldomiro Maynard, que nos visitaram demoradamente; tendo ambos regressado na tarde do mesmo dia, com os nossos votos de feliz viagem.

Mary Guimmiães

Após l'gítima ausencia, ach-se novamente entre nós, a encantadora menina Mary Roberto Guimmiães, a quem já alegremente cumprimentamos.

O Banco Lafont reabrirá suas portas

Segundo noticia telegraphica de Paris, o Banco Lafont reabrirá suas portas.

Que é dos Pais de Meninas ?

E' assim. Solham as filhizas ra-ras. Deixam que a "natureza" del-as se encarregue. Depois ?... vêm os versos de Thomas Costa, para a vida real, positiva, irremediavel; «Mariposa do Amor que te que-maste...»

Sonente depois de estudo acabado, surgem os lastimosos pais—olhos compridos para o Dr. Chefe de Policia, a pedir justiça, como se os patericos criminosos, os primitivos algarés de suas filhas, não fossem eles proprios !... Edicantel...

Tambem as nossas proficientes Escolas Nocturnas, tambem. Elas estão a pedir policimento externo. As «compra toucinho», estão por demais indolentes.

Sendo que, uma linda preguera de nome Carmelita, está a merecer o urgente e abençoado auxilio de um'alma caridosa.

Porque Carmelita, Não tem d'bre anos ainda; Entretanto, cotidinha, Vive numa renda infima; Sem composura nem linho; Es-lavado-jardim-no-mio; Qual manivela sem freio.

Se a Policia, compungida, Não susten-lhe a inchação, Té-la-come já comida Na senda da Perdição...

—Esquece Para? Que está fazendo? Por favor não me choro ?!... —Depois do «roubo tremendo» Vião fechar o Poitão.

BASTIÃO.

Na Fabrica de Bebidas, Vinagre e Essências Agricolas vende-se:

Uma garrafa do Nectar de Fructas por 18500; uma garrafa de Nectar de Gompops por 18500; uma garrafa de Paraty por 18500; uma garrafa de Goutina por 18500; uma garrafa de Vinagre Dryal por 8500; uma garrafa de Vinagre Delicado por 8500; uma garrafa de Vinagre Tinto por 8500.

T. de A. polo, a DISTILLARIA AGRICOLA—Travessa da Alameda, nesta cidade.

Agradavel imp evisto

Já estavamos concluindo a nossa revista p. gina de impresso, quando recebemos as agradaveis visitas dos tradicionais amigos Elton Cruz, Armando Horta e Julio Maniz Barreto. Os dois primeiros, alios funcionários do Ministerio da Fazenda e o ultimo, nosso talentoso confrade do «Sergipe-Jornal», que nos vieram cordialmente trazer na ultima quinta-feira, os seus abraços e saudações.

ANUNCIEM NO
«Vida Laranjeirense»

A revolução, de facto, vae começar

O patacio do Catete foruncen esta net a imprensa sobre a renmissão ministerio, declarando que as novas economias nos diversos ministerios atenuam a cifra de cem mil conto. Prevagão os estudos no sentido de mater camareira das despesas.

Os automoveis off cials serão custeados pelas respectivas autord des.

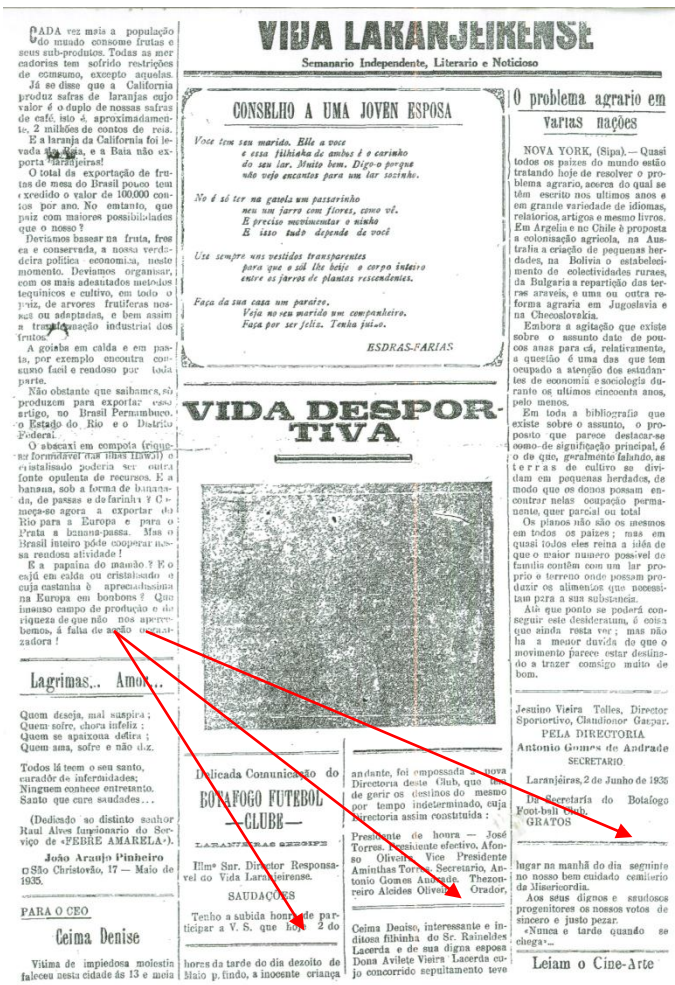
Fonte: Jornais digitalizados do IHGS (Coleção de 1930 a 1936)

No jornal acima, podemos observar uma notícia sobre os times de futebol que nos informa sobre uma partida entre o “Botafogo Futebol Club” e um time de Aracaju, demonstrando a importância e a difusão das atividades desses times nos meios de comunicação em um momento da imprensa quando as seções não eram divididas por temas e os anúncios publicados eram pagos. Nas folhas do jornal de 02 de junho de 1935 (figuras 13 e 14), cinco anos depois da primeira nota, relata-se a composição da nova Diretoria do Club:

Figura 13: Jornal Vida Laranjeirense (1935)



Figura 14: Jornal Vida Laranjeirense (1935)



Fonte: Jornais digitalizados do IHGS (Coleção de 1930 a 1936)

O fato da criação da Micarême em Laranjeiras estar ligada diretamente aos times de futebol não se manteve ao longo dos anos, pois na atualidade o Comandaroba Futebol Clube que em seu estatuto original (não foi possível a visualização) trazia junto o futebol e o Bloco Ninho dos Gaviões, recentemente teve esse elo rompido no ano de 2011 quando foi criado um novo estatuto desmembrando o futebol da festa.

De modo semelhante ocorre com os outros blocos, que mesmo não sendo ligados através de estatuto, tinham uma vinculação inicial que foi rompida ao longo dos anos e embora times como o Laranjeirense Esporte Clube e o Comandaroba Esporte Clube ainda estejam ativos, não existe mais nenhum tipo de ligação entre eles e o carnaval em Laranjeiras, pelo menos não oficialmente, pois ainda há uma confusão entre foliões e torcedores e dentre esses talvez os limites – impulsionados por suas paixões – ainda sejam muito tênues.

Na marca do gol, o carnaval pode ser percebido como uma manifestação cultural complexa e envolta em diversas camadas reunindo elementos contraditórios da sociedade (ricos e pobres, intelectuais e analfabetos, desportistas e sedentários, políticos e grupos civis) em torno de objetivos que se os reúne em torno do rádio enquanto representação construída de uma nação “passista de chuteiras”, por outro lado eventualmente os coloca em lados antagônicos, onde comportamentos sociais nem sempre controláveis atuam em campo na disputa de uma partida que dramatiza hierarquias, conflitos, derrotas e vitórias nem sempre previsíveis.

CAPÍTULO III

À LUZ DAS LENTES: REPRESENTAÇÃO SOCIAL ATRAVÉS DAS IMAGENS

3.1. CARTA A NOEL POR MARTINHO DA VILA

*João Pestana,
João Pestana,
Faz dormir
O menino
Na cama!
(rima popular)
Já lá vem João Pestana
Pé ante pé voz que
não engana
Vem de longe já muito cansado
Pobre João, coitado
Faz ó, ó, Menino também
Faz ó, ó, que o soninho já vem
(canção de embalar)*

Início pedindo licença poética para embarcar no sonho de Martinho, aquele lá da Vila, dos sambistas cariocas, que em seu sono esteve caminhando com muito gingado pelo mundo de Morfeu com Noel Rosa e apresentando à Escola de Samba Vila Isabel suas mudanças e contribuições para o samba e o carnaval brasileiro⁴⁵.

Como minha insônia, em razão da escrita dessa dissertação, não me permitiu participar diretamente do sonho de Martinho da Vila, resolvi escrever algumas “bem trançadas linhas” para Noel, para quem sabe enredá-lo nos pontos da renda irlandesa de uma Laranjeiras também carnavalesca:

Olá Noel Rosa,

Tomo a liberdade de chamar-lhe apenas de Noel, já que temos uma certa intimidade, por ter sido casado com uma sergipana, Lindaaura, e por isso deve ter conhecido um pouco da história de Sergipe. Para seu maior deleite gostaria de lhe apresentar a Micarême de Laranjeiras/SE, que seu amigo Martinho da Villa já conhece de tempos atrás, em seus passeios pelas ruas de calçamento pé-de-moleque, feitos de

⁴⁵ Referência à estrutura narrativa de um capítulo da obra: VILA, Martinho da. Capítulo III: 1988 Primeiras In:_____. *Festações Kizombas, Andanças e Festações*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1992. Inspirado no livro citado esse capítulo, portanto, será escrito de modo semelhante a uma carta.

pedra calcária, onde seus pés e sua mente testemunharam a diversidade cultural efervescida de Laranjeiras/SE, ao visitar a cidade por diversas vezes durante o Encontro Cultural, sendo a visita mais importante em 1988, no Centenário da Abolição, quando esteve na cidade juntamente com Jacyra Silva, Benedita da Silva, Leci Brandão, Paulinho da Viola, e muita gente boa veio pra Laranjeiras⁴⁶.

Sabe Noel, assim como na sua Vila Isabel, cujo carnaval nasceu nas ruas, aqui em Laranjeiras/SE também aconteceu o mesmo compasso. E cabe a mim lhe apresentar a Micarême de Laranjeiras – como Martinho fez com a Vila – uma vez que você não chegou a conhecer a criação do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Vila Isabel. Um passeio através dos nossos quatro Blocos que resistiram ao tempo, iniciará você na festa carnavalesca que acontece depois da sua, no período pós-quaresma, quando já purgamos os pecados, inclusive os do carnaval, segundo a Igreja Católica, e podemos voltar a sonhar com a festa de momo, tão organizada quanto o carnaval da Vila, com fantasias elaboradas e criadas para encantar o público. Um tom de segredo e mistério deixado no ar, pois as fantasias e adereços são mantidos em segredo até o dia do desfile, e isso gera uma série de especulações e dá um toque especial à Festa da Micarême de Laranjeiras.

Não teria forma melhor de apresentar a Micarême do que através das lentes dos fotógrafos, desde as imagens mais elaboradas até às capturadas de forma despreocupada, que entre as imagens do passado em contraponto com as do presente representam a alegria e a história da festa.

A quantidade de brincantes nos blocos da Micarême é semelhante às das grandes escolas de samba do Rio de Janeiro, dadas as proporções é claro, como exemplo da Vila Isabel que inicialmente na década de 1940 possuía em torno de 100 componentes, enquanto os blocos da Micarême tinham em torno de 30 a 40 componentes. Comparando com a atualidade a Vila Isabel hoje tem em torno de 3.700 componentes e a Micarême em torno de 280 a 350 componentes, sendo que a população da cidade de Laranjeiras em 2010 segundo IBGE⁴⁷ 26.902 habitantes e Rio de Janeiro de 6.320.446.

⁴⁶ VILA, Martinho da. Capítulo III: 1988 Primeiras In: _____. *Festações Kizombas, Andanças e Festações*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1992.

⁴⁷ <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=280360>

Caro Noel, assim como a Escola de Samba de seu coração, a Vila, os blocos da Micarême de Laranjeiras/SE também tiveram o seu surgimento ligado a times de futebol, e acredito que dadas às distâncias territoriais nós temos mais semelhanças do que você possa imaginar e sem mais delongas vou apresentar-lhe, através das imagens, a nossa festa e apontar-lhe as semelhanças entre o carnaval carioca e a Micarême de Laranjeiras. Peço licença para usar uma linguagem formal, mas logo adiante voltamos a conversar.

3.2. O “coletivo” nas lentes da fotografia: imagem como representação

Pensar a cena em que se desenvolve o ritual do carnaval implica refletir sobre a técnica que o registra e nesse sentido a fotografia nascida na década de 1830 com Daguerre apresenta características de “resíduo da realidade sensível impressa na imagem fotográfica” atribuindo-lhe o sentido de “testemunho” (MAUAD, 1996:4).

Por isso é necessário considerar as convenções e opções culturais historicamente realizadas, que fazem do suporte físico que transpõe a vida em imagem uma construção cultural permeada por interesses em sua produção e difusão. Ressaltando-se, portanto:

a fotografia como uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando esta atitude uma relação estreita entre a visão de mundo daquele que aperta o botão e faz ‘clic’ (MAUAD, 1996:4).

Assim, a representação do coletivo cristalizada pelas lentes de uma máquina fotográfica apresenta a fotografia como mensagem, um vestígio através do tempo, tanto como imagem/monumento quanto como imagem/documento (LE GOFF, 2000). Nesta pesquisa o recurso visual, o retrato estático, compõe imagens convergentes ou contrastantes com a história oral.

Na fotografia o historiador desnatura a imagem: faz com que seu objeto, a sociedade, tenha a sua natureza afetada. Isso é uma obviedade quando se trata de fotografias: uma representação do real cuja fidelidade induz ao engano de quem a contempla, chegando-se a pensar que o que está ali, visível aos olhos, é o real. Considera-se o tempo e as respectivas ações de seus agentes como um enunciado: uma vez ocorrido, nunca mais repetido. É um consenso que a fotografia eterniza determinado momento, apesar de não ser ela nada mais do que uma representação, um objeto perfeito de ilusão que indica nada mais, nada menos, nas palavras de Roland Barthes, *o que foi lá* (MACHADO JÚNIOR, 2008:1).

Para esta pesquisa foram selecionadas 47 fotografias e 06 imagens diversas, entre elas 07 são em preto e branco, sendo 04 coloridas em câmeras analógicas, 36 são fotografias registradas com câmeras digitais e 02 são imagens retiradas da coleção de periódicos da Biblioteca Nacional a Revista da Semana e da coleção da hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

As imagens compreendem o período de 1931 a 2010, e são fragmentos de acervos fotográficos pertencentes aos moradores da cidade.

Analiso as imagens a seguir através do método da iconografia que segundo Panofsky (1991) trata do estudo do tema em contraposição da forma, levando em conta as relações de poder dentro da cultura, as representações sociais e a relação entre memória e esquecimento.

Jodelet (2001) compreende as representações no movimento de interação entre indivíduos, integrados em determinadas culturas que, ao mesmo tempo, constroem e produzem uma história individual e também produzem uma história social. Desse modo, a forma como os brincantes, os amigos, os familiares, os órgãos governamentais e os meios de comunicação social concebem a Micarême (valorizando-a mais ou menos, considerando-a mais ou menos identitária de seu pertencimento à cidade de Laranjeiras, mais ou menos útil, mais ou menos interessante, etc.) contribui, conjuntamente com os dados da sua experiência individual, para a forma como o indivíduo vai construindo a sua representação.

O propósito da escolha dessas imagens buscou identificar a Micarême em Laranjeiras e o processo de conservação das características dos blocos. Trata-se de realizar uma identificação primária e formal do tema, sendo necessário o conhecimento prévio da história dos estilos, uma vez que certos objetos são representados sob diferentes condições históricas, percebendo assim o que está representado.

Nesse percurso a descrição iconográfica aborda a mensagem e estuda o significado. Mas, o significado iconográfico depende do conhecimento de fontes literárias articuladas à proposição imagética, perpassando o conhecimento da história dos tipos, isto é, como temas ou conceitos específicos são representados ao longo do tempo (PANOFSKY, 1991).

Através das fotografias conseguimos captar as memórias e identificar as relações de poder em vigor na sociedade. E nas fotografias da Micarême pode-se entender a festa e perceber tanto aquilo que foi importante registrar, quanto o que foi relegado ao

esquecimento no exercício de seleção e colecionismo⁴⁸ inerente aos indivíduos e grupos sociais.

A primeira imagem a ser analisada é a mais antiga que esta pesquisa conseguiu alcançar, talvez existam tantas outras imagens mais antigas que esta, mas algumas foram perdidas no tempo, através de enchentes que a cidade vivenciou, e tantas outras foram esquecidas em gavetas, mudanças, ou até mesmo destruídas por descaso.

Figura 15: Fotografia do Bloco Laranjeirense 1943.



Fonte: Acervo fotográfico de propriedade de Gilson Franco, 1943.

A imagem 15 trata-se de uma fotografia preto e branco do bloco Laranjeirense, a imagem pertence a um acervo particular da família de Ermiliano Lobão, que foi herdada pelo sobrinho Gilson Linhares Franco. Uma imagem de um momento do desfile, tirada na Rua José do Prado Franco (Rua Direita), onde percebemos no primeiro plano um caminhão com moças de vestidos claros e chapéus. Em segundo plano, sob um efeito desfocado, também se trata de outro caminhão com brincantes menos arrumados que o primeiro, podendo evidenciar uma distinção de classes na ordem de apresentação

⁴⁸ “A etimologia profunda de ‘coleccionar’(*collectio*) encontra-se no proto-indoeuropeu. Desse modo o colecionismo desponta como um dos fundamentos culturais de mais profundo enraizamento e de mais amplas consequências em toda a trajetória humana. A ligação entre colecionismo e seleção do que deve ser colecionado é intrínseca, assim como a comunicação dessa coleção aos demais (MARSHALL, 2005:13-14).

desses. O primeiro caminhão possui um guarda-sol fincado em seu centro, ornamentado com adereços festivos em forma de pequenas sanfonas, o que demonstra a preocupação com a caracterização do cenário. Há pessoas assistindo ao desfile nas calçadas, nas portas de casas e estabelecimentos comerciais com arquitetura simples de um andar. Essa imagem é do ano de 1943, cuja data só pôde ser definida a partir do estandarte do rancho (bloco) estendido no lado direito da frente da carroceria.

Outro fato que pode ser observado na fotografia é o percurso desse desfile na Rua José do Prado Franco, refletindo uma mudança nesse trajeto ao longo do tempo, já que na atualidade o desfile destina-se somente ao centro da cidade, sendo que o único bloco que faz esse percurso é o Ninho dos Gaviões.

O que podemos observar de semelhança entre a imagem acima e a imagem a seguir é o desfile de corsos, realizados no Rio de Janeiro, na Avenida Rio Branco no Rio de Janeiro na década de 1930, dadas as devidas proporções entre as duas localidades, podemos observar as semelhanças entre os dois desfiles, ambos são com carros enfeitados e brincantes fantasiados, desfilando suas fantasias e seus enfeites, na imagem abaixo podemos observar um mosaico de fotografia em preto e branco que traz desde imagens feitas de momentos dos desfiles até poses para fotografias retiradas de grupos de foliões, podemos observar a importância dos espaços onde ocorriam esses desfiles, prédios suntuosos localizados em um espaço de grande importância cultural e financeira, inclusive na atualidade, mesmo não sendo mais um espaço de desfile oficial, a Avenida Rio Branco continua sendo invadida por blocos carnavalescos e uma multidão de foliões que invadem o espaço urbano cantando e dançando ao som das marchinhas do passado como:

A JARDINEIRA

(Benedito Lacerda-Humberto Porto, 1938)

Ó jardineira porque estás tão triste
Mas o que foi que te aconteceu
Foi a camélia que caiu do galho
Deu dois suspiros e depois morreu

Vem jardineira vem meu amor
Não fiques triste que este mundo é todo seu
Tu és muito mais bonita
Que a camélia que morreu

Assim é a dinâmica da cidade de Laranjeiras durante a Micarême, a Festa se reinventa mantendo muitos traços do período de criação, e um dos traços é a brincadeira e o desfile ao som das marchinhas de carnaval.

Figura16: Imagem do desfile de corsos na Avenida Rio Branco - RJ



Fonte: Revista da Semana, ano XXXII, nº 11, pag. 19 – 28/02/1931

A próxima imagem também pertencente ao acervo de Gilson Linhares, é uma imagem em preto e branco do Bloco (Rancho) Botafogo do ano de 1945.

Figura 17: Bloco Botafogo, Laranjeiras.



Fonte: Acervo fotográfico de propriedade de Gilson Franco, 1945

A imagem foi feita à luz do dia, identificada a partir dos raios de sol e jogo de sombras que refletem nas calçadas e sobrados de Laranjeiras. Em primeiro plano está uma caminhonete Rural⁴⁹ enfeitada com fitas e um tipo de sombrinha na posição horizontal. Atua como um carro alegórico transportando dezenas de pessoas, sendo que algumas portam instrumentos musicais e provavelmente trata-se da orquestra que acompanhava o bloco. Em segundo plano, sob efeito desfocado, aparecem as pessoas que acompanham o bloco e tantas outras assistem ao desfile. A fotografia foi feita em uma das principais ruas do centro da cidade, a rua do comércio.

⁴⁹ Rural foi um veículo lançado nos EUA em 1946, como a primeira caminhonete com carroceria e frente alongada, fabricado totalmente de aço reunindo a resistência do utilitário Jeep com o conforto de um carro de passeio. Foram fabricadas aproximadamente **182.000** caminhonetes Rural no Brasil entre **1958** e **1977** além dos modelos similares fabricados nos **EUA** (Jeep Station Wagon), **Índia** (Mahindra), **Argentina** (IKA/Estanciera) e **Japão** (Mitsubishi). A foto data de 1945, sugerindo uma “adaptação” brasileira anterior à circulação do veículo norte-americano, já que a carroceria apresenta-se em madeira.

Uma característica que podemos destacar nesta e na imagem anterior é o fato dos blocos (ranchos) serem formados por grupos de 30 a 40 pessoas, sendo assim considerados de pequeno porte.

A próxima fotografia segue a linha dos carros alegóricos ou desfile de caminhões dos quais se têm relatos orais dos mais antigos moradores da cidade, ocorrendo aos domingos pela manhã. Essa prática não acontece mais desde a década de 1980.

Figura 18: Veículo alegórico, Laranjeiras.



Fonte: Acervo fotográfico particular de Gilson Linhares Franco (+ ou – 1948)

Mais uma imagem feita à luz do dia, percebida através dos jogos de luz e sombra no chão da rua, contendo no único plano um carro que leva dois estandartes do Bloco Laranjeirense, um do ano de 1943 e o outro de 1948, e alguns enfeites carnavalescos, sendo duas mascaras (à esquerda e direita) e a imagem de um galo ao centro. Nas laterais da fotografia aparecem algumas pessoas assistindo ou acompanhando a passagem do veículo que provavelmente tratava-se de um carro alegórico.

A fotografia a seguir explicita um momento de descontração de um bloco (Rancho) em Laranjeiras.

Figura 19: Veículo alegórico, Laranjeiras, 1940.



Fonte: Acervo fotográfico de propriedade de Gilson Franco (década de 1940)

Trata-se de uma imagem vista aérea, em um único plano, de várias pessoas na carroceria de um caminhão, juntamente com uma orquestra, ou parte dela, desfilando pelas ruas da cidade. Identificam-se mulheres com boinas e vestidos com babados, homens com bonés agitando bandeiras, enquanto algumas crianças seguram-se à porta do veículo. A imagem pertence a uma coleção particular de Gilson Linhares Franco, da década de 1940, sem especificação de ano.

A próxima imagem segue uma sequência de imagens em preto e branco, mas diferenciada das anteriores por se tratar de imagens individuais.

Figura 20: Moça brincante com estandarte, Laranjeiras

Fonte: Acervo Gilson Linhares Franco (imagens não têm especificação de ano)

Figura 21: Moça brincante, Laranjeiras

Fonte: Acervo Gilson Linhares Franco (ambas as

A figura número 20, uma fotografia em preto e branco com bordas, em seu primeiro plano traz uma mulher trajando um vestido de babado em duas cores, usando um colar e um turbante na cabeça, segurando a sua direita o estandarte do Bloco Laranjeirense, ao fundo pode-se visualizar a imagem do Morro e Igreja do Bom Jesus dos Navegantes, com várias palmeiras imperiais compondo a paisagem. A imagem contém pose de corpo inteiro, provavelmente feita em um dos espaços importantes da cidade, em frente ao centro de tradições que na época era muito provavelmente um centro de distribuição de alimentos e ao lado do Paço Municipal (hoje Prefeitura Municipal). A figura número 21 é muito semelhante à figura 20, pois a mulher está com um vestido também de babados, mas em cores diferentes, outro fato peculiar nesta fotografia é a imagem da Fábrica de tecidos no Porto do Quaresma, cujo único vestígio que temos hoje são as ruínas do edifício, sendo o patrimônio material a moldura da imaterialidade. Ambas as fotografias foram registradas durante o dia como se pode perceber pelo jogo de luz e sombra no chão.

A manutenção da Micarême muito provavelmente se deu pelo fato das crianças sempre terem feito parte dos blocos, criando uma subjetividade transposta de geração para geração e a figura número 22 representa essa inserção de crianças na festa.

Figura 22: Crianças na Micarême, Laranjeiras



Fonte: Acervo fotográfico de propriedade de Gilson Linhares Franco, 1943.

No primeiro plano da imagem podemos visualizar duas crianças propositalmente em pose para fotografia, ambas trajam vestidos com alguns babados, em dois tons diferentes sendo que o mais escuro tem bolinhas e, entre as duas meninas, está o estandarte do Bloco (Rancho) Laranjeirense do ano de 1943, em segundo plano podemos visualizar uma casa com uma árvore e algumas pessoas no fundo observando o registro da cena.

Contrastando as imagens em preto e branco segue uma sequência de fotografias da década de 1980, já coloridas, mas ainda realizadas com câmeras analógicas, mas que estão nesse trabalho para explicarmos o “futuro do passado”, passado esse que moldou as feições dessa Micarême que vemos hoje, e permitiu ao longo dos anos agregarem gerações de foliões com novos formatos, novas alegrias, desfilando na passarela do passado e “reinventando uma tradição” existente, que basta o romper dos clarins. Para

trazer à tona a paixão, foi juntada, ao longo dos anos, como um saco de confetes que é constantemente abastecido com papéis coloridos, e ao ser jogado tudo é novamente fantasia como em um passe de mágica.

A figura número 23 apresenta o aumento de brincantes nos blocos.

Figura 23: Brincantes nos blocos, Laranjeiras



Fonte: Acervo fotográfico de propriedade de Angélica Maria Barreto G.Freire, (década de 1970)

A imagem representa um dos momentos de retorno da Micarême, na saída de um dos blocos de frente ao prédio da atual Biblioteca da Universidade Federal de Sergipe do *Campus* Laranjeiras (BICAL), onde podemos visualizar dezenas de pessoas participantes do bloco enquanto muitas outras assistem a sua passagem. A fotografia colorida foi registrada ao entardecer como se pode observar pelo direcionamento dos raios de sol à esquerda e grande quantidade de sombra.

Após um período de esquecimento ou de uma parada necessária ocorrida pelos conflitos da segunda guerra, que afetou as festas carnavalescas país afora como podemos observar na imagem abaixo, as dúvidas sobre ocorrer carnaval no Rio de Janeiro onde a população preocupava-se se nesse ano de tantos conflitos em todo o mundo teria espaço para a folia de Momo, Laranjeiras elegeu o esquecimento da Micarême, o silêncio que por si só fala.

Figura 24: Nota sobre o carnaval no Rio de Janeiro em 1945

CARNAVAL... SIM OU NÃO? Por R. MAGALHÃES JUNIOR
Especial para a Revista da Semana

Os jornais têm agitado esta questão e várias personalidades já se manifestaram a respeito. Há carnaval este ano? Não há carnaval? Há quem opine contra. E há, também, quem opine a favor, juntando, porém, uma condição: a de que se faça um carnaval discreto. Um carnaval digno, um carnaval sem excessos, um carnaval decente. Em suma: um carnaval-família. Entendo, no entanto, que pedir isso é pedir o impossível. Carnaval não é feiti, tintureiros, lança-perfumes e outras coisas que não é preciso citar, mas que ajudam a completar a comédia da felicidade coletiva, genialmente representada por todos os comparsas. Carnaval ou é assim ou não é carnaval. Como a virtude, não pode ser partido em pedaços. Não existindo meio-carnaval. Os que acham que se pode dar o nome de carnaval aos bailes à fantasia, que se estendem dos salões mais

nimos dos mortos nos sambas que nunca foram impressos e em letras que falam fundo à alma da gente. O resto é assunto de "carnet mundano", coisa para citações do Gilberto Trompowsky e para reportagens da revista "Sombra". O verdadeiro carnaval é o carnaval dos humildes, que a ele se entregam de corpo e alma, de coração aberto, soltando as suas cuiecas, seus pandeiros, seus reco-recos e seus ganzas.

O carnaval é a catarse do samba e seria inútil não só porque viria fazer um papel igual ao dos carabinieri de Offenbach ou de uma chuva em clima de lagôa, como ainda pelo enorme desperdício de dinheiro em que importaria. Não, não se deve fazer carnaval este ano, nem dentro, nem fora dos clubes. Em vez de carnaval, precisamos fazer alguma coisa por aqueles que estão se sacrificando bravamente pela nossa bandeira nas frentes de combate. Não nos mostramos pouco necessitados desses sacrifícios. Correspondamos ao heroísmo desses bravos que, vestindo a farda do Exército Nacional, acossam as hordas nazistas e ajudam a libertar o solo da infeliz Itália. Pensamos nos nossos rapazes — e pensamos também nos nossos irmãos que, na Holanda, na França, na Bélgica, na Jugoslávia, na Grécia e na Checoslováquia, sofrem ou ainda sofrem as consequências brutais da ocupação alemã. Pensamos nos mortos russos, ingleses, canadenses, franceses e também nos nossos mortos brasileiros, os que desapareceram no mar e os que poveram em terra ou no ar, cumprindo o seu dever de patriotas e de homens livres. Substituímos no nosso pensamento a lembrança desses heróis pela ideia de carnaval — mesmo que esse carnaval seja o carnaval moderado a que se tem aludido — será o mesmo que dasearmos sobre as sepulturas dos nossos irmãos, num momento de embriaguez e de alucinação.

É esse o meu ponto de vista. Sou inteiramente contra a ideia aventada, por todos os motivos, que aí ficaram. Sejam os alegres, sejam os risíveis, sejam os otimistas. Venhamos para a rua com as nossas gargalhadas, os nossos confetti e os nossos instrumentos musicais, mas nas ocasiões em que nos sintamos felizes, dentro de um mundo feliz. Mas sejamos graves, sérios, duros, no momento em que a pátria se enluta no campo da honra, para desagregar a sua bandeira e restaurar a liberdade e a justiça. Porque só assim mostraremos que somos realmente um povo — e não uma tribo — uma nação e não uma selva.

Não se ri alto, quando há velório em casa do vizinho. Não se sorri, quando o morto é o nosso próprio irmão.

grandes das mais sórdidas gauchadas durante os dias em que como costume imperar sobre a cidade, perderam a noção do sentido daquela palavra e da própria tradição do carnaval carioca. O carnaval verdadeiro é a rua, os cordões improvisados: os grupos humorísticos que revelam espírito inventivo e satírico, a multidão que se comprime, que vai e vem sem parar na Avenida, os negros com as suas cuiecas, as multas com os seus requêços, as vozes anô-

das marchas, a que vieram se juntar o frevo e o maracatú, mais berrada que cantada, mais pulada que dançada. Mas o verdadeiro carnaval, o carnaval do povo, não teria razão de ser em hora de drama e de sofrimento como a que o Brasil e o mundo presentemente atravessam.

Um espírito conciliador, desses que se empenham em buscar soluções acomodaticias para todos os problemas, argumentava comigo com a possibilidade de não se cancelar a grande festa popular e de torná-la compatível com a atual situação de guerra. Sua ideia, que me pareceu bastante ingênua, era a de que se desse ao carnaval deste ano um caráter de protesto contra o totalitarismo, alvejando os regimes ditatoriais, contra os quais mandamos uma força expedicionária à Europa e estão lutando os povos livres do mundo. Cada préstito carnavalesco seria uma série de sátiras contra o nazismo e o fascismo, cobrindo ainda mais de ridículo as figuras desprezíveis e nefandas de Adolf Hitler, de Benito Mussolini, de Goering, Goebbels, Pierre Laval et cetera. Sempre achei extravagante querer alguém associar sentimentos cívicos ou patrióticos à ideia de carnaval. Há muitas maneiras de mergulhar cada vez maior no poço do ridículo para os defensores do mundo totalitário, da opressão e da violência. Tal préstito seria, além do mais, uma inutilidade, agora que a guerra passou da fase da propaganda para a fase da decisão pelas armas, — e decisão rápida, em favor dos aliados, cujas armas poderosas estão acabando de reduzir à impotência e de esmagar de uma vez por todas a ideia totalitária.

"PENSAMOS NOS MORTOS RUSSOS, INGLESES, CANADENSES, FRANCÊS E TAMBÉM NOS Nossos MORTOS BRASILEIROS"...



Fonte: Revista da Semana, nº5, 03/02/1945, acervo Biblioteca Nacional.

A composição da figura 25 é diferenciada das primeiras imagens dessa pesquisa, pois enquanto os primeiros carros na década de 1940 possuíam desfiles de caminhão mais simples realizados no domingo pela manhã com praticamente todos os componentes dos blocos em cima, na figura 26 traz a inovação de materiais e a criação de alegorias passando o uso de carros alegóricos nos desfiles oficiais no domingo ao cair da tarde.

Figura 25: Carro alegórico do Bloco Laranjeirense, Laranjeiras.



Fonte: Acervo fotográfico de propriedade de Angélica Maria Barreto Gonçalves Freire, maio de 1980.

A imagem está em um único plano afunilado onde podemos ver pessoas segurando cordas de um provável isolamento dos blocos. Na parte central encontra-se um carro alegórico com uma coroa estilizada e duas mulheres fantasiadas, uma sentada à frente e outra de pé mais ao fundo. Trata-se de uma fotografia colorida do ano de 1980, na qual se pode perceber ruínas de casarios ao fundo, pois nesse período a cidade passava por um momento de decadência de seus monumentos de pedra e cal. As ruínas ao fundo hoje encontram-se restauradas.

Nas próximas imagens o foco se dá na captura da dança representando o ápice da festa, o momento de descontração da Micarême, onde o espírito de diversão toma conta dos brincantes.

Figura 26: Dança dos brincantes na Micarême, Laranjeiras



Fonte: Acervo fotográfico de propriedade de Angélica Maria Sampaio Barreto, 1981.

Ao olharmos para essa foto podemos identificar o passo marcado em conjunto pelos brincantes da festa da Micarême. A imagem é da década de 1980, provavelmente trazendo o registro de uma das alas do bloco, com passistas fantasiados de índios e em sua maioria num conjunto formado por mulheres que muito provavelmente dançavam os passos marcados e ensaiados ao som de marchinhas de carnaval como a marcha “O Teu Cabelo não nega a Mulata” de Lamartine Barbo, que mesmo sendo lançada em 1931, é tocada e cantada pelos foliões até a atualidade, arrancando cantorias e o prazer de brincar a Micarême.

O TEU CABELO NÃO NEGA
(Lamartine Babo-Irmãos Valença, 1931)

O teu cabelo não nega mulata
Porque és mulata na cor
Mas como a cor não pega mulata
Mulata eu quero o teu amor

Tens um sabor bem do Brasil
Tens a alma cor de anil

Mulata mulatinha meu amor
Fui nomeado teu tenente interventor

Quem te inventou meu pancadão
Teve uma consagração
A lua te invejando faz careta
Porque mulata tu não és deste planeta

Quando meu bem vieste à terra
Portugal declarou guerra
A concorrência então foi colossal
Vasco da gama contra o batalhão naval

Outra marcha tocada até hoje é Ta-Hí!, de Joubert de Carvalho, de 1930, que foi um grande sucesso e reaparece tocada em festas carnavalescas e rádios durante a folia de Momo e não poderia ser diferente na Micarême. Cantar marchinhas de carnaval e, melhor ainda, uma marchinha que fala de amor sofrido: quando a orquestra toca Ta-Hí durante os desfiles da Micarême, causa um momento de euforia na brincadeira.

TA-HÍ!

(Joubert de Carvalho, 1930)

Taí eu fiz tudo pra você gostar de mim
Ai meu bem não faz assim comigo não
Você tem você tem que me dar seu coração

Meu amor não posso esquecer
Se dá alegria faz também sofrer
A minha vida foi sempre assim
Só chorando as mágoas que não têm fim

Essa história de gostar de alguém
Já é mania que as pessoas têm
Se me ajudasse Nosso Senhor
Eu não pensaria mais no amor

As imagens a seguir são fotografias mais atuais, produzidas entre os anos de 1998 e 2010, e nelas pode-se observar com clareza a evolução material (recursos) da festa, mas o passo continua muito semelhante, chegando a não se perceber a diferença das décadas que se passaram desde as primeiras Micarêmes. Identifica-se nessa postura que embora haja a preocupação de manter muitas das características originárias dos blocos, há também um processo de renovação plástica/ estética que adentra a memória já constituída.

As três próximas imagens destacam brincantes dançando, na figura 27 podemos ver em primeiro plano, homens e mulheres fantasiadas, em um dos trajetos da Micarême. O percurso realizado pelo Bloco Laranjeirense sai da Rua João Ribeiro e

segue até a Rua Sagrado Coração de Jesus, onde ao fundo está o prédio que hoje abriga a BICAL. Os brincantes, usando vermelho e branco, em seus trajes levam em suas mãos adereços de corações relacionados com o tema escolhido pelo bloco para o desfile naquele ano.

Figura 27: Desfile do Bloco Laranjeirense



Fonte: Acervo fotográfico de propriedade de Ana Maria Sampaio Barreto, 2001.

A figura 28 do Bloco Botafogo traz, em primeiro plano, brincantes fantasiados de azul e branco e a porta estandarte; e em segundo plano, a primeira Igreja Presbiteriana de Sergipe e o Antigo Fórum Levindo Cruz (hoje abriga a Biblioteca Pública João Ribeiro), o conjunto arquitetônico tombado servindo de cenário coadjuvante durante a festa da Micarême, que se repete ao longo dos anos, podemos observar na imagem 05 que desfila pelo mesmo cenário.

Figura 28: Apresentação dos brincantes na Micarême, Bloco Botafogo



Fonte: Acervo fotográfico de propriedade de Belanízia Zuzarte, 2001.

Na figura 29 os brincantes do Bloco Ninho dos Gaviões aparecem fantasiados em uma imagem colorida realizada em um único plano chapado⁵⁰. Ressaltam-se as diferenças e as semelhanças, pois são diferentes na adoção das cores, mas o gestual é extremamente semelhante.

Figura 29: Apresentação dos brincantes na Micarême, Bloco Ninho dos Gaviões



Fonte: Acervo fotográfico de propriedade de Gilson Linhares Franco, 2006.

As imagens seguintes destacam a importância que as porta-estandartes têm nos blocos, uma vez que eles carregam o emblema do grupo ao qual pertence, a porta-estandarte tem o papel de carregar o símbolo que representa o bloco.

⁵⁰ Uma imagem chapada é aquela que não tem muitos detalhes. Possui cores bem fortes e é totalmente preenchida.

Figura 30: Porta-estandarte do Bloco Laranjeirense



Fonte: Acervo fotográfico de propriedade de Agélica Maria Sampaio Barreto, 1972.

A imagem traz em primeiro plano a porta estandarte, uma mulher fantasiada com uma saia vermelha adornada com plumas e com apliques, pedras e brilhos, um *top* também na cor vermelha e um turbante, empunhando o estandarte do bloco com a postura de quem carrega o ponto mais importante do desfile, e em segundo plano há outras pessoas fantasiadas dançando nas proximidades.

Figura 31: Porta Estandarte do Bloco Botafogo



Fonte: Acervo fotográfico de propriedade de Belanizia Zuzarte, 2001.

A figura número 31 do Bloco (Rancho) Botafogo, repete a mesma imagem da figura de número 28, todavia sua retomada justifica-se por seu conteúdo também destacar a Porta-estandarte conduzindo o seu bloco para o desfile. Ela está trajando um vestido com saia branca e blusa azul, detalhes em prata e mangas bufantes estilo princesa, e em sua cabeça estão as estrelas entoadas pelo hino de seu bloco. Atrás dela segue uma ala feminina de brincantes com passos compassados. A fotografia colorida permite acompanhar a luz do sol que banha o desfile em horário diurno.

Figura 32: Porta Estandarte do Bloco Ninho dos Gaviões



Fonte: Acervo fotográfico de propriedade de Adelaide Ribeiro, 2008.

A figura 32 traz Porta-Estandarte e Baliza do Bloco Ninho dos Gaviões, destacando-se em primeiro plano o casal fantasiado, ela com um vestido com corpete e

saia armada nas cores branca, vermelha e preta, com muitas plumas nas costas e um adereço na cabeça que assemelha a gálea ou ao elmo dos legionários romanos, carregando o estandarte com o símbolo maior do bloco (o gavião). O rapaz que a acompanha traja uma fantasia vermelha e branca bufante com muitas plumas, e em segundo plano alguns brincantes cedem espaço para a evolução do casal no desfile. A fotografia foi feita à noite e há bandeirolas em tiras vermelhas e amarelas enfeitando o espaço.

A representação da próxima imagem, registrada em uma fotografia colorida, mostra a multidão que acompanha e assiste ao desfile da Micarême nas laterais da Rua do Roque (Rua Sagrado Coração de Jesus), a rua principal por onde se desenvolve o desfile. A rua possui bandeirolas em tiras verdes e amarelas e algumas pessoas estão com sombrinhas abertas o que pode indicar um tempo chuvoso.

Figura 33: A multidão e a banda



Fonte: Acervo fotográfico de propriedade de Gilson Linhares Franco, 2008.

A figura 33 registra em primeiro plano a orquestra que acompanha o bloco (rancho), enquanto nas calçadas várias pessoas assistem ao desfile e em segundo plano pode-se visualizar a imagem de um carro alegórico iluminado, precedido por uma ala de passistas e conduzindo o restante do bloco.

A apoteose da Micarême de Laranjeiras ocorre no Adro da Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus em Laranjeiras, onde desde o início da Micarême as pessoas se reúnem para assistir e torcer por seus blocos.

Figura 34: A multidão e os brincantes



Fonte: Acervo particular do Bloco Laranjeirense

Figura 35: A multidão no desfile



Fonte: Acervo particular de Angélica Maria Barreto Gonçalves Freire

As figuras 34 e 35 representam esse momento, o momento do torcedor, observando-se na imagem 34 a empolgação dos brincantes no ponto mais importante da festa, onde as pessoas se reúnem para assistir a passagem dos blocos e os brincantes fazem a sua melhor performance para encantar ao público. A imagem 35 registra

somente a multidão, de forma proposital, percebendo-se que os degraus da Igreja Matriz torna-se uma arquibancada multicolorida, misturando o azul, o vermelho, o preto, o branco e o amarelo dos blocos, formando um arco-íris pulsante com homens, mulheres e crianças que sorriem e aplaudem a festa. Ambas as fotografias foram feitas à noite durante os desfiles.

A seguir segue uma sequência de imagens recentes dos quatro blocos da Micarême, a princípio são imagens do Bloco (Rancho) Ninho dos Gaviões, onde é possível visualizar as mudanças pelas quais a Micarême passou e a forma de manutenção de alguns traços originários que resistiu ao assédio dos trios elétricos, conservando também o modo de dançar.

A primeira e a segunda imagem trazem, em destaque, passistas do Bloco Ninho dos Gaviões. As representantes do bloco estão fantasiadas com biquínes, adornados com ombreiras e muitas plumas nas costas e cabeça. Elas possuem espaço para evoluir à frente das alas. A imagem foi feita à noite durante o desfile.

Figura 36: Passista, Bloco Ninho dos Gaviões



Figura 37: Passista, Bloco Ninho dos Gaviões



Fonte: Imagens retiradas do site: <http://kokalaranjeiras.blogspot.com/2011/05/micareme-2011-segunda-noite-de-desfile.html>, em 22 de novembro de 2011.

A imagem a seguir é composta por uma ala criada pelo Bloco Ninho dos Gaviões para que as pessoas mais idosas pudessem desfilar. Apesar dessa iniciativa ser vista como um elemento de descaracterização pelos outros blocos, trata-se da Ala das Baianas. A fotografia colorida foi feita à noite e registra senhoras vestidas com longos vestidos brancos rodados em um momento do desfile, em frente ao palanque, que hoje é

montado para as autoridades que veem assistir ao desfile. É observável que mesmo com a montagem desse palanque para as autoridades na avenida principal da entrada do centro da cidade, as pessoas continuam elegendo a Rua do Roque (Rua Sagrado Coração de Jesus) como espaço principal de desfile da Festa.

Figura 38: Ala das Baianas, Bloco Ninho dos Gaviões



Fonte: Imagens retiradas do site <http://kokalaranjeiras.blogspot.com/2011/05/micareme-2011-segunda-noite-de-desfile.html>, em 22 de novembro de 2011 às 16:33.

As três imagens adiante são fotografias coloridas individuais, realizadas à noite, que representam a altivez do Bloco Ninho dos Gaviões e transparece o orgulho que os brincantes têm com o bloco. A figura 39 traz o professor de percussão Kadu, uma importante personalidade da Comandaroba, trajando uma fantasia com as cores do bloco em vermelho, preto e branco. Na figura 40 aparecem as baianas, senhoras com vestes em vermelho, branco e prateado com alguns adereços de raios vermelhos. Na figura 41 o carro alegórico como símbolo de poder traz uma jovem com um longo vestido personificando o Gavião.

Figura 39: Prof. Kadu, Bloco Ninho dos Gaviões



Fonte: Imagens retiradas do site:
<http://kokalaranjeiras.blogspot.com/2011/05/micareme-2011-segunda-noite-de-desfile.html>, em
22 de novembro de 2011.

Figura 40: Baiana, Bloco Ninho dos Gaviões



Fonte: Imagens retiradas do site <http://kokalaranjeiras.blogspot.com/2011/05/micareme-2011-segunda-noite-de-desfile.html>, em 22 de novembro de 2011.

Figura 41: Destaque no carro alegórico, Bloco Ninho dos Gaviões



Fonte: Imagens retiradas do site <http://kokalaranjeiras.blogspot.com/2011/05/micareme-2011-segunda-noite-de-desfile.html>, em 22 de novembro de 2011.

O Bloco Laranjeirense no seu desfile no ano de 2010 traz a história dos carnavais ao remontar a trajetória de alguns carnavais no mundo.

Figura 42: Passista, Bloco Laranjeirense

Fonte: Acervo Maria Valdira Santos, 2010.

Figura 43: Passista, Bloco Laranjeirense

Fonte: Acervo Maria Valdira Santos, 2010.

A figura 42 é uma fotografia chapada que contém em um único plano a parte superior de um destaque do Bloco Laranjeirense, sendo que ao fundo estão alguns dos brincantes de casacas reluzentes. Na figura 43 a fotografia revela o corpo inteiro da brincante que traja um biquínie enfeitado com pedrarias, miçangas, correntes e um costeiro de plumas e tecido vermelho preso às mãos. E ao fundo imagem, percebemos alguns torcedores. São imagens onde os brincantes posam ou sorriem para a fotografia.

Abaixo duas imagens coloridas, realizadas à noite, tratam da preservação da festa ao longo dos tempos, do modo como a Micarême se manteve ao longo dos anos mantendo as suas principais características vivas. A figura 44 destaca em primeiro plano a figura de um senhor fantasiado trazendo toda a sua experiência e orgulho de brincante como baliza do bloco por mais de 30 anos. Na figura 45 encontra-se a nova geração da festa com meninos fantasiados de Filhos de Gandhi (um bloco afro-baiano inspirado na tradição da religião africana ritmada pelo agogô nos seus cânticos de ijexá na língua Iorubá) formando uma nova turma de brincantes e garantindo a continuidade da festa.

Figura 44: Baliza, Bloco Laranjeirense.



Fonte: Acervo Maria Valdira Santos, 2010.

Figura 45: Filhos de Gandhi, Bloco Laranjeirense.



Fonte: Acervo Maria Valdira Santos, 2010.

As imagens coloridas abaixo, registradas à noite, se destacam por conterem alguns diferenciais do desfile. Na figura 46, em primeiro plano, está a orquestra considerada a parte vital do bloco, são os músicos que entoam as marchinhas e os hinos

dando ritmo ao passo e conduzindo a alegria da festa. E em segundo plano, a imagem da Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus.

Figura 46: Orquestra, Bloco Laranjeirense.



Fonte: Acervo Maria Valdira Santos, 2010.

A figura 47 relembra os antigos carnavais representados pelos pierrôs⁵¹ símbolo do carnaval, cantados por diversos compositores ao longo do tempo, inclusive pelo brilhante compositor Noel Rosa.

⁵¹ O pierrot ou pierrô é uma personagem tipo de mimo e da *Commedia dell'Arte*, uma variação francesa do Pedrolino Italiano. O seu caráter é aquele de um palhaço triste, apaixonado pela Colombina, que inevitavelmente lhe parte o coração e o deixa pelo Arlequim. É normalmente representado a usar roupas largas e brancas, por vezes metade pretas, cara branca e uma lágrima desenhada abaixo dos olhos. A característica principal do seu comportamento é a sua ingenuidade, e é visto como um bobo, sendo sempre o alvo de partidas, mas mesmo assim continua a confiar nas pessoas. Pierrot também é representado como sendo lunático, distante e inconsciente da realidade. http://www.reflexoes.diarias.nom.br/BENTO/O_ULTIMO_PIERROT.pdf, 10/01/2015.

Pierrô Apaixonado
Composição: Noel Rosa-Heitor dos Prazeres

Um pierrô apaixonado
 Que vivia só cantando
 Por causa de uma colombina
 Acabou chorando, acabou chorando

A colombina entrou num botequim
 Bebeu, bebeu, saiu assim, assim
 Dizendo: pierrô cacete
 Vai tomar sorvete com o arlequim

Um grande amor tem sempre um triste fim
 Com o pierrô aconteceu assim
 Levando esse grande chute
 Foi tomar vermute com amendoim

Figura 47: Pierrôs, Bloco Laranjeirense.



Fonte: Acervo Maria Valdira Santos, 2010.

Logo abaixo aparecem ressaltados, nas imagens coloridas feitas à noite, dois destaques do carro alegórico do Bloco Laranjeirense. Na figura 48 o anjo anuncia a chegada do carnaval no céu, homenageando os Laranjeirenses que já morreram e continuam a torcer e vibrar com o seu vermelho e branco. E na figura 49, no centro do carro, uma mulher traz as harpas para conduzir o compasso do bloco.

Figura 48: O anjo, Bloco Laranjeirense.



Fonte: Acervo fotográfico de Maria Valdira Santos, 2010.

Figura 49: Destaque com harpas, Bloco Laranjeirense



Fonte: Acervo fotográfico de Maria Valdira Santos, 2010.

O Bloco Botafogo, com suas cores azul e branco, trouxe um enredo incerto, com vários elementos diferenciados. Logo abaixo, na figura 50, realizada em um plano único, destaca-se a figura de uma menina trajando biquíni com um laço gigante nas costas e na cabeça uma tiara de plumas azuis. À esquerda, na figura 51, o destaque do carro alegórico traz o reino das águas com quatro destaques sendo um dos destaques uma criança, onde se ressalta mais uma vez a importância em envolver crianças nos blocos da Micarême para manter a continuidade da festa nas próximas gerações, já que se trata de uma festa carnavalesca ritualizada, com um passo marcado que vem desde a década de 1930. E o assédio das festas carnavalescas livres, onde não se usa obrigatoriamente fantasias, e nem se desfila em cordões (filas) é muito grande e atrativo para a juventude. Mas existe um chamariz mágico anunciado pelos clarins na abertura dos desfiles da Micarême, que de alguma forma, como uma herança familiar, os jovens, os adultos e principalmente as crianças, têm na ponta da língua os hinos e as marchinhas de outros tempos vividos por outros e herdados por eles e são embalados ao som de marchas como Balancê.

BALANCÊ

(Braguinha-Alberto Ribeiro, 1936)

Ô balancê balancê
Quero dançar com você
Entra na roda morena pra ver
Ô balancê balancê

Quando por mim você passa
Fingindo que não me vê
Meu coração quase se despedaça
No balancê balancê

Você foi minha cartilha
Você foi meu ABC
E por isso eu sou a maior maravilha
No balancê balancê

Eu levo a vida pensando
Pensando só em você
E o tempo passa e eu vou me acabando
No balancê balancê

Figura 50: Destaque, Bloco Botafogo

Fonte: Acervo Maria Aparecida Barreto, 2010.

Figura 51: Reino das águas, Bloco Botafogo

Fonte: Acervo Maria Aparecida Barreto, 2010.

A figura 52 tem como destaque a orquestra que em sua fantasia possui as estrelas, elemento cantado em seu hino e recorrente nos desfiles, que se tornou o símbolo de maior representatividade do Bloco. Abaixo, na figura 53, temos uma imagem chapada de brincantes cheios de adereços em suas fantasias azuis e brancas.

Figura 52: Orquestra, Bloco Botafogo.

Fonte: Imagens retiradas do site <http://kokalaranjeiras.blogspot.com/2011/05/micareme-2011-segunda-noite-de-desfile.html>, em 22 de novembro de 2011

Figura 53: Brincantes, Bloco Botafogo.

Fonte: Imagens retiradas do site <http://kokalaranjeiras.blogspot.com/2011/05/micareme-2011-segunda-noite-de-desfile.html>, em 22 de novembro de 2011.

As imagens finais do Bloco Botafogo foram propositalmente deixadas com o intuito de mostrar a captura de algumas imagens específicas. A figura 54 traz uma fotografia do ensaio geral no sábado à noite. Em primeiro plano, a imagem de destaque da alegria de uma brincante, vestida com as cores do Bloco azul e branco com os braços abertos, demonstrando o orgulho de carregar as cores de seu bloco. E a importância, pela posição de destaque dentro do Bloco, demonstrando uma grande e importante mudança dentro, pois há alguns Micarêmes atrás era impossível ver uma mulher negra em posição de destaque no bloco Botafogo. As meninas que saíam de destaque dentro do bloco eram escolhidas a dedo e eram todas brancas. Assim, o fato de termos uma negra em posição de destaque mostra uma mudança significativa e necessária em uma cidade com uma população afro-brasileira como Laranjeiras, fazendo jus ao seu hino que canta:

As lindas moreninhas
Com seus olhos sedutores
Neste dia de alegria
Com prazer e alegria
Vou cantando seus louvores...

Ao fundo o restante do bloco dançando em frente ao camarote. A figura 55 mostra o casal de Porta Bandeira e Baliza em pleno movimento de apresentação para o camarote.

Figura 54: Destaque no ensaio geral, Bloco Botafogo.



Fonte: Imagens retiradas do site <http://kokalaranjeiras.blogspot.com/2011/05/micareme-2011-segunda-noite-de-desfile.html>, em 22 de novembro de 2011.

Figura 55: Baliza e Porta-Estandarte, Bloco Botafogo.



Fonte: Imagens retiradas do site <http://kokalaranjeiras.blogspot.com/2011/05/micareme-2011-segunda-noite-de-desfile.html>, em 22 de novembro de 2011.

Por último, e não menos importante, o Bloco Águia de Ouro, o Bloco mais jovem da Micarême de Laranjeiras. É também o menos consolidado, tendo passado por diversas dificuldades e hoje conta com a ajuda de vários alunos de Teatro da Universidade Federal de Sergipe, fato que se pode perceber, através da performance teatral introduzida no Bloco e visível nas imagens a seguir.

Segundo Nicolay Evreinov (*apud* Da Luz, 2013)

a teatralidade é o instinto humano de transfigurar o real, de se opor às imagens recebidas, transformando as aparências naturais em algo novo, distinto. Sendo um instinto humano, a teatralidade está além do próprio teatro, está na vida cotidiana. (Nicolay Evreinov *apud* Da Luz, 2013)⁵²

A figura 56 destaca um brincante com um bastão onde foram realizados malabares durante o desfile, a maquiagem teatral deu um ar diferenciado ao bloco. A figura 57 traz um brincante com maquiagem representando o símbolo do bloco, a Águia.

Figura 56: Brincante com bastão, Bloco Águia de Ouro.



Fonte: Imagens retiradas do site <http://kokalaranjeiras.blogspot.com/2011/05/micareme-2011-segunda-noite-de-desfile.html>, em 22 de novembro de 2011

⁵² LUZ, Ana Luiza da. A teatralidade para além dos palcos na avenida do carnaval. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p. 127-150, nov. 2013.

Figura 57: Destaque, Bloco Águia de Ouro



Fonte: Imagens retiradas do site <http://kokalaranjeiras.blogspot.com/2011/05/micareme-2011-segunda-noite-de-desfile.html>, em 22 de novembro de 2011.

As imagens nos fazem perceber mais claramente a teatralização conferida ao Bloco Águia de Ouro, quando usaram como tema os Orixás, utilizando-se de artifícios como a maquiagem, as performances e as vestimentas que diferenciaram o bloco dos demais, dando-lhes ares de uma dramaturgia pública.

As imagens que se seguem tratam justamente dessas performances e na figura 58 visualizamos em primeiro plano uma figura enigmática e em segundo plano podemos observar outros personagens ocupando várias posições no adro da Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus. Já a figura 59 trata da mesma figura em performance, mas agora em outra localização importante da festa: a Avenida Rotary, onde encontra-se o camarote, espaço destinado às autoridades de diversas esferas que esperam para assistir aos desfiles.

Figura 58: Performace, Bloco Águia de Ouro.



Fonte: Acervo fotográfico de Joselito Franco, 2010.

Figura 59: Performace central, Bloco Águia de Ouro.



Fonte: Acervo fotográfico de Joselito Franco, 2010.

As próximas imagens servem para mostrar outro lado do desfile do Bloco Águia de Ouro que, como todo bloco, veste as suas mulheres para desfilar fantasias luxuosas e mostrar suas curvas como artifício de sedução dos blocos. Destaca-se a nudez, que é feita de forma mais ousada que os demais blocos. A figura 60 destaca uma dançarina com plumas e paetês provavelmente conduzindo alguma ala do bloco. A figura 61 traz a passista vestindo biquíni, botas e asas de plumas, que conduz a orquestra durante todo o desfile.

Figura 60: Destaque do Bloco Águia de Ouro.



Fonte: Acervo fotográfico de Joselito Franco, 2010.

Figura 61: Rainha da Orquestra do Bloco Águia de Ouro.



Fonte: Acervo fotográfico de Joselito Franco, 2010.

A teatralização dada ao Bloco Águia de Ouro de certa forma descaracteriza a festa da Micarême em seus usos tradicionais, por isso as críticas de diversas pessoas da cidade sobre a apresentação do bloco por anos seguidos, gerando acusações a respeito dos gastos, pois os blocos recebem um determinado valor da Prefeitura Municipal e a população cobra o mesmo nível de apresentação e rigor nas riquezas das fantasias e alegorias como nos outros blocos.

A presença dos alunos de Teatro da Universidade Federal de Sergipe conferiu uma nova roupagem ao bloco, mas de certa forma, também promoveu uma descaracterização, apesar da manutenção do passo marcado e das marchinhas. A

inserção de coreografias diferenciadas ligadas às performances dentro do bloco desagradou à plateia acostumada ao protocolo costumeiro.

As fotografias descritas através das lentes daqueles que as produziram, não apenas nos permite identificar a evolução da técnica imagética de registro dos acontecimentos como também a dinâmica social no circuito de relações onde subsiste, assim:

Impregnada pelo imaginário social, enquanto um sistema capaz de expressar as relações sociais dialéticas dos processos de compreensão e de fabulação de crenças e de ritualizações, a imagem produz e reproduz sentidos que se consolidam na sociedade. Por meio destes se dá a regulação dos comportamentos, a identificação e a distribuição dos papéis sociais. Isso porque a imagem plasmada em arte constitui a representação de idéias, desejos, emoções, sentimentos e conceitos (MELLO, 2002: 3).

As imagens de uma arte popular tornam-se “arte imagética” em tempos de indústria cultural de massas e reprodutibilidade da técnica, guardando memórias, identidades, singularidades e significados muito próprios para aqueles que vivenciam a festa da Micarême em Laranjeiras.

As imagens servem para conhecermos e ao mesmo tempo reconhecermos os efeitos do tempo, as alterações e permanências do passado, mas com uma ressalva, já que pela ótica do fotógrafo a escolha do ângulo é o que define o momento da realização da fotografia e conduz os olhares e interpretações futuras. Marilena Chauí lembra que “conhecer por imagens é perceber, ou seja, imaginar é perceber, pois a percepção é simplesmente o conhecimento das imagens das coisas⁵³.

3.3. A MICARÊME E A IMPRENSA NA ATUALIDADE

Os jornais atuais não têm informações, ou não disponibilizaram a pesquisa em seus arquivos. Todavia, foi possível resgatar algumas notícias mais recentes, usando-se também como fonte os jornais eletrônicos, *blogs* e *sites*.⁵⁴

As notícias aparecem basicamente elogiando os blocos ou criticando um ou outro bloco e as questões políticas que se inserem entre os blocos da Micarême, pois os Blocos Laranjeirense e Botafogo são grandes rivais desde a década de 1930 e hoje essa

⁵³ CHAUI, Marilena. **Simulacro e Poder**. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

⁵⁴ Sites e Blogs: <http://kokalaranjeiras.blogspot.com/2011/05/micareme-2011-segunda-noite-de-desfile.html>, <HTTP://infonet.com.br/noticia>, <WWW.cinform.com.br/.../marchinhas+e+frevos>, <WWW.laranjeiras.se.gov.br>.

rivalidade também se alia à oposição política na cidade. Portanto, as notícias da oposição são direcionadas para atingir o gestor do município ou os organizadores da festa de forma geral. Recentemente, na edição de novembro de 2011, saiu uma nota, no jornal “A Voz dos Municípios”, cobrando aos organizadores dos blocos e aos organizadores da festa que não fugissem à tradição dos desfiles à tarde, pois nos últimos anos os blocos desfilaram em um horário muito tardio, sendo que o último bloco (chamado de retardatário) passa tarde demais e a nota enfatiza que esse fato demonstra uma falta de respeito com a população que aguarda ansiosa para assistir ao desfile.

Através de informações que a imprensa reproduz sobre a Micarême em diversos momentos, destacam-se várias notícias recentes sobre a festa, sendo a maioria das notas muito parecidas e poucas contendo falas diferenciadas. Nesse sentido, observa-se em especial o texto publicado no jornal “A Voz dos Municípios” em maio de 2011, escrito pelo advogado e professor de História, Genaro de Almeida Brotas, que destaca inclusive os blocos que não resistiram ao tempo.

Outras notícias de 2010 sobre a Micarême realizam uma análise do desfile com comentários diferenciando as particularidades de cada Bloco (Rancho).

Figura 62: Jornal a Voz dos Municípios, fl.03, maio de 2010.



Fonte: Acervo particular de Lucas Passos, 2010.

Figura 63: Jornal a Voz dos Municípios, fl.09, maio de 2010



Fonte: Acervo particular Lucas Passos, 2010.

Ao longo dos anos as notícias de jornal em sua grande maioria foram provavelmente encomendadas por pessoas importantes, ou espontâneas, mas também destacando nomes de pessoas influentes da cidade. Hoje a preocupação por parte do poder público é ressaltar o patrocínio dado aos blocos, como é possível identificar a notícia vinculada ao cartaz produzido pela Secretaria de Cultura Municipal:

Figura 64: Jornal O Liberal



Fonte: Acervo de Lucas Passos, 2010

O Bloco (Rancho) Laranjeirense na década de 1980 tornou-se Associação Recreativa Cultural Laranjeirense. E com a criação da Associação, fechou-se o espaço para que outras pessoas posteriormente integrassem a diretoria do Bloco, pois somente os sócios fundadores poderiam fazer parte da diretoria. O fato torna-se preocupante por, na década de 1980, a maioria dos sócios fundadores já serem adultos e outros encontrarem-se da terceira idade, conferindo à Associação uma vida útil bastante curta.

O jogo de interesses existentes nas relações do bloco fica explícito no estatuto (anexo número 01), na Ata de fundação da Associação Recreativa e Cultura Laranjeirense, quando se privilegia um pequeno número de pessoas em 1981 para transformação de Bloco em Associação, já que no momento o bloco Laranjeirense tinha um grande número de torcedores que poderiam ser sócios desde aquele momento de fundação. E comprova-se tal jogo através do estatuto, que apenas permite formação de chapa para concorrer à presidência da Associação somente sócios fundadores, fechando assim um círculo, impedindo que os mais jovens concorram a qualquer cargo.

Figura 65: Ata de criação da Associação Recreativa e Cultural Laranjeirense

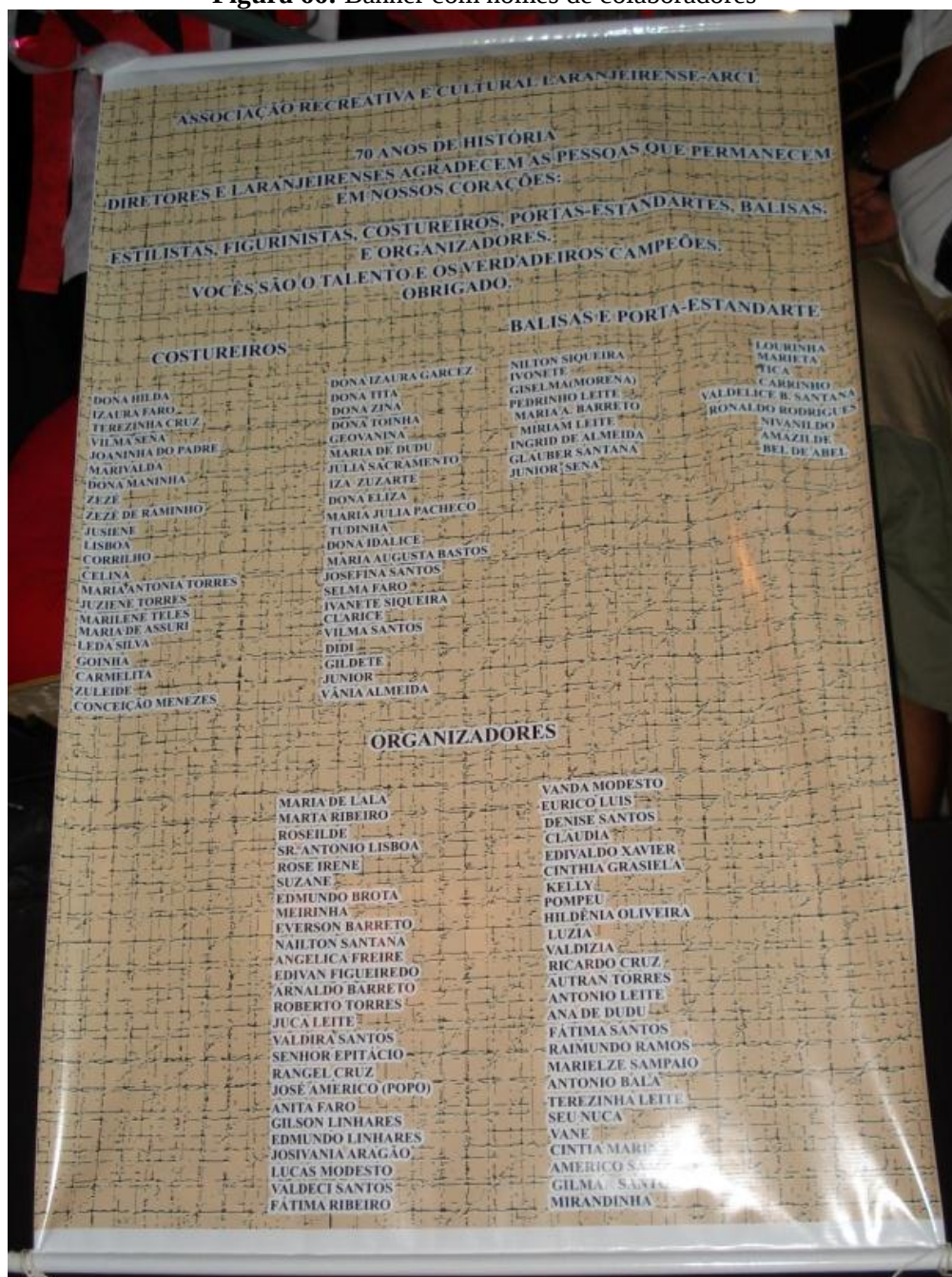
Ata da criação do Clube Recreativo Laranjeirense.

Em sete (07) dias do mês de março do ano de mil novecentos e setenta e um (1971), às vinte (20.00) horas, no local de propriedade da Prefeitura Municipal de Laranjeira, situada na Rua Getúlio Vargas, nesta cidade, reuniram-se alguns abnegados de Laranjeirense, com a finalidade de gerir e empregar uma Diretoria para reger os atos da referida agremiação. Na oportunidade o Sr. José do Carmo de Menezes, após analisar o desempenho do clube de nos "micaremas" dos anos anteriores e agradecer a todos os que se acharam no recinto, solicitou à Sra. Ana Maria Sampaio Barreto que assumisse a presidência da reunião que obtivera - e com aplausos, o voto unânime dos presentes de assumir a presidência da sessão, a abnegada Torquato agradeceu o voto de confiança de todos os presentes e de que ali estávamos reunidos com o objetivo maior de eleger e empregar a Diretoria do clube Laranjeirense e para dar início a partir daquele momento, a formação de um quadro social para a elaboração do estatuto do clube, das reuniões que seriam realizadas etc. Ditos fatos os motivos pelos quais ali estávamos, a presidente solicitou a todos que apresentassem nomes para cada cargo que iria compor a Diretoria do clube. A medida que iam os nomes sendo apontados, procedeu imediatamente à eleição ficando assim composta a Diretoria: Presidente - Amrita de Faria Menezes; Vice-Presidente - Ana Maria Sampaio Barreto; Primeira Secretária - Maria Eudécia Menezes; Segunda Secretária - Jailton Vicente dos Santos; Primeiro Tesoureiro - Marulza Sampaio Barreto; Segundo Tesoureiro - Regina Leite Oliveira. Para o Conselho Fiscal foram eleitos: Autaun Alves Torres, Rangel Cruz Neto, Aquiles de Almeida, Edmundo de Almeida Brotas e Américo Menezes Barreto.

Fonte: Associação Recreativa e Cultural Laranjeirense.

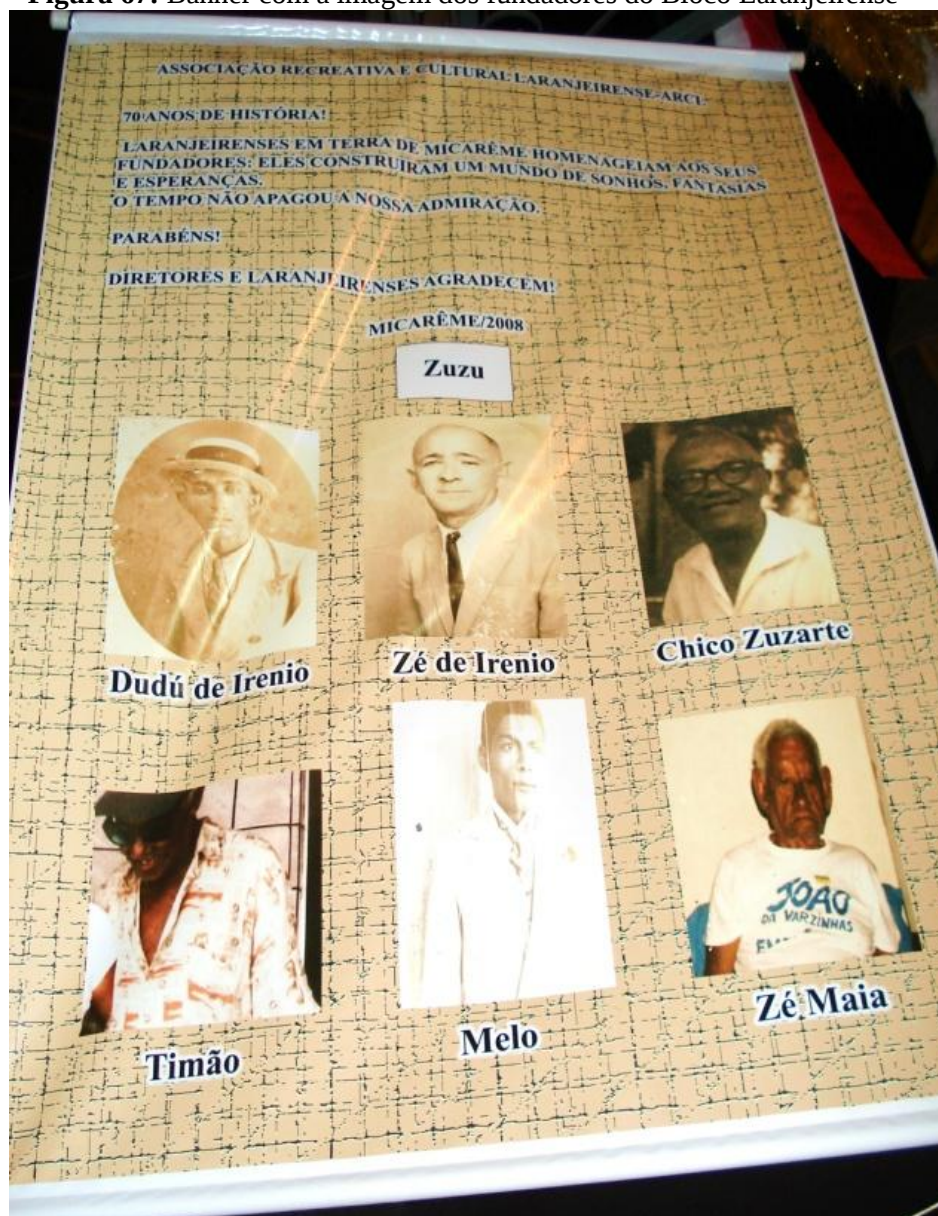
Os banners usados em um dos desfiles indicam as pessoas que fizeram parte da organização do bloco ao longo dos anos como costureiras, organizadores, eletricitas e estilistas (figura 67). O outro banner traz as figuras emblemáticas dos prováveis fundadores do Bloco Laranjeirense (figura 68).

Figura 66: Banner com nomes de colaboradores



Fonte: Hildênia Santos de Oliveira, 2008.

Figura 67: Banner com a imagem dos fundadores do Bloco Laranjeirense



Fonte: Hildênia Santos de Oliveira, 2008.

Com essas últimas imagens produzidas e conduzidas pelos *flashes* das memórias, pode-se perceber a importância do discurso – imagético e textual – construído sobre a Micarême de Laranjeiras. E, nesse caso, das memórias escolhidas para serem perpetuadas.

a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente”, sinalizando a força e a fragilidade da memória e do rastro. (GAGNEBIN *apud* SOARES, 2011).

O discurso escolhido e produzido pelos blocos que compõem a Micarême, possuem uma força quase avassaladora e o sentimento de propriedade é fácil de ser identificado.

Continuando a carta para Noel...

Querido Noel,

Espero que tenha sido interessante esta apresentação da Micarême através de fotografias, jornais e músicas, para que você pudesse conhecer outra festa carnavalesca, distinta daquela promovida por sua Vila Isabel. Eu espero ter feito isso com a Micarême de Laranjeiras com a mesma maestria. Vou encerrando por aqui, pois acho que já escrevi demais e o samba me chama. Vou deixar esta carta na caixa postal do amigo Martinho da Vila, pra que ele lhe entregue em seu próximo sonho, mas de antemão já agradeço muito pela inspiração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi pesquisado, podemos perceber que as diversas formas carnavalescas existentes no Brasil trazem os anseios, os amores, as relações sociais e de poder de toda uma sociedade. Pode ser percebido aqui, ou em qualquer lugar, um espaço de subversão, onde as relações de poder estão veladas e diluídas em meio às festas. E dentro da Micarême de Laranjeiras/SE, essas relações são mais escondidas ainda, atrás dos paetês e das plumas.

Laranjeiras elegeu a Micarême como modalidade carnavalesca ou como Festa Carnavalesca em detrimento à Festa de Momo, pois a localidade vira uma cidade fantasma durante o carnaval e nenhuma viv'alma ousa cantar em protesto ao calor escaldante do verão:

ALLAH-LÁ-Ô
(Haroldo Lobo-Nássara, 1940)

Allah-lá-ô, ô ô ô ô ô

Mas que calor, ô ô ô ô ô
Atravessamos o deserto do Saara
O sol estava quente
Queimou a nossa cara

Viemos do Egito
E muitas vezes
Nós tivemos que rezar
Allah! allah! allah, meu bom allah!
Mande água pra ioiô
Mande água pra iaiá
Allah! meu bom allah

Na cidade que vivenciava a comemoração das festas de Reis, com suas diversas manifestações seculares enraizadas em suas vidas, já era na década de 1930 uma prática comum ver em quermesses e festas as apresentações dos grupos como Taieira, Reisado, Chegança, Cacumbi, Lambe-sujos e Caboclinho, São Gonçalo do Amarante entre outras manifestações que, por serem práticas comuns, influenciaram nas danças, pois os corpos acostumados com as composições das danças de reisados e outras manifestações deram formato ao passo marcado da Micarême, criando um passo peculiar.

Podemos compreender então que o surgimento da Micarême se deu como resultado da plasticidade das identidades culturais subjacentes no município, um

laboratório criativo de experiências culturais diversificadas, imigrantes e ao mesmo tempo condensando em elementos da tradição local.

Quando nos apoiamos na História Cultural, entendemos os processos de relação entre Memória e História⁵⁵ frente à dinamicidade da cultura e os processos de reinvenção da festa, que acolheu diversas influências de grandes carnavais pelo Brasil, principalmente influências recebidas do Carnaval Carioca, a festa realizada na capital do Brasil, modelo a ser seguido na política, nos costumes e nas manifestações, pois o Rio era modelo de civilização a ser copiado pelo resto do país.

Como em todas as organizações carnavalescas do Brasil, existem hierarquias, principalmente por surgirem nas décadas de 1930. E sofreram influência direta da mão e das ações do Governo de Getúlio Vargas, inclusive local. O que podemos observar é que os blocos da Micarême foram criados por famílias influentes e sobrenomes de políticos, homens que misturavam interesses e não existia separação da vida e obras públicas para o contexto privado. A Micarême foi forjada nessa perspectiva, inserida num jogo de interesses de homens privilegiados que uniram as paixões por futebol com a música e um elemento novo, civilizado, que era o carnaval organizado no formato de blocos.

E juntamente com a criação desses blocos na década de 1930, foram sacudidos ao som que explodiam no Brasil do samba carioca difundido por grandes nomes já citados, como Noel Rosa, Lamartine Barbo, Carmem Miranda, Braguinha, Ary Barroso, Wilson Batista, Capiba e Sivuca tocando e difundindo o frevo país afora. A mistura de frevo com sambas aconteceu em Laranjeiras de forma harmoniosa e acontece até a atualidade, pois o ritmo é misturado a diversos gêneros musicais para os desfiles da Micarême, apesar de cantarmos canções como:

CIDADE MARAVILHOSA
(André Filho, 1934)

Cidade maravilhosa
Cheia de encantos mil
Cidade maravilhosa
Coração do meu Brasil
Cidade maravilhosa
Cheia de encantos mil
Cidade maravilhosa
Coração do meu Brasil

⁵⁵ LE GOFF, Jacques. Documento /Monumento In: _____. **História e Memória**. Vol. II (Memória). Lisboa: Ed.70, 2000. pp.103-109.

Berço do samba e das lindas canções
 Que vivem n'alma da gente
 És o altar dos nossos corações
 Que cantam alegremente

Jardim florido de amor e saudade
 Terra que a todos seduz
 Que Deus te cubra de felicidade
 Ninho de sonho e de luz

Quando meu bem vieste à terra
 Portugal declarou guerra
 A concorrência então foi colossal
 Vasco da gama contra o batalhão naval

De forma quase automática, como se esse repertório fizesse parte do dia-a-dia da juventude, da mesma forma que se tocam hoje outros gêneros musicais em ritmo de frevo.

O Samba, assim como o frevo, surgiu em um momento caracterizado pela questão da nacionalidade e da identidade cultural, onde não faltaram ações e a mão controladora do Estado. O Samba, como música popular brasileira criada nas rodas de jongo e nas manifestações afro-brasileiras, carrega em si, embutido na sua intimidade, a questão da identidade promovida como símbolo da coletividade brasileira.

O que podemos constatar e observar é que a profusão desse gênero musical se deu de forma concomitante ao desenvolvimento da radiofonia, da indústria de gravação e do cinema. Deste modo, podemos dizer que o samba participou diretamente da instauração do projeto de urbanização, industrialização e modernização do país. E temos como exemplo disso a zona portuária do Rio de Janeiro, Escolas de Samba forjadas no cais do porto, que sobrevivem ao tempo e a riqueza que passa por cima das escolas menores como um rolo compressor, em entrevista com o Professor Humberto Beethoven⁵⁶:

Império surge numa dissidência de uma escola de samba chamada Prazer da Serrinha, dessa forma a comunidade que morava naquele momento em 1947, num bairro chamado Madureira, Vaz Lobo, Irajá, essas pessoas se uniram e formaram a escola império serrano, e então como fazer carnaval? Eles descontavam um terno, como hoje a palavra seria imposto sindical, era descontado um terno da jornada de trabalho de cada um para a escola de samba, então esse dinheiro do capital trabalho, ou seja, esse dinheiro do sindicato foi quem fez a império serrano se tornar a primeira escola de samba sindicalizada e democrática desse país, até hoje o império serrano ele tem o seu voto pelos seus sócios fundadores e todos os outros sócios, que qualquer pessoa pode se associar ao império serrano, a escola não tem dono, tem sócios, então, ela sofre problemas por ser uma escola

⁵⁶ Vice-presidente administrativo e financeiro da Escola de Samba Império Serrano – Rio de Janeiro.

democrática, não tem banqueiros, nem outro tipo de patrocínio ilícito (...). (Entrevista concedida em 17/02/2004, no Barracão da Escola de Samba Império Serrano).

A historiografia dedicada aos estudos culturais contemporâneos vem abordando de forma vasta e crescente as festas e especificamente os carnavais na seara da ressignificação de tradições e memórias coletivas. Os estudos sobre a subjetividade ganham espaço no universo acadêmico, a exemplo de pesquisas voltadas para as sociabilidades das festas, representações sociais das manifestações culturais, relações de poder dentre outras.

Por fim, entende-se através dessa pesquisa que não se vivia numa ilha de *Sergipe Del Rei*, isolado de todos os acontecimentos do país. Ao contrário, Sergipe, e em especial o Município de Laranjeiras, vivia dentro desse contexto nacional vivido nas décadas de 1930 e 1940, tanto política como culturalmente e através de todos os elementos encontrados nessa pesquisa e tantos outros deixados em aberto para pesquisas futuras.

Entende-se que o futebol foi o ponto inicial da Micarême laranjeirense e que essa paixão forjada nos campos de várzea extravasou de forma criativa nos blocos da Micarême e apesar de poucos resquícios atuais dessa ligação tão forte, a memória coletiva e a imprensa da época não deixam dúvidas desse cordão umbilical, que alimentou mutuamente ambas as paixões dos laranjeirenses.

INQUIETAÇÕES FINAIS (PESSOAIS)

Diferente de outros tempos, como já foi dito anteriormente, que a Festa era realizada com recursos da própria comunidade, hoje a realização da Micarême depende quase 90% do poder público e isso se tornou um grande problema para a sua realização. Nem sempre o prefeito que está no poder tem o interesse de realizar a Festa. A Lei nº 996/2012 do Sistema Municipal de Cultura cria toda uma estrutura cultural que deverá ser implantada em Laranjeiras nos próximos dez anos e dentro dessa estão as leis do Conselho Municipal de Cultura e do Plano Municipal de Cultura de Laranjeiras, sendo uma das metas do Plano a realização anual da Micarême com um orçamento pré-aprovado, sendo essa lei de 2012.

Mas nos anos seguintes, a Micarême não é realizada por falta de verba e nem a reunião dos dirigentes dos blocos, nem a inquietação da população fizeram com que a festa fosse realizada. Mas, o que é latente é o descaso de uma cobrança oficial, via Ministério Público, para fazer cumprir a lei que obriga o município a realizar a festa.

O mais inquietante é perceber que a pesquisa pode ser a única fonte de conhecimento transformando-se em “lugar de memória” e historização para as gerações vindouras, conforme a premissa de Pierre Nora, se continuar dessa forma. E também outras manifestações culturais laranjeirenses vêm sofrendo com a ausência de ações do poder público, mesmo tendo um orçamento específico aprovado na Lei Orçamentária Anual (LOA), Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDA) e Plano Plurianual (PPA). Esse orçamento é de 5% da arrecadação municipal, mas parte desse valor é utilizado na realização do Encontro Cultural, que esse ano completou 40 anos e foi o maior exemplo de falta de compromisso com a cultura, pois o percentual da verba destinada foi gasto 90% em bandas musicais destoantes das tradições populares da terra, a exemplo de Calcinha Preta, Aviões do Forró, entre outras.

Portanto, vemos que só importa para alguns dirigentes, secretários, assessores e prefeitos bestificar o povo com qualquer tipo de engodo e apagar as manifestações identitárias, acabando com o espaço mais importante criado há 40 anos, o Simpósio, onde pensadores, pesquisadores, folcloristas, músicos e a cidade de Laranjeiras discutem e mantêm viva a chama da cultura. Durante as minhas leituras para a construção desta dissertação, lendo o livro “Kizombas, Andanças e Festanças” de Martinho da Vila, eu chorei ao ler num dos capítulos sobre a importância que Laranjeiras tem para o resto do Brasil. Como aceitar que “os de fora” valorizem mais a

cultura daqui do que os próprios “filhos da terra” corrompidos pela ganância política-econômica?

E janeiro, no aeroporto do Rio, a confusão costumeira e muita gente conhecida.

A linda Jacira Silva, negra inteligente, carioca de São Paulo (gozado... como tem carioca que não nasceu no Rio... vale o estado de espírito), pintora, escultora, psicóloga e Kizombeira, está sorridente como sempre,

- Vai pra Sampa, Jacyra?

- Não, Maninho, vou *pra* Laranjeiras.

Benedita da Silva – que mulher fantástica! – me dá um beijo.

Ela vai entrar na História como a única mulher negra da Constituinte e primeira deputada federal da cor, e que um dia será prefeita do Rio de Janeiro.

- Oi deputada! Como vai a turma do Bloco lá do morro do Chapéu Mangueira? E o camarada Bola?

- Ta todo mundo legal, Da Vila, mas você e a Leci Brandão estão *furados* com a gente. Lembra-se que vocês prometeram fazer uma noitada lá no morro?

- Qualquer dia desses a gente *limpa a barra* com a rapaziada. Ta indo *pra* Brasília Bené?

- Não, tô indo também *pra* terra do João Ribeiro e Sílvio Romero, escritores, poetas e folcloristas.

Cantei ao pé do ouvido a música que fiz *pra* ela, de parceria com o Zé Catimba, da Imperatriz Leopoldinense:

Ê Mana, ê mana, ê mana, ê mana

Ê mana, irmana

Um maná

(...)

Maninha é Rainha Ginga

Da Irmã Nação Áfricana

Calaram Irmã Anastácia

Mana Mahin foi lutar

E a raça aqui vai ser forte

Se todo mundo irmanar

(...)

O meu compadre Paulinho da Viola também estava lá No aeroporto, enrolado com o seu violão inseparável, mala e não sei que lá mais, tentando marcar passagem para o mesmo destino. Gozado ... Todo artista tem sempre alguém dando cobertura, mas o compadre não. Dizem que não gosta de mordomias e é tranquilo demais. Uma vez mandei um recado musicado pra ele.

“oi, compadre

Mete o dedo da Viola

Se segura no cavaco

Porque tem remandiola

Oi, compadre

Mete o dedo na viola

Canta samba dos quilombos

Quilombeta e quilombola

(...)

Calangueia no quilombo

Canta samba na Escola
 Brasileiro ta cansado
 De cocada e mariola
 Abre o olho meu compadre
 Porque tem remediola
 Atrás de um som inocente
 Tem um fraque e uma cartola”

Não viajei com eles.
 Num outro voo para Aracaju viajo tranquilo e não sei porque,
 (...)

Me impressionou muito uma Banda de Pífanos que tocava e dançava nas portas das Igrejas. Em Laranjeiras há muitas. A Igreja do Sagrado Coração de Jesus, a N.S. da Conceição dos Pardos, a do Bomfim, a do Bom Jesus dos Navegantes. A Igreja do Retiro do Engenho foi a primeira residência dos jesuítas e a da Boa Sorte, além da Igreja do Rosário de São Benedito. Nesta última, os tocadores de pífanos entraram e tocaram as suas flautas de bambu em homenagem a São Benedito, enquanto pelas ruas da cidade o Batalhão dos Bacamerteiros de Aguada, povoado de Carmópolis, arrasta a multidão, tocando e dançano com seus instrumentos, seus chapéus de couro, suas dançarinas de vestidos de chita coloridos e seus chapéus enfeitados de flores e fitas, protegidos pelos bacamartes, dando tiros de pólvora seca. Bonito. Muito bonito.

(...) (Martinho, 1992)

Chorei ao perceber que, por puro descaso e desconhecimento da riqueza cultural, tudo em Laranjeiras está ruindo, passando por um retrocesso difícil de achar o fio da meada e voltar para tecer valorização e cuidado. Nesse momento, descrito acima, Laranjeiras foi escolhida para abrir as comemorações e ampliar as discussões sobre o centenário da abolição da escravidão e não acredito que existisse lugar melhor para tal feito. Afinal, uma terra orgulhosamente afrodescendente, que deve as suas raízes e manifestações a essa herança. Sendo este também o meu lugar de fala, uma vez que sou neta de negro e um negro comunista, pensador, formador de opiniões, que fugiu no período da Ditadura Militar para não ser torturado e morto, Antônio Lisboa da Silva.

Que bom ter esse legado questionador para defender a cultura da minha terra, não por discurso, mas pela vivência. Por isso, me frustra ver essa cultura agonizando e sendo sufocada a cada dia que passa. Antes de finalizar, deixe-me contar somente mais uma história: quando entrei na universidade há alguns anos atrás, eu brigava por Laranjeiras e uma amiga dizia “que menina antipática, não pode falar de Laranjeiras que ela briga”, até descobrirem que embora não seja laranjeirense, toda a minha família é, mas eu não e nem recebi “título de cidadã laranjeirense”, porém tenho um profundo orgulho em defender o que amo.

Por fim, espero que façam valer as leis de incentivo e promoção à cultura dentro de Laranjeiras e seja posto em prática o Plano de Cultura, uma ferramenta tão importante. E que a população deixe de ser somente telespectadora e passe a reivindicar os seus direitos. Por último, por ser o alvo da minha pesquisa e pela paixão que tenho pela Micarême, que ela não morra, mas sim ressurgir das cinzas, e se for para ouvir as marchinhas de carnaval como *Mamãe eu Quero*, que haja somente um cunho carnavalesco e voltado para diversão e não como protesto.

MAMÃE EU QUERO

(Jararaca-Vicente Paiva, 1936)

Mamãe eu quero, mamãe eu quero
 Mamãe eu quero mamar
 Dá a chupeta, dá a chupeta
 Dá a chupeta pro bebe não chorar

Dorme filhinho do meu coração
 Pega a mamadeira e vem entrá pro meu cordão
 Eu tenho uma irmã que se chama Ana
 De piscar o olho já ficou sem a pestana

Olho as pequenas mas daquele jeito
 Tenho muita pena não ser criança de peito
 Eu tenho uma irmã que é fenomenal
 Ela é da bossa e o marido é um boçal

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. **O Império do Divino**. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

ABREU, Regina. “**Tesouros Humanos Vivos**” ou quando as pessoas transformam-se em **Patrimônio Cultural** – Notas sobre a experiência Francesa de Distinção do “Mestre da Arte”. In: ____; CHAGAS, Mário (Orgs) **Memória e Patrimônio**. Ensaaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. pp. 83-96.

ALENCAR FILHO, Clodoaldo de. **Caleidoscópio**. Aracaju: Ed.Sercore, 1984.

ALMIRANTE. **No Tempo de Noel Rosa**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Sonora Editora, 2013.

ALMEIDA, Fernanda Cordeiro de. **Patrimônio Cultural**. Aracaju/SE: UNIT, 2010.

BARRETO, Luiz Antônio. Carnaval e Micarême (Entrevista) **Infonet**: Disponível em: <http://www.infonet.com.br/luisantonio_barreto/ler.asp?id=44543&titulo=Luis_Antonio_Barreto>, Acesso em: 05/07/2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRAICK, Patrícia Ramos e MOTA, Myriam Becho. **História**: das cavernas ao terceiro milênio. São Paulo: Moderna. 2.ed. 2006.

BRUHNS, Heloísa. **Futebol, carnaval e capoeira**: entre as gingas do corpo brasileiro. Campinas: Papirus, 2000.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. 3ª ed. Aracaju: Banese, 2002.

CAMPOS, Hugo B.; LOUZADA, Roberto. a trajetória das associações de torcedores de futebol da cidade de são paulo: de torcidas de futebol a escolas de samba. **Maguaré**, vol.26, nº 2 (jul.-dec), 2012, pp.147-171.

CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (Org.) **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1999. pp.167-178.

CAPELLO, Guilherme Henrique. Um encontro histórico entre o rádio e futebol na constituição cultural brasileira. **Anais do VIII Encontro Nacional de História da Mídia Unicentro**. Guarapauva: Universidade Estadual de Ponta Grossa – Paraná, 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/bom%20dia/Downloads/Um%20encontro%20-historico-%20entre%20o%20radio%20e%20futebol%20na%20constituicao%20cultural%20brasil%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/bom%20dia/Downloads/Um%20encontro%20-historico-%20entre%20o%20radio%20e%20futebol%20na%20constituicao%20cultural%20brasil%20(1).pdf), Acesso em: 20/06/2014.

COUTINHO, Edilberto. **Bola e ficção: no calcanhar de todos os poderes.** in: Esporte e Poder. org. KORFF, Gilda. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985, p. 107-118.

CARDOSO, Amâncio. Uma Geografia da Morte: roteiro de cólera por Sergipe 1855-1856. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, nº 33 - edição comemorativa aos 90 anos de fundação. Aracaju: 2000-2002, pp.209-236.

CHARTIER, Roger. **História Cultural:** entre práticas e representações. Portugal: Difel, 1990.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis.** Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. **Conta de mentiroso:** sete ensaios de antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DINIZ, André, CUNHA, Diogo. **A República Cantada:** do choro ao funk, a história do Brasil através da música. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

DOMINGUES, Petrônio. Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. **História** (São Paulo) v.30, n.2, p. 401-419, ago/dez 2011.

DOMINGUES, Petrônio. "Zizinha Guimarães: entre a história e a memória". In: Xavier, Giovana; Farias, Juliana; Gomes, Flávio. (Orgs.). Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação. São Paulo: Selo Negro, 2012, pp. 261-281.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio, o veículo, a história e a técnica.** São Paulo: Ed. Sagra Luzzatto, 2000.

FERREIRA, Joana D'Arc A.; GALDINO, José Roberto de Vasconcelos. **Uma Música Afro-Brasileira:** Samba da Depressão a Malandragem à Símbolo da Identidade Nacional. Paraná: Programa de Desenvolvimento Educacional/Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2007. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/384-4.pdf>, Acesso em: 15/04/2014.

FERREIRA, Felipe. *Inventando carnavais:* o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **A festa mais popular.** Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Coleção Artur Ramos. Disponível em: <http://www.aticaeducacional.com.br/htdocs/secoes/festas.aspx?cod=27>, Acesso em: 01/09/2011.

GASPAR, Lúcia. Entrudo. **Pesquisa Escolar Online.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 28/06/2014.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário In: **Mitos, Emblemas, sinais.** Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONÇALVES, Renata de Sá. **Os ranchos pedem passagem**. Dissertação defendida na Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGSA, 2003. 234 p.

GALDINO, José Roberto de Vasconcelos, FERREIRA, Joana D'Arc A. **Uma Música Afro-Brasileira: o Samba da repressão a malandragem à símbolo da identidade nacional**. Paraná, 2007.

GOLDIN, Benoit. Da *mi-carême* ao *carnabeach* - história da(s) micareta(s). **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 12(1): 47-68, maio de 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KUSSLER, Leonardo Marques. As diferentes tomadas do conceito de memória em Paul Ricoeur. In: **X Salão de Iniciação Científica PUCRS**. Porto Alegre: PUCRS, 2009. pp.1629-1631.

LAZZARI, Alexandre. Coisas que o povo não pode fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915). Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2001.

_____. Momo decaído: a imprensa e a tradição perdida do carnaval porto-alegrense no fim do século XIX. In: CUNHA, M. C. P. (org). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2002.

LE GOFF, Jacques. Documento /Monumento In: _____. **História e Memória**. Vol. II (Memória). Lisboa: Ed.70, 2000. pp.103-109.

LIMA, Cláudia. Maria de Assis Rocha. **Enquete Cronológica do Fervedouro**. Disponível em: www.claudialima.com.br, Acesso em: 05/08/2011.

LIRA, Mariza. Samba de teleco-teco e outras coisas mais. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 31/01/1960, supl. lit. 05.

LOPES, João Teixeira. **Sociabilidade e consumos culturais**: contributos para uma sociologia da fruição cultural. pp.179-188. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1456.pdf>, Acesso em: 03/09/2011.

LUZ, Ana Luiza da. **A Teatralidade para além dos palcos na Avenida do Carnaval**. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p. 127-150, nov. 2013.

MADRIGAL, Daniel Batista. **Futebol narrado no Rádio e na Televisão**: as vozes da paixão brasileira. Dissertação de Mestrado em Comunicação. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2011.

MARQUES, Márcio. A revitalização do carnaval de rua do Rio de Janeiro. In: **Revista eletrônica Jovem Museologia**. Estudos sobre Museus, Museologias e Patrimônio. Ano 01, nº 01, janeiro de 2006 Disponível em:

<http://www.unirio.br/jovemmuseologia/documentos/1/artigomarcio.pdf> (Acesso em: 15/11/2012).

MÁXIMO, João. Memória do Futebol Brasileiro. *Revista Estudos Avançados – Dossiê Memória*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. São Paulo, v. 13, n. 37, set./dez. 1999, p. 182.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. O “notável empreendimento”: estado novo, propaganda política e radiodifusão em sergipe. **Revista Saeculum**. N. 16, João Pessoa, jan./jun. 2007, pp.105-117.

MONTEIRO, Marianna Francisca Martins. **Lambe-Sujo: dança dramática, performance e liminaridade**. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vcongresso/textos/territorios/Marianna%20Francisca%20Martins%20Monteiro%20-%20Lambe%20Sujo%20danca%20dramatica%20performance%20e%20liminaridade.pdf> (Acesso em: 17/03/2014).

MONTEIRO. Débora Paiva. **O Sonho de Todo Folião**: um ano com dois carnavais (Rio de Janeiro – 1912). Rio de Janeiro, 2012. 107f.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. N° 10, 1993. pp.7-28.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. In: **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 39, pp. 121-151, 2003.

OLIVEIRA, Hildênia Santos de. **No Compasso da Micarême**: 75 anos de Alegria em Laranjeiras (Memória e Musealização). Monografia de Graduação em Museologia. Laranjeiras: Universidade Federal de Sergipe - UFS, 2012.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e Iconologia: uma Introdução ao Estudo do Renascimento. In: _____. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

PARANHOS, Adalberto. **A historiografia e o “samba” de uma nota só do “Estado Novo”**. Disponível em: <http://www.2csh.clio.br/paranhos>, Acesso em: 14/03/2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PIMENTEL, João. **Blocos: Uma história informal do carnaval de rua**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2012.

PRIORE, Mary Del, VENÂNCIO, Renato Pinto. **O livro de ouro da história do Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

QUEIROZ, M.I.P. **Carnaval brasileiro: o mito e o vivido**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Fim, 1994.

SABE, José Carlos. **Carnaval, Carnavais**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

SANTOS, Daniel de Araujo dos. **Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol**. Dissertação de Mestrado em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, 2012.148 f.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. **Revista Tempo**. Vol. 17, n. 34, Dossiê: Uma história do esporte para um país esportivo. São Paulo, 2012.

SANTOS, José Luiz dos. **O Que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SIQUEIRA, Mário Bissoli. **Samba e Identidade Nacional: das origens à era Vargas**. 1ª Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia, DRUMOND, Maurício. **A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões**. Revista Tempo | Vol. 17 n. 34 | Dossiê: *Uma história do esporte para um país esportivo*. São Paulo, 2012.

SOUZA, Gisela Barcellos de. Paisagens Rurbanas: a tensão entre práticas rurais e valores urbanos na morfogênese dos espaços públicos de sedes de Municípios rurais. Um estudo de caso. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 21 (2): 181-192, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sn/v21n2/a12v21n2.pdf>>, Acesso em 30/10/2011.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **Festa e violência: os capoeiras e as festas populares na corte do Rio de Janeiro (1809-1890)**. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). Carnavais e outra f(r)estas. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p.281-310.

TOMPSON, E. P. Rough music. **Costumes em Comum: Estudos sobre a Cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 305-352.

URBANO, Maria Aparecida. **Carnaval & Samba em Evolução na Cidade de São Paulo**. São Paulo: Piedade, 2006.

TRIGUEIRO, Osvaldo Moreira. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos. In: **Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares**, 1., 2005, Brasília. pp.1-10.

VASCONCELOS, Marilene da Graça. **Carnavais fora de Época em Itabaiana: de Micareme a Micarana (1950-2002)**. Monografia de Graduação em História. Itabaiana: Pólo Regional de Itabaiana, Programa de Qualificação Docente II, DHI, CECH,UFS. 2002, 163 f. CX. 03, N° 21.

VOGT, Débora Inês. Folia em Santa Cruz do Sul: Apontamentos sobre como se brinca o carnaval em Santa Cruz do Sul/RS (1891 – 1941) In: **Revista Eletrônica dos Discentes de História da UNISC**. Epartacus, nº1, volume 1º, 2009. pp.1-13.

WITTER, José Sebastião. **Futebol: Um Fenômeno Universal do Século XX**. **Revista USP**, São Paulo, n.58, p. 161-168, junho/agosto 2003.

ZERPELLON, P. A. A inseparável história do rádio e do futebol. **Revista Eu tenho futebol**, 2010.

ANEXOS

ANEXO 01 – ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL LARANJEIRENSE

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL LARANJEIRENSE

TÍTULO I – DA SOCIEDADE E SEUS FINS

Art. 1º. – A Associação Recreativa e Cultural Laranjeirense é uma entidade civil, de direito privado, sem fins lucrativos, fundada em 01 de março de 1981, tendo sede e fórum em Laranjeiras – Sergipe, possuindo personalidade jurídica distinta da dos seus associados, que não respondem pelas obrigações contraídas pela sociedade.

Art. 2º. – A Sociedade cujo prazo de duração é indeterminado tem por fim:

I – Estimular, promover, desenvolver e coordenar atividade de caráter recreativo, cultural e esportivo, contribuindo para a formação moral e educacional da juventude;

II – Integrar na medida de sua possibilidade as federações esportivas e as entidades culturais;

III – Promover reuniões e diversões de caráter desportivo, social e cultural;

IV – Desenvolver o folclore local através da promoção de festas típicas;

V – Promover cursos profissionalizantes viabilizando o desenvolvimento auto sustentável da comunidade;

Parágrafo Único – a fim de cumprir suas finalidades, a “A R C L” quando possível, deverá criar e manter em sua sede social:

- a) Uma biblioteca com assuntos variados de modo a difundir a cultura nos seus mais variados aspectos;
- b) Uma discoteca com músicas clássicas, folclóricas e populares;
- c) Um salão de jogos para tênis de mesa, sinuca, etc.;
- d) Uma praça de esportes para a prática de jogos;
- e) Um completo serviço de bar e restaurante;
- f) Uma sala para ensino de reforço escolar para alunos carentes da comunidade;

TÍTULO II – CAPÍTULO I – DA ADMISSÃO DE SÓCIOS

Art. 3º. – A Sociedade é constituída de número ilimitado de sócios, não podendo contudo, esse número ser inferior a vinte.

Art. 4º. – Só poderá ser sócio da “A R C L” quem:

- a) Jogar de bom conceito moral e social;
- b) Apresentar sendo menor, autorização paterna ou do responsável legal;
- c) Pagar as contribuições previstas neste Estatuto.



M. Santos

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL
LARANJEIRENSE

Art. 5º. – São admitidas as seguintes categorias de sócios:

- I – Beneméritos
- II – Fundadores
- III – Remidos
- IV – Contribuintes

Art. 6º. – Será Benemérito o sócio a quem esse título for conferido pela Diretoria Executiva em atenção a relevantes serviços prestados a "ARCL", inclusive doações.

Art. 7º. – Será Fundador aquele que satisfizer todas as condições de ingresso e houver subscrito a ata de fundação da "ARCL".

Parágrafo Único – O sócio fundador além de ser isento do pagamento de mensalidades, não poderá ser eliminado do quadro social, exceto por falta grave, sendo-lhe concedida ampla defesa.

Art. 8º. – Será sócio Remido, isto é isento de pagamento de mensalidade, somente os que estão inscritos até a presente data.

Parágrafo Único – Para efeitos do presente artigo, todos os sócios fundadores automaticamente serão considerados sócios remidos.

Art. 9º. – Será sócio contribuinte, a pessoa física que satisfazendo a todas as condições de ingresso, tenha sido admitida na "ARCL", após 01 de março de 1981.

Art. 10º. – O Título de sócio Benemérito será feito mediante proposta da Diretoria Executiva, sendo conferido após votação secreta aprovada por dois terço dos seus membros.

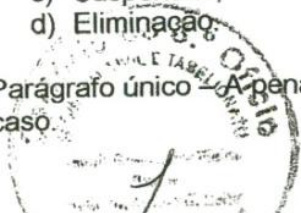
Art. 11º. – A admissão como sócio contribuinte será feita mediante proposta a Diretoria Executiva por um sócio quite com a "ARCL", sendo aprovada a proposta que for aceita pela maioria dos membros da Diretoria em votação secreta.

CAPÍTULO II – DAS MENSALIDADES, DEMISSÕES E READMISSÕES DE SÓCIOS

Art. 12º - Os sócios são passíveis das seguintes penalidades:

- a) Advertência verbal;
- b) Advertência escrita;
- c) Suspensão;
- d) Eliminação;

Parágrafo único – A pena de suspensão varia de 30 dias a um ano, conforme o caso.



Handwritten signature: J. Santos

LARANJEIRENSE

Art. 13º. – A competência das aplicações das penalidades é da Diretoria Executiva.

Art. 14º. – Cabe ao sócio punido o direito de recorrer da penalidade que lhe for imposta no prazo de dez dias contados da data da ciência, devendo o recurso ser dirigido a quem aplicou a punição.

Parágrafo 1º. – O recurso deverá ser encaminhado através do presidente a "ARCL", o qual tem 15 dias para ser decidido, a partir da data de seu recebimento.

Parágrafo 2º. – O sócio punido com a pena de suspensão, fica privado de seus direitos sociais, contudo não fica desobrigado de seus deveres com a "ARCL",

Art. 15º. – As pessoas da família do sócio também estarão sujeitas as penalidades previstas neste Estatuto, sendo-lhe contudo facultados, como aos sócios, os recursos estatutários.

Art. 16º. – Poderão ser eliminados do quadro social, os sócios contribuintes que:

- a) Se atrasarem em mais de 06(seis) mensalidades consecutivas e que devidamente cientificado, dentro de 30 (trinta) dias não ficarem quites com a "ARCL".
- b) Praticarem ato grave contra a moral, social ou desportiva;
- c) Forem condenados em sentença transitada em julgado, por ato desabonador;
- d) Atentarem contra o patrimônio da "ARCL".
- e) Fizerem propaganda política partidária nas dependências da "ARCL".

Parágrafo Único – Não cabe aos sócios eliminados ou demitidos por vontade própria nem as pessoas de sua família, a reivindicações de qualquer direito, ficando incorporado a "ARCL" todas as contribuições ou doações de qualquer espécie até a data da eliminação ou demissão.

Art. 17º. Nenhum sócio eliminado poderá ser readmitido sem o cancelamento da pena pela Diretoria Executiva.

Parágrafo Único – O cancelamento da pena poderá ser solicitado pelo próprio eliminado em qualquer época.

Art. 18º. Os sócios poderão por vontade própria, mediante pedido de demissão feito por escrito, ser excluído do quadro social, desde que esteja quites com a Associação.

Art. 19º. – Todo ex-sócio poderá solicitar readmissão, uma vez que satisfaça na época todas as condições de ingresso previstas neste Estatuto.

Parágrafo Único – A readmissão de ex-sócio será feita sempre na categoria de contribuinte, qualquer que tenha sido sua categoria social anterior, exceto os demitidos por vontade própria.

Mesanto
Wilton

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL LARANJEIRENSE

Art. 20º. – A readmissão do quadro social processar-se-á de acordo com as normas estabelecidas para a admissão, salvo em casos excepcionais, a juízo da Diretoria Executiva.

Art. 21º. – O sócio falecido será excluído do quadro social por falecimento, passando a ter o seu cônjuge ou dependente na qualidade de sócio, desde que passe a manter a contribuição social.

CAPÍTULO III – DOS DEPENDENTES

Art. 22º. – Para pertencer a “ARCL” na categoria de pessoa da família do sócio, é preciso:

- a) Ser proposto pelos sócios responsáveis;
- b) Atender as condições previstas no art. 4º.

Art. 23º. – Serão considerados dependentes:

- a) Esposa, mãe, irmão solteiro sem economia própria, filhas solteiras e filhos solteiros até completar 18 anos de idade, ou estudante até 24 anos de idade;
- b) Irmãos, sobrinhos, noivos, enteados e sogras que vivem sob a dependência econômica do sócio, se desquitados ou viúvas.

CAPÍTULO IV – DOS DIREITOS DOS SÓCIOS

Art. 24º. – São direitos dos sócios:

- a) votar, exceto os que não estejam quites com a “ARCL”;
- b) Ser votado, exceto os menores de 16(dezesseis) anos de idade;
- c) Frequentar a sede social da Associação e suas dependências;
- d) Comparecer a qualquer reunião, bem como tomar parte em qualquer competição esportiva, excursões ou passeios promovidos pela “ARCL”;
- e) Matricular-se em cursos mantidos pela “ARCL”;
- f) Proferir conferências de interesse cultural, cívico ou social nas dependências da “ARCL”, desde que previamente submetidas a apreciação da Diretoria Executiva;
- g) Retirar livros da biblioteca para leitura na sede social ou domicílio;
- h) Pedir demissão do quadro social desde que esteja quite;
- i) Propor-se admissão de novos sócios.



Handwritten signature: Mpsanto

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL LARANJEIRENSE

Parágrafo Único – Os direitos dos sócios são extensivos aos seus dependentes, de acordo como que preceitua o Art. 22º.

CAPÍTULO V – DOS DEVERES DOS SÓCIOS

Art. 25º – São deveres dos sócios:

- a) Contribuir para que a "ARCL" cumpra as suas finalidades;
- b) Portar-se com correção nas dependências da "ARCL" e dirigir-se em termos respeitosos aos membros da Diretoria;
- c) Evitar dentro das dependências da "ARCL" manifestações sobre política, raças e religiões;
- d) Acatar os membros da Diretoria e atender aos representantes sócios e funcionários da "ARCL", no exercício de suas funções regulamentares;
- e) Zelar com todo empenho pela conservação do material da "ARCL" e indenizá-la de qualquer prejuízo material que lhe causar;
- f) Adquirir a carteira social para comprovação de sua qualidade de sócio, bem como o cartão de frequência, para pessoas de sua família;
- g) Comunicar a secretaria por escrito, as alterações de endereços, profissão, estado civil e outras que afetem as declarações exigidas para a admissão e permanência do quadro social.
- h) Satisfazer as contribuições previstas neste Estatuto;
- i) Contribuir para que a "ARCL" promova a educação moral, física e cívica de seus sócios;
- j) Zelar pelo fiel cumprimento deste Estatuto, regulamentos, deliberações dos poderes competentes para a sua aplicação.

CAPÍTULO VI – DAS CONTRIBUIÇÕES

Art. 26º. – As contribuições da "ARCL" serão constituídas de mensalidades, equivalentes a 5% (cinco por cento) do salário mínimo regional.

Art. 27º. – O pagamento da mensalidade é individual, sendo que a primeira mensalidade tem início a partir do 1º. Dia do mês em que o sócio for incluído no quadro social.

Art. 28º. – O sócio fundador que faleceu será substituído por sua esposa ou por algum parente dedicado a ARCL, gozando dos mesmos direitos.

Art. 29º. – A Requerimento de interessado em casos excepcionais, e autorizado pela Assembléia Geral, o Presidente da "ARCL" poderá a título de licença suspender o pagamento da mensalidade pelo prazo máximo de 01(um) ano.

Parágrafo Único – O sócio licenciado não gozará das prerrogativas dos sócios ativos.



Handwritten signature and date: 11/05/2010

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL
LARANJEIRENSE

Art. 30º. – A fim de possibilitar a realização de empreendimento que acarretem despesas elevadas fora das possibilidades da "ARCL", poderá a Diretoria Executiva por ocasião de tais eventos, cobrar dos Associados que deles participarem, taxas, couvert, ou qualquer outro tipo de contribuição não prevista neste Estatuto, não podendo em hipótese alguma ser impedido o ingresso do sócio no clube.

TÍTULO III – DA ADMINISTRAÇÃO

CAPÍTULO I – DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 31º. – A "ARCL" será administrada pelos seguintes poderes:

- a) Assembléia Geral;
- b) Diretoria Executiva;
- c) Conselho Fiscal

Art. 32º. – A "ARCL" é representada ativa e passivamente, judicial e extrajudicialmente por seu Presidente.

CAPÍTULO II – DA ASSEMBLEIA GERAL

Art. 33º. – A Assembléia Geral é a reunião dos associados, com direito a voto, convocados conforme este Estatuto, com o objetivo de eleger a Diretoria, extinguir a "ARCL", ou resolver casos omissos deste Estatuto.

Parágrafo Único – Cada associado terá direito a um só voto e sendo permitido o voto por procuração ou qualquer outra modalidade de representação.

Art. 34º. – A Assembléia Geral reunir-se-á:

- a) Ordinariamente de quatro em quatro anos, no primeiro domingo do mês de março para eleger a Diretoria Executiva, o Conselho Fiscal e seus respectivos suplentes.
- b) Ordinariamente anualmente, no primeiro domingo do mês de março para aprovação das contas do ano anterior;
- c) Extraordinariamente em qualquer tempo, para preencher as vagas ocorridas na Diretoria ou resolver sobre casos omissos deste Estatuto ou ainda, resolver sobre a extinção da "ARCL".

Art. 35º. – A convocação da Assembléia Geral será feita pelo Presidente da Associação através de Edital ou Aviso ou a pedido de 20 (vinte) sócios quites, para tratar de casos urgentes, devendo a convocação ser feita com antecedência mínima de 07 (sete) dias.



Assunto
Assunto

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL
LARANJEIRENSE

Art. 36º. – É necessário para a realização da Assembléia Geral a presença de no mínimo 2/3 dos sócios com direito a voto, até 30 minutos depois da hora marcada para o seu início, isto na primeira convocação, sendo que em segunda convocação a reunião realizar-se-á com qualquer número.

Art. 37º. – A Assembléia Geral será presidida pelo Presidente da "ARCL" e secretariada pelo Secretário da "ARCL", ou seu substituto, reunido de fiscais escrutinadores, dois sócios indicados por aclamação na eleição pela Assembléia, por solicitação do seu Presidente ao abrir os trabalhos.

Art. 38º. – A Assembléia Geral, uma vez instalada, deliberará unicamente sobre a ordem do dia prevista no respectivo Edital de convocação e decidirá pelo voto de metade mais um dos presentes, em votação individual, secreta, considerando-se para fins de unificação de votos o número de pessoas que assinaram a Lista ou Livro de Presença.

Art. 39º. – A Ata da Assembléia Geral será lavrada e digitada de maneira circunstanciada, e registrada em livro próprio pelo secretário da reunião e, uma vez lida e achada conforme por todos os presentes será assinada pelos membros da mesa, Presidente, Secretário, Escrutinadores. Os demais associados presentes, assinarão a Lista ou Livro de Presença.

CAPÍTULO III – DIRETORIA EXECUTIVA

Art. 40º. – A Diretoria Executiva é o poder da administração, responsável pelo fiel cumprimento do presente Estatuto, competindo-lhe além das atribuições abaixo enumeradas, o conjunto dos que são defendidas neste capítulo a cada um dos seus membros:

- a) Administrar a "ARCL";
- b) Resolver sobre a admissão, transferência, demissão e readmissão de sócios;
- c) Impor as penalidades que lhe compete;
- d) Resolver sobre requerimentos de sócios;
- e) Permitir que pessoas não compreendidas na definição estatutária possam ser considerados como pertencentes a família dos sócios;
- f) Aprovar a substituição de sócio fundador falecido pelo parente mais dedicado a "ARCL";
- g) Regular o direito de frequência;
- h) Propor a concessão de títulos de Sócios Beneméritos, reforma ou emenda do Estatuto, bem como decisões sobre caso omissos no Estatuto;
- i) Elaborar regulamentos e regimentos;
- j) Resolver casos urgentes omissos no Estatuto;
- k) Fornecer ao Conselho Fiscal todas as informações e documentos por ele solicitado.

Antônio Gomes Leite Vieira
 Titular
 Hélio de Azevedo G. Leite

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL
LARANJEIRENSE

Art. 41º. – A Diretoria Executiva é composta de seis(06) membros, sendo um Presidente, um Vice-presidente, 1º. Secretário, 2º. Secretário, 1º. Tesoureiro e 2º. Tesoureiro.

Parágrafo Primeiro – Os membros da Diretoria Executiva terão mandato de quatro anos, podendo ser reeleito por mais quatro anos, caso assim decida a Assembléia Geral.

Parágrafo segundo – Somente poderão concorrer aos cargos de membros da Diretoria Executiva os sócios fundadores, e no caso de falecimento de algum desses, o parente mais dedicado a “ARCL”, após aprovação dos demais membros da Diretoria Executiva.

Art. 42º. – A Diretoria Executiva deverá reunir-se no mínimo uma vez por mês e não poderá decidir com menos da metade mais um dos seus membros.

Art. 43º. – Compete ao Presidente da “ARCL”:

- a) Responder pela administração e orientação geral da “ARCL”;
- b) Fazer executar as deliberações da Assembléia Geral, bem como fazer cumprir o Estatuto, Regulamentos e Regimentos;
- c) Representar a “ARCL” ativa e passivamente, judicial e extra-judicialmente em suas relações com terceiros podendo constituir mandatários;
- d) Convocar a Diretoria Executiva, bem como convocação extraordinária da Assembléia Geral;
- e) Expedir Carteiras sociais e cartões de frequência destinados às pessoas da família de associados;
- f) Aplicar penas e tornar efetivas as aplicações por outro poder;
- g) Conceder exoneração aos membros da Diretoria Executiva, licenciar os para afastamento do cargo até 90(noventa) dias, exceto o Vice-presidente;
- h) Rubricar todos os livros da “ARCL”;
- i) Nomear delegações e representantes do “ARCL”;
- j) Tomar conhecimento mensalmente do balancete e verificar o estado econômico e financeiro da “ARCL”;
- k) Nomear, suspender, dispensar e contratar empregados da “ARCL”;
- l) Autorizar despesas e ordenar o respectivo pagamento;
- m) Assinar com o Secretário, os diplomas, os cartões de frequência e as sessões da Diretoria, bem como Títulos e cartões de sócios;
- n) Assinar com o tesoureiro todas as despesas que envolvam responsabilidades financeiras;
- o) Assinar o Relatório Anual e os balancetes mensais em companhia dos demais membros da Diretoria;
- p) Assinar as ordens de pagamento;
- q) Manter a moralidade e o prestígio da Associação;
- r) Despachar o expediente da “ARCL”;



Assinatura
[Handwritten signature]

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL
LARANJEIRENSE

- s) Apresentar ao Conselho Fiscal até o dia 31 de janeiro um relatório anual das receitas e despesas da Associação para aprovação das contas do ano findo.

Art. 44º. – Compete ao Vice-presidente, substituir o Presidente em seus impedimentos e auxiliá-lo no exercício de suas atribuições.

Art. 45º. – Compete ao Secretário:

- a) Dirigir os serviços da secretaria, manter atualizados os registros da "ARCL", corrigir dados para o Relatório do Presidente, manter atualizados os arquivos, redigir e assinar correspondências da "ARCL", submetendo-as ao visto do Presidente e secretariar as reuniões da Diretoria;
- b) Manter sob controle os nomes dos sócios admitidos, readmitidos, transferidos de categoria ou demitidos, fazendo o mesmo nas reuniões da Diretoria para que os senhores diretores tomem conhecimento dos ocorridos.

Art. 46º. – Compete ao Tesoureiro:

- a) Movimentar a conta da "ARCL", juntamente com o Presidente, guardar valores sociais, receber as importâncias e manter em ordem a escrita da Associação;
- b) Submeter ao Presidente todas as propostas de despesas apresentadas pelos setores competentes para o devido visto e autorização;
- c) Manter em dia a escrita da Associação, apresentar balanços mensais à diretoria e um balanço geral ao fim de cada exercício.

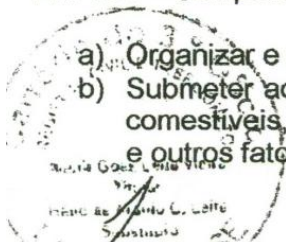
Art. 47º. – Para as atividades administrativas, sociais, culturais e esportivas, a Associação será dividida em departamentos: Administrativo, Social, Cultural e de Esportes, dirigidos por diretores escolhidos pela diretoria Executiva, com as seguintes atribuições:

Art. 48º. – Compete ao Diretor Administrativo:

- a) Organizar as atividades do Setor de Recursos Humanos;
- b) Promover Processos Licitatórios;
- c) Efetuar compras para a Associação;
- d) Controlar o Almoxarifado, renovando o estoque;
- e) Organizar junto com os Diretores Social, Cultural e de Esportes, eventos de caráter cultural e beneficente;
- f) Zelar pela conservação e limpeza da sede.

Art. 49º. – Compete ao Diretor Social:

- a) Organizar e dirigir festividade e reuniões sociais, artísticas e culturais;
- b) Submeter ao Diretor Administrativo, proposta para aquisição de bebida, comestíveis, e efetuar despesas com ornamentação do prédio, limpeza e outros fatos a seu cargo;



ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL
LARANJEIRENSE

Art. 50º. – Compete ao Diretor Cultural:

- a) Promover festa de caráter cultural e beneficente;
- b) Organizar e dirigir passeios, teatros, filmes, sempre promovendo e projetando o nosso folclore;
- c) Organizar uma biblioteca na "ARCL" iniciando com uma promoção de doação de livros e revistas;
- d) Manter uma sala para o ensino de reforço escolar para alunos carentes da comunidade;

Art. 51º. – Compete do Diretor de Esportes:

- a) Organizar, dirigir e incrementar a prática de esportes entre os associados da "ARCL";
- b) Responder pelo material esportivo da "ARCL" e mantê-lo sob sua guarda;
- c) Promover a realização de competições esportivas;
- d) Apresentar a Diretoria quando solicitado, relatório de sua tarefa;
- e) Submeter ao Diretor Administrativo, proposta para a aquisição de material necessário as suas atividades, bem como outras despesas que se impuserem.

CAPÍTULO V – DO CONSELHO FISCAL

Art. 52º. – O Conselho Fiscal é constituído por três (03) membros e três (03) suplentes eleitos em Assembléia Geral, com mandato de quatro anos, com as seguintes atribuições:

- a) Apreciar e dar parecer sobre o Balancete geral da "ARCL";
- b) Submeter a Assembléia Geral a fornecer dados sobre o Balancete Geral, contas anuais da Associação e Relatório do Presidente, ao fim de cada exercício, oferecendo sugestões.

CAPÍTULO VI – CASOS DE DISSOLUÇÃO DA "ARCL"

Art. 53º 3. – Afora os casos de extinção legal da Associação, esta somente pode dissolver-se:

- a) Por deliberação da Assembléia Geral em reunião da qual participarem no mínimo 2/3 dos seus sócios fundadores e remidos;
- b) Pela retirada de todos os sócios efetivos.



**ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL
LARANJEIRENSE**

Parágrafo Único – Na hipótese de dissolução da Associação, a porção líquida do seu Patrimônio será recolhida a Associação Filantrópica nesta cidade.

CAPÍTULO VII – DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 54º. – Fica vedado expressamente a Associação exercer qualquer atividade de caráter político-partidário, tendo em vista as suas finalidades específicas previstas no art. 1º deste Estatuto.

Art. 55º. – É defeso aos diretores, associados, benfeitores e instituidores receberem qualquer tipo de remuneração da ARCL, bem como é proibido a distribuição de rendas e eventuais excedentes financeiros, devendo suas rendas e excedentes serem aplicados integralmente no Território Nacional, visando a consecução dos objetivos sociais.

Art. 56º. – A Associação Recreativa e Cultural Laranjeirense que teve a sua fundação como origem, do Bloco Carnavalesco "Laranjeirense", de tradições culturais e folclóricos conhecidos nesta cidade, manterá as cores "vermelho e branco" característica do referido Bloco, em todos os seus empreendimentos, sendo estas portanto as cores da "ARCL", a serem adotadas em bandeiras, flâmulas, dísticos e emblemas do clube, reservando como seu direito patrimonial o Hino do Clube carnavalesco "Laranjeirense".

Parágrafo Único – Fica proibido o uso do Hino do Clube Carnavalesco "Laranjeirense" sem a devida aprovação da Diretoria Executiva.

Art. 57º. – Os casos omissos do presente "Estatuto" serão resolvidos pela Diretoria, ouvindo a Assembleia Geral.

Art. 58º. – Este "Estatuto" entrará em vigor a partir de sua aprovação. Laranjeiras(SE), 1º de julho de 2006.

Maria de Fátima Santos
Maria de Fátima Santos
- Presidente -

Ana Maria Sampaio Barreto
Ana Maria Sampaio Barreto
- Vice-Presidente -

TÍTULOS E DOCUMENTOS
OFÍCIO DO 3.º OFÍCIO
LARANJEIRAS - SERGIPE



Apresentado hoje para registro apostado sob nº do livro 258
ordem 3654 dep. 181a/1960
A 01 de 07 de Julho de 2006
Laranjeiras (SE)

